



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MARÍLIA CRISTINA DE QUEIROZ

**FOTOGRAFIA, MODERNIDADE E INFÂNCIA NAS PÁGINAS DA REVISTA
PARAIBANA ERA NOVA (1921-1926)**

CAMPINA GRANDE – PB

2023

MARÍLIA CRISTINA DE QUEIROZ

**FOTOGRAFIA, MODERNIDADE E INFÂNCIA NAS PÁGINAS DA REVISTA
PARAIBANA ERA NOVA (1921-1926)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História, Cultura e Cidade

Orientador: Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto

CAMPINA GRANDE – PB

2023

Q3f

Queiroz, Marília Cristina de.

Fotografia, modernidade e infância nas páginas da Revista Paraibana *Era Nova* (1921-1926) / Marília Cristina de Queiroz. - Campina Grande, 2023.

138 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto."

Referências.

1. História Cultural. 2. Fotografia. 3. Modernidade. 4. Infância. 5. Higienistas. 6. Abandono. I. Sobrinho Neto, Joachin de Melo Azevedo. II. Título.

CDU 930.85(043)

MARÍLIA CRISTINA DE QUEIROZ

**FOTOGRAFIA, MODERNIDADE E INFÂNCIA NAS PÁGINAS DA REVISTA
PARAIBANA *ERA NOVA* (1921-1926)**

Texto dissertativo avaliado em ____/____/____ com o aceito _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Orientador
Universidade de Pernambuco – (UPE – PPGH – UFCG)

Prof. Dr. Severino Cabral Filho – Examinador Interno
Universidade Federal de Campina Grande (PPGH – UFCG)

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Cipriano – Examinadora Externa
Universidade Estadual da Paraíba (DH – UEPB)

Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha – Suplente Interno
Universidade Federal de Campina Grande (PPGH – UFCG)

Prof.^a Dr.^a Máira Lewtchuck Espindola – Suplente Externa
Universidade Federal da Paraíba (DHP – UFPB)

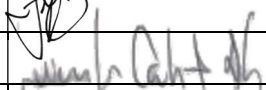
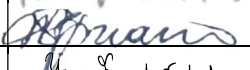
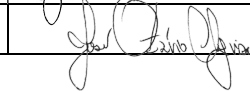


UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Às 15:00h (quinze horas) do dia 28 (vinte e oito) de março de 2023 (dois mil e vinte e três), através da sala de videoconferência da Universidade Federal de Campina Grande, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo(a) aluno(a) **Marília Cristina de Queiroz**, intitulada: "FOTOGRAFIA, MODERNIDADE E INFÂNCIA NAS PÁGINAS DA REVISTA PARAIBANA ERA NOVA (1921-1926)", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **"Aprovado"**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Joachin Azevedo Neto - Orientador(a), Severino Cabral Filho - Examinador(a) Interno(a) e Maria do Socorro Cipriano - Examinador(a) Externo(a). Assina também a presente Ata o Secretário do PPGH Yaggo Fernando Xavier de Aquino e o Coordenador do PPGH José Otávio Aguiar, para os devidos efeitos legais.

Parecer: Feita a apresentação pontual do trabalho pela discente e as considerações da banca examinadora, ficou ressaltado a qualidade do trabalho e a necessidade de submeter o texto final a revisão ortográfica e pequenas modificações na ordem cronológica disposta em alguns trechos da dissertação.

Lista de Presença

Orientador (a)	Joachin Azevedo Neto	
Examinador(a) Interno(a)	Severino Cabral Filho	
Examinador(a) Externo(a)	Maria do Socorro Cipriano	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino	
Coordenador	José Otávio Aguiar	

Campina Grande-PB, 28 de março de 2023.

Com gratidão dedico essa pesquisa a Deus, pois nunca me abandonou, sempre guiou meus passos e iluminou meus caminhos, mesmo quando me esqueço de agradecer, ele nunca me abandonou nas minhas dificuldades e incertezas, nas noites de tristezas e de pensamentos negativos foi Deus que me concedeu forças para continuar. Obrigada, Senhor Deus!

AGRADECIMENTOS

“A gratidão é o único tesouro dos humildes.” – William Shakespeare.

Agradecer é uma arte, uma dádiva, agradecer significa reconhecermos a importância do outro, dos outros em nossas vidas, antes de agradecer a todos os que tanto contribuíram para essa pesquisa, agradeço a mim mesma por nunca ter permitido que as barreiras e as adversidades da vida fizessem com que eu desistisse dos meus sonhos, por muitas vezes pensei em abandonar o projeto do mestrado, lembro de quantas lágrimas derramei diante de tantos problemas que enfrentei na minha vida pessoal e na jornada acadêmica, aqueles que convivem comigo sabem o quão me questioneei se realmente era capaz de conseguir, se esse sonho não passava apenas de uma ilusão da minha mente, hoje digo que sim, eu sou capaz! Todos nós somos capazes de conseguirmos realizar nossos sonhos. Agradeço a todas as experiências que tive, sejam elas alegres, desafiadoras ou tristes, todas me ajudaram a conseguir esse título que agora compartilho com todos vocês.

Ao meu orientador, Joachin Azevedo, obrigada por ter me acolhido com tanta dedicação e paciência, por todas as leituras e correções sem a sua contribuição essa pesquisa não teria sido concluída, por ter acreditado no meu potencial e na minha escrita quando, em muitos momentos, nem eu mesmo acreditava que conseguiria, todos seus dizeres me foram de grande aprendizado no decorrer dessa pesquisa e com certeza levarei para toda minha vida. Obrigada pela confiança depositada, o senhor é um ser humano admirável!

A minha banca examinadora, composta pela estimada professora Maria do Socorro Cipriano, a quem tenho um grande carinho e admiração, um ser humano que merece ser aplaudida de pé por toda sua dedicação e comprometimento com a educação e com seus alunos, e também por sua generosidade e bondade. Obrigada por estar presente na minha vida acadêmica desde minha graduação, a senhora contribuiu grandemente para esse trabalho que surgiu ainda nas nossas conversas durante meu TCC, ele carrega marcas do que aprendi e continuo aprendendo com a senhora. Minha eterna gratidão!

A minha banca examinadora, o professor Severino Cabral Filho, obrigada por ter aceitado meu convite para compor a banca, agradeço por todas as contribuições que o senhor me concedeu, elas me foram de grande importância para o desenvolvimento dessa escrita, me fizeram analisar minha fonte histórica a partir de novas abordagens, muito obrigada!

À professora Aline Praxedes, graças a senhora ampliei meu conhecimento histórico, meu campo de pesquisa. Sempre me incentivando e mostrando que sou capaz, a senhora nunca duvidou do meu potencial. Obrigada por todo o seu cuidado com o meu futuro profissional.

A minha professora Damiana Matos, suas aulas contribuíram grandemente para essa pesquisa, todos os seus ensinamentos fizeram com que esse texto evoluísse, a senhora é uma professora exemplar e um ser humano admirável dedicada com a educação e com seus alunos.

À Universidade Federal de Campina Grande e aos funcionários da Coordenação do Programa de Pós-graduação em História da UFCG, em especial ao professor José Otávio e ao Yago que sempre me ajudaram com minhas dúvidas e solicitações, meu eterno agradecimento.

Ao meu grande amor Milena Marques, você esteve comigo durante toda minha graduação, foi você quem me ligou falando que fui aprovada no curso de Licenciatura de História, e foi ao seu lado que vi meu nome como aprovada no Programa de Pós-graduação em História da UFCG, obrigada meu amor por estar sempre comigo, segurando nas minhas mãos e falando que sim, eu sou capaz, abraçando-me nos momentos tão difíceis, nas noites tristes e angustiosas era nos seus braços que encontrava forças para seguir e não desisti, desculpa por todos os estresses, sei que não foi fácil me aguentar nessa caminhada, mas você continuou e me mostrou que nunca vai desistir de mim, de nós. Um dia comemorei a graduação com você, hoje comemoro o mestrado e logo será um concurso e um doutorado. Minha eterna gratidão a você!

Aos meus pais que sempre me incentivaram a seguir o caminho da educação, proporcionando-me condições para isso, sou grata por tudo que fizeram e fazem por mim. E ao meu sobrinho maravilhoso, Matheus Bezerra, que sempre me elogiou e admirou toda minha dedicação a esse trabalho.

A minha tia Inês Batista com quem sempre compartilhei minhas alegrias e frustrações, a senhora é um ser humano de luz, sou imensamente feliz por tê-la na minha vida, obrigada por todos os incentivos, a senhora sempre me fez acreditar que sou capaz de conquistar todos os meus objetivos. Dedico com todo meu carinho e amor essa pesquisa a senhora!

Aos meus grandes amigos que a academia me apresentou e que levo e levarei por toda minha vida, Maria Emília e Edvaldo Lacerda vocês me ensinaram muito, me proporcionaram momentos inesquecíveis que guardarei na memória sempre, são a prova de uma amizade verdadeira, obrigada por estarem do meu lado em todos os momentos. Essa conquista também é de vocês.

Aos meus amigos, Homerio Oliveira e Valdeir Santos, dois seres humanos de luz, alegria e confiança, sou muito feliz por ter conhecido vocês, ter a presença de vocês na minha vida é uma honra.

A minha amiga Leni Reis, obrigada por sempre me incentivar a voar, a conquistar meus sonhos, a sempre me lembrar que sou maior que qualquer problema, sei que posso contar com você em todos os momentos da minha vida, e isso me conforta e alegra, quero ainda lhe dar muito orgulho e alegrias, você é e sempre será um ser de luz.

Reafirmo aqui todo o meu agradecimento a todos os que contribuíram para esse fazer historiográfico!

RESUMO

Essa dissertação teve por objetivo analisar os registros fotográficos conscientes que os mesmos fornecem informações genuínas e importantes sobre os sujeitos e o mundo vivido quando consideradas fontes históricas. Partindo dessa premissa, buscamos investigar fotografias que retrataram a infância de crianças pertencentes às elites sociais e as crianças pobres, abandonadas e órfãs paraibanas, publicadas no periódico *Era Nova* entre 1921 e 1926, constatamos que essas imagens da infância da elite buscaram reforçar o ideário eugenista e higienista difundido durante o processo de consolidação da Primeira República por amplos setores da mídia brasileira, enquanto as fotografias referentes à Infância Desvalida busca apresentar uma sociedade preocupada com o desenvolvimento das crianças, uma Parahyba estruturada na benevolência e na caridade, essas imagens se constituíam como uma espécie de enaltecimento da classe da elite e do Estado. Tudo estava organizado nas páginas da *Era Nova* para apresentar ao público e guardar para a posterioridade uma Imagem de uma Parahyba do Norte moderna que dia após dia se modificava de acordo com o processo de modernização e urbanização, processo esse que teve como um dos grandes alvos as crianças, imbricadas de significações e representações essas modificações tiveram como grande intuito contribuir para o pleno desenvolvimento desses *petyzes* sejam eles ricos ou pobres, brancos ou negros, a cidade buscou cuidar e abrigar a Infância. Essa pesquisa historiográfica se ancorou nas tramas da História Cultural e nos Estudos das Sociedades com a metodologia da análise das fotografias pelo prisma de Barthes e Ana Mauad através de dispositivos do filtro cultural e das intencionalidades, na compreensão para a construção da infância ideal teceremos um diálogo com Jurandir Freire e o conceito de higienismo e eugenismo. Na criança já se esboça o homem e a mulher do amanhã, do futuro e pelo o que ela é hoje já se advinha o que será a sociedade futura, por isso a infância passa a ser alvo dos grandes debates das autoridades e dos intelectuais do século XX, se não cuidada e disciplinada a sociedade futura estaria reservada ao fracasso.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia. Modernização. Infância. Higienistas. Abandono.

ABSTRACT

This dissertation aimed to analyze the conscious photographic records that they provide genuine and important information about the subjects and the lived world when considered historical sources. Based on this premise, we sought to investigate photographs that portrayed the childhood of children belonging to the social elites and poor, abandoned and orphaned children from Parahyba, published in the periodical *Era Nova* between 1921 and 1926, we found that these images of the childhood of the elite sought to reinforce the eugenicist ideology and hygienist widespread during the process of consolidation of the First Republic by broad sectors of the Brazilian media, while the photographs referring to Infância Desvalida seek to present a society concerned with the development of children, a Parahyba structured on benevolence and charity, these images were constituted as a kind of exaltation of the elite class and the State. Everything was organized on the pages of *Era Nova* to present to the public and keep for later an Image of a modern Parahyba do Norte that day after day was modified according to the process of modernization and urbanization, a process that had as one of the main targets the children, intertwined with meanings and representations, these modifications had the great intention of contributing to the full development of these petyzes whether they are rich or poor, white or black, the city sought to care for and shelter Childhood. This historiographical research was anchored in the plots of Cultural History and in the Studies of Societies with the methodology of the analysis of photographs through the prism of Barthes and Ana Mauad through devices of the cultural filter and intentionalities, in the understanding for the construction of the ideal childhood we will weave a dialogue with Jurandir Freire and the concept of hygienism and eugenics. In the child, the man and woman of tomorrow, of the future, are already outlined, and by what he is today, it is already guessed what the future society will be, that is why childhood becomes the target of the great debates of the authorities and intellectuals of the 21st century. xx, if not cared for and disciplined, the future society would be reserved for failure.

Keywords: Photography. Modernization. Infancy. Hygienism. Abandonment.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Parahyba de Hoje	31
Imagem 2 – Sede do Jornal A União	32
Imagem 3 – Obras do Porto	40
Imagem 4 – A Grande Draga	41
Imagem 5 – Era Nova	42
Imagem 6 – Construção do Edifício Correios e Telégrafos	44
Imagem 7 – Fachada Principal do Quartel do 22º Batalhão de Caçadores	44
Imagem 8 – Rua Maciel Pinheiro	46
Imagem 9 – A FIRMA REINALDO DE OLIVEIRA & C	48
Imagem 10 – INTERIOR DA FIRMA REINALDO DE OLIVEIRA & C	49
Imagem 11 – Jardim Público	51
Imagem 12 – INSTANTANEO – No Jardim Público	51
Imagem 13 – Parque Arruda Câmara	56
Imagem 14 – Anúncios Automobilísticos	57
Imagem 15 – Senhorinha Maria do Ceu Silva	59
Imagem 16 – Criança Com Carro	60
Imagem 17 – Os Futuristas de Amanhã	68
Imagem 18 – Enlace Leite-Lucena	70
Imagem 19 – Typo de Família Sertaneja	73
Imagem 20 – Enlace Matrimonial	77
Imagem 21 – Anúncio Publicitário	80
Imagem 22 – Galeria Infantil	82
Imagem 23 – Galeria Infantil	83
Imagem 24 – Notas Infantis	84
Imagem 25 – Primeira Comunhão	87
Imagem 26 – Galeria Infantil	88
Imagem 27 – Anúncio Publicitário	94
Imagem 28 – A Esperança da Pátria	97

Imagem 29 – Santa Casa da Misericórdia	106
Imagem 30 – Gabinete de Operação da Maternidade	116
Imagem 31 – Um dos dormitórios da Maternidade	116
Imagem 32 – Edifício da Polyclínica Infantil	120
Imagem 33 – Grupo de senhorinhas e crianças que tomaram parte do festival realizado no dia 21 no Santa Rosa	123
Imagem 34 – Clínica de Assistência Dentária	125
Imagem 35 – Edifício do Orfanato D. Ulrico	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo I – FOTOGRAFIAS, SOCIEDADE E MODERNIDADE NA URBE DA PARAHYBA DO NORTE (1920-1930)	24
Capítulo II – ELITES, HIGIENIZAÇÃO SOCIAL E CONDIÇÃO INFANTIL	62
Capítulo III – INFÂNCIAS DESVALIDAS: EXCLUSÃO SOCIAL, ESQUECIMENTO E ABANDONO	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135

INTRODUÇÃO

*A coisa mais agradável para os parentes era possuir retratos de seus filhos desde a primeira infância.*¹

Os dizeres acima demonstram a importância do registro imagético na nossa vida, nossa história não seria a mesma sem as fotografias, sem nossos retratos. As fotografias revelam nossos rostos quando crianças, nos aproxima daquilo que um dia fomos e que não conseguiríamos imaginar sem o registro fotográfico, tornando-a um instrumento de memória, de rememoração, uma maneira de produzir lembranças para o futuro e, registrar histórias minhas, suas e dos outros para a posterioridade. A Imagem Fotográfica possibilita momentos agradáveis em nossa vida, como sentar no sofá com nosso álbum fotográfico em mãos para reviver momentos passado, os quais jamais poderão repetir-se igualmente.

A Imagem Fotográfica sempre exerceu um verdadeiro fascínio sobre a sociedade, conquistando a cada dia cidadãos no mundo inteiro, o desejo era mútuo entre homens e mulheres de diferentes etnias e classes sociais de terem suas faces e seus momentos familiares eternizados. Mas o que de fato seria a Fotografia? Um fragmento do passado? Uma recordação? Representações? Janelas da verdade? Autenticidade? Inúmeras são as classificações que os estudiosos designam para fotografia. Para o crítico literário Roland Barthes, a Fotografia se esquivava das classificações, ao seu ver, a mesma é inclassificável. Isso se dá pelo fato que “aquilo que a fotografia reproduz até o infinito só aconteceu uma vez. Ela repete mecanicamente, o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p. 13). Podemos reproduzi-la infinitamente em um pequeno pedaço de papel, dado aos avanços tecnológicos, mas será impossível retornar ao instante da tomada fotográfica, afinal não conseguimos retornar no tempo para repetir aquele registro fotográfico. O tempo, os sujeitos, a paisagem e os objetos são congelados na fotografia, e não na nossa vida, dessa maneira o momento da tomada fotográfica nunca será o mesmo.

Quando seguramos em nas mãos os nossos registros fotográficos, estamos revivendo momentos únicos que vivenciamos, ou que os outros viveram. Ver a Imagem Fotográfica é ter a certeza que aquilo que ela nos mostra um dia realmente esteve diante da câmera, independente das circunstâncias, aquilo aconteceu: “*Essa Fotografia é real!* Na Fotografia jamais posso negar que a coisa esteve lá. Há uma dupla posição conjunta: de realidade e de passado” (BARTHES,

¹ Revista Era Nova, 1921, N.º17, p.24.

1984, p.115). Nossa própria interpretação perante os registros fotográficos quando afirmamos: *Isso é isso! Isto foi assim!* Consolida a veracidade do ato fotográfico passado, interpretamos e narramos no primeiro momento o que está visível naquela fotografia, atestando que o momento de fato aconteceu, entretanto, sabemos que uma imagem não nasce sem intenções, as mesmas são fabricadas por sujeitos marcados pelo seu próprio tempo histórico, são, sobretudo, representações sociais e culturais. Conscientes disso, surgem questionamentos sobre a Imagem Fotográfica, como: *O que há por trás dela? Suas intencionalidades?* Para isso, é necessário de acordo com Barthes, “escrutar a imagem” (BARTHES, 1984, p. 148), ou seja, virar a foto, entrar na profundidade da imagem, revelar o que está invisível, acessar o *Studium*² da fotografia.

Os registros fotográficos emanam informações genuínas e importantes sobre os sujeitos e o mundo, tidas como fontes históricas as fotografias têm muito a nos falar sobre a humanidade, contidas de sentidos que devem ser interpretados e desvendados. Na obra *Sobre fotografia*, a historiadora Susan Sontag sugere que devemos ter uma postura crítica diante da fotografia: “aqui está a superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência” (SONTAG, 2004, p. 30). Sontag nos faz um convite; desvendarmos o que há por trás da fotografia. Ressaltando, entretanto, que para isso é necessário termos conhecimento da realidade representada na imagem, conhecimentos prévios não são suficientes, é essencial termos uma bagagem de leitura e estudos sobre o período retratado, pois o nosso desconhecimento poderá levar a múltiplos equívocos.

Desde seu surgimento, em 1839, a máquina fotográfica acompanha a humanidade, assumindo funções e tendo os mais diferentes usos nas sociedades, principalmente por aquelas que adotaram a fotografia como uma forma moderna de representação, a qualidade da verossimilhança, ou seja, sua capacidade de copiar fielmente o sujeito, a cena, foi seu grande trunfo em relação as demais formas de representações existentes na época. Susan Sontag em *Sobre Fotografia*, problematiza como lidamos, usamos e nos relacionamos com as fotografias. No que se refere à maneira como os instantâneos agregam *status* social aos fotografados, a autora pontua que “comemorar as conquistas de indivíduos tidos como membros da família (e também de outros grupos) é o uso popular mais antigo da fotografia” (SONTAG, 2004, p.10). As câmeras passaram a compor a vida familiar, em um primeiro momento, capturando em suas lentes rostos e ritos sociais de determinados grupos sociais abastados. Em todas as sociedades

² Segundo Barthes (1984), o conceito de *Studium* se relaciona diretamente com o inventário cultural, geralmente codificado, expresso da imagem fotográfica. A partir do *Studium* encontramos as intenções do próprio fotógrafo, e dos que solicitaram o registro fotográfico, espécie de contrato cultural entre criadores e consumidores. Reconhecer o *Studium* nas fotografias significa compreendê-las como um campo de estudo, um terreno de saber e da cultura de outrora, através dela obtemos informações sobre o passado.

do mundo, determinados momentos da vida de seus membros são marcados por cerimônias, conhecidas como ritos sociais – “os ritos marcam momentos especiais da vida social” (LEOPOLDI, 1978, p. 21). Nascimentos, batismos, noivados; casamentos, formaturas, aniversários; entre outros, são fatos dotados de grande carga simbólica. Nas sociedades modernas, principalmente nas famílias de alto poder aquisitivo, todos esses ritos eram registrados pelas câmeras, como uma forma de representação e memória familiar, consciente que a fotografia preservaria fielmente aquele momento para o futuro.

A fotografia foi e ainda continua sendo utilizada como uma janela para o passado, forma de representação que abriu inúmeras possibilidades de estudo e abordagens, fonte histórica que nos convida a descortiná-la, a romper com os silêncios. É uma marca de uma temporalidade passada, que nos informa sobre determinados aspectos desse passado, mas também omite informações, é um documento criado e construído que muito tem a nos falar, a fotografia não é restrita unicamente à cena retratada, como nos esclarece Carvalho, Filippi e Lima:

Essas novas abordagens valorizam duplamente a fotografia porque dão ênfase não somente aos temas que nela aparecem retratados, mas à forma como esses temas são constituídos. Assim, os atributos técnicos e formais da imagem fotográfica assumem um papel relevante no entendimento de questões ligadas à noção de natureza, cidade, progresso, modernidade, infância, indivíduo, identidade, apenas para citar aqueles temas mais recorrentes. (CARVALHO; FILIPPI & LIMA, 2002, p. 11)

A fotografia tem uma pluralidade de sentidos que necessita ser interpretada, consciente disso e envolvida com a História da Fotografia e suas possibilidades, descobri um “universo de representatividade” fotográfica nos acervos da Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida. Foi por intermédio dos arquivos que encontrei, na respectiva Biblioteca, que os estudos sobre a Fotografia passaram a fazer sentido na minha jornada acadêmica e pessoal. Os estudos sobre a imagem fotográfica sempre me cativaram, despertaram minha atenção, entretanto, tudo aquilo que lia e que analisava eram produções de outras pessoas, em muitos momentos me questionava como poderia associar essa teoria com a prática, para isso precisaria de um objeto de estudo, uma fonte histórica. *Mas qual objeto de estudo?*

Nos acervos da Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida, localizada na cidade de Campina Grande-PB, buscamos pelos indícios que embasam este estudo. Encontramos as fontes impressas e imagéticas que possibilitaram o andamento dessa pesquisa disponíveis para consulta pública. As fotografias presentes nas revistas ilustradas das primeiras décadas do século XX, na Parahyba do Norte, destacam não só os ritos sociais, mas também a modernidade, a cidade, o progresso e, sobretudo, a infância (nessas revistas as crianças ocuparam um espaço de grande destaque). Essas fotografias viabilizaram o seguinte roteiro de investigação histórica:

conhecer a cidade da Parahyba do Norte para além dos textos escritos, problematizando o seu processo de modernização e enveredando pelo campo dos estudos sobre norma familiar para compreender a importância dada à infância entre 1921 a 1930.

Salientamos acima que o recorte temporal desta pesquisa está ambientado nos anos de 1921 à 1930: período marcado pela efervescência dos acontecimentos econômicos, sociais, políticos e culturais na História do Brasil, parte do país seguia o rumo do processo modernizador representado não só nas artes, na literatura, mas também na urbanização das cidades, que ganha novas formas e espaços, modificando o cotidiano e os costumes dos cidadãos. Veremos nessa delimitação temporal discursos (textos escritos – imagéticos) em torno de um projeto de construção de identidade de uma nação moderna, racialmente pura, sadia e higienizada, uma nação civilizada aos moldes europeus.

A então Parahyba do Norte é uma das capitais que irá se lançar nos rumos do progresso – modernidade, configurações culturais de um Estado “atrasado” e arcaico eram agora reprimidas, cedendo espaço para uma sociedade moderna, industrializada e urbana. Esse projeto de modernidade desejado para a Parahyba ganhará notoriedade com a criação da *Revista Era Nova* cujo primeiro exemplar sai no dia 27 de março de 1921, minha definição para o recorte temporal dessa pesquisa para além do que já foi dito, está interligada, sobretudo, com a criação desse quinzenal ilustrado, nunca a fotografia fora tão divulgada em um veículo de imprensa no Estado da Parahyba como nessa revista, esse momento seria sem sombra de dúvidas um grande marco na historiografia paraibana.

As revistas ilustradas têm grande importância para as investigações historiográficas, nos fornecendo em suas páginas imagens e textos com informações sobre determinado período da sociedade, as quais posteriormente poderão ser usadas como índice, marca de uma materialidade passada, fonte documental, aqui particularmente veremos que esse quinzenal constitui importante e riquíssima fonte iconográfica da sociedade paraibana das primeiras décadas do século XX.

A *Revista Era Nova* surgiu na cidade de Bananeiras, no Estado da Parahyba do Norte, fundada pelo jornalista e literato Severino Lucena que posteriormente transferiu o núcleo da revista para a capital do Estado. De caráter noticioso e literário, a magazine *Era Nova* circulou entre os anos de 1921 a 1926 representando um símbolo de modernidade para elite paraibana, nela será documentado as obras modernizadoras do Estado, assim como os grandes momentos da vida familiar – os seus ritos sociais, e sobretudo será publicado nessas páginas os rostos dos cidadãos.

De acordo com Bertrand Lira (1997), a Paraíba verá a atividade fotográfica se expandir na segunda década do século XX quando sua capital e algumas de suas cidades passam por mudanças importantes, principalmente com a instalação de obras contra as secas que cortaram o estado com estradas rodoviárias e ferroviárias; obras de saneamento; reformas de prédios antigos; construção e reformas das praças; construções de prédios com padrões modernos; reforma do Palácio do Governo; abertura e alinhamento de ruas; instalação de energia elétrica; construção do Porto Varadouro e da Escola Normal. Todas essas ações tinham o intuito de modernizar a Parahyba, e foram amplamente divulgadas nas páginas da *Era Nova*, como veremos no decorrer dessa pesquisa.

Se as cidades são modificadas, consequentemente o cotidiano dos cidadãos também serão remodelados, principalmente, suas práticas culturais e de sociabilidade. Tal afirmação constatamos ao analisarmos o *uso da fotografia* nas primeiras décadas do Século XX, que até então eram confinados unicamente nos álbuns de família, limitado ao circuito de exibição doméstico, essas fotografias saem agora do âmbito privado para o público, aqui particularmente, por intermédio da revista *Era Nova*. O álbum de fotografia se tornou um objeto de grande representação e valor simbólico, onde estão registrados todos os momentos importantes da vida familiar. É o espelho onde a família encontra refletida a imagem que pretende ver e mostrar de si: a imagem ideal. Havendo uma metamorfose nesse período, todo o valor simbólico envolvido no álbum de fotografia foi direcionado para esse quinzenal, que se somara ao desejo dos cidadãos terem suas faces e seus ritos sociais impressos em um ícone moderno, sendo fundamental dar a melhor imagem de si mesmo, por isso os fotografados passavam por um processo ritualístico para a tomada fotográfica que envolvia poses, objetos, mobílias, cenários, vestimentas, entre outros, tudo era milimetricamente organizado pelo fotógrafo e pelo seu cliente, era o *novo hobby* da elite paraibana.

Para a historiadora Alômia Abrantes (2010) a *Era Nova* age como impulsionadora da modernização na *Parahyba do Norte* e de sua elite, será justamente nas fotografias publicadas por esse periódico, que veremos a representação da *cidade moderna e do sujeito moderno*. No Estado havia uma elite econômica, política e cultural ávida pelo o que a fotografia representava, veremos o rosto e os ritos sociais dessa elite impressas na *Era Nova*, todos desejosos de comprovar a sua opulência de classe hegemônica. O fato de se ter uma fotografia impressa em um quinzenal que era consumido por uma elite social e intelectual da época, simbolizava que aquele retratado ou sua família pertencia à classe dominante da sociedade.

Ícone do moderno para um público de classe média urbana, inclusive pelo seu aspecto gráfico: impressa em papel couché, exibia então uma aparência primorosa, sendo

ilustrada com muitas imagens – prevalecendo os retratos de pessoas – e, por vezes, utilizando cores e fontes diversas no texto, além de grafismos e delicados desenhos que ornaram as páginas, e tons de sépia em várias fotografias. A *Era Nova* pode ser considerada uma precursora dessas práticas na imprensa brasileira. Além do que, sua impressão, de ótima qualidade para os padrões da época, garantia reproduções nítidas das fotografias, por vezes também fazendo uso do pictorialismo, caracterizado pelas técnicas de pintura sobre fotos. (ABRANTES, 2011, p. 04).

Como seu próprio nome nos revela, a revista *Era Nova*³ apresenta em suas páginas um caráter modernizador, uma nova época a ser vivenciada pela sociedade, “*era do moderno e civilizado*”. Mas já adianto que as páginas desse magazine dividiam espaço ainda com os pensamentos conservadores dos críticos à modernidade. Era a linha tênue entre tradição e a modernidade presentes nas folhas do quinzenal. A *Era Nova* se encontrava no mesmo nível de importantes revistas do Brasil, como, por exemplo, a renomada *Fon-Fon*⁴ carioca. Era nítida a intenção do seu *corpus* editorial em criar um periódico referencial para a Paraíba do Norte que atraísse não só os olhares da elite, mas também o desejo de ter suas faces e seus enlances familiares impressas naquelas páginas, para isso foi criada uma seção especial:

[...] fica criada nesta revista uma seção especial onde serão estampados os retratos dos nossos amáveis leitores, mediante exclusivamente paga dos clichês. Aceitamos para estampar, retratos, vistas de cidades, de estabelecimentos, fábricas, residências, grupos, instantâneos de festas íntimas etc. (ERA NOVA, Nº 56, 1924, p.11)

Acompanhando esse anúncio seguia uma tabela de preços informando aos leitores quanto custaria para ter sua foto estampada na revista. Uma fotografia de página inteira custaria 100\$000 (cem mil réis) quanto à fotografia de menor tamanho custaria 15\$000 (quinze mil réis). Ou seja, o retratado teria que desembolsar uma grande quantia em dinheiro para conseguir ter seu retrato na *Era Nova*, isso servia sobretudo para reforçar o pensamento de pertencimento à elite paraibana.

Analisando cuidadosamente as edições da *Era Nova* perceberemos que todas suas capas eram estampadas com retratos da sociedade paraibana composta em sua grande maioria por mulheres, esbanjando beleza e graciosidade. Seções foram criadas para expor as fotografias dos seus leitores e de obras modernas no Estado, como a “*Secção Pelos Sertões*” nela encontramos imagens de reformas pelos sertões paraibanos como também retratos da sociedade sertaneja, mostrando toda sua opulência financeira. Outra seção importantíssima é a

³ O corpo editorial da revista nos remota a um lugar social: do da elite paraibana, constituída por intelectuais e parentes de políticos. Sob a direção de Severino Lucena (filho do então presidente da Paraíba, Solon de Lucena) e Guimarães Sobrinho, tendo como secretário e redatores Horácio de Almeida, Epitácio Vidal, José Pessoa.

⁴ Foi uma Revista ilustrada semanal brasileira fundada por Jorge Schmidt na cidade do Rio de Janeiro, circulando no país entre 13 de abril de 1907 até agosto de 1958, momento em que foi extinta. Essa revista tornou-se uma importante fonte histórica que registrou em suas páginas a vida sociocultural do Brasil e principalmente dos cariocas.

“*Sociedade Parahybana*” nela contemplamos inúmeras imagens de cidadãos e famílias que pertenciam a “fina flor” da Parahyba do Norte, fotografias essas que serão analisadas no decorrer dessa pesquisa historiográfica.

Conforme folheava as páginas da revista *Era Nova* um detalhe despertou meu interesse, a grande quantidade de retratos de crianças, a mesma criou várias secções para apresentar a infância Parahybana como: “*NOTAS INFANTIS*” “*PETIZES PARAHYBANOS*” “*GURYZADAS*” todas essas secções revelavam fotografias de crianças em diversos momentos de suas vidas: sozinhas vestidas com belíssimos trajes, pousando com brinquedos modernos para a época, em sua primeira comunhão ou batismo, nos seus aniversários e sendo fotografados juntamente com sua família. Veremos também crianças segurando livros em suas mãos, cadernos. Até mesmo os infantes com tão pouca idade pareciam entrar no clima ritualístico do ato fotográfico. Todos esses retratos me foram despertando questionamentos. *Por que essa notoriedade as imagens de crianças? Qual era o modelo de infância que esses retratos queriam construir para a Parahyba do Norte?* Inquietações que buscarei responder no decorrer dessa pesquisa. Como nos afirma Bertrand Lira: “[...] uma fotografia enquanto fonte de informação, não se encerra na imagem” (LIRA, 1997, p. 18). Partindo dessa perspectiva procuramos analisá-las explorando o seu potencial informativo esses retratos infantis muito tem a nos dizer, não apenas sobre os retratados e sua família, mas sobre o próprio conceito de infância das primeiras décadas do século XX, esses registros fotográficos nos permitem enveredarmos pelo o universo infantil, o modelo de sociedade, as normas culturais e comportamentais que os mesmos estavam inseridos.

As concepções sobre a infância não são um fenômeno estático e universal, variam historicamente e estão em contínua modificação, a condição de ser criança está relacionada sobretudo a temporalidades, lugares e a própria condição social que a mesma se insere. Olhar essas crianças, interpretar as suas representações sociais permite revelarmos fenômenos e estruturas sociais, que são ocultadas muitas vezes nos discursos textuais e imagéticos. As crianças serão sempre parte da sociedade, partindo dessa perspectiva, muito tem a nos informar, sobre si mesmo e sobre os outros, retomo aqui a ideia do estudioso Barthes de “escrutar a imagem”, para revelar o que há por trás dela, é isso que faremos no decorrer dessa pesquisa, vamos descortinar esses retratos, para descobrirmos o processo de modernização, o modelo de infância e do núcleo familiar que estão presentes nessas fontes históricas.

Para isso será necessário compreendermos o conceito sobre ser criança em diferentes períodos históricos da sociedade, segundo o estudo historiográfico apresentado por Philippe Ariès (1981) durante parte da Idade Média, as crianças eram consideradas como meros seres

biológicos, sem estatuto social nem autonomia, vistas como pequenas miniaturas de adultos. Para essas sociedades europeias, as crianças eram diferentes dos homens apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais. Essas crianças eram “paparicadas” apenas nos primeiros anos de vida por seus familiares, mas esse sentimento de paparicação não anularia o fato de que essas crianças eram vistas como um ser substituível, na maioria das vezes, seus pais e seus parentes não fruía sentimentos ou cuidados básicos por esses “*pequenos sujeitos*”. Afirmção reforçada ainda nas seguintes palavras do autor citado:

Um sentimento superficial da criança – a que chamei de “paparicação” – era reservado á criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (ARIES, 1981, p.10).

Nessa afirmação de Ariès podemos observar uma mudança bastante significativa sobre a Infância, enquanto na Idade Média as crianças não saíam do anonimato, no início do século XX essas crianças não só saíram do anonimato, como foram apresentadas para toda sociedade por intermédios das fotografias impressão, principalmente, nos meios de comunicação, como estamos vendo nessa pesquisa, nas secções “Notas Infantis” “Petizes Parahybanos” “Guryzada”.

“A descoberta” sobre a infância teria de esperar pelos séculos seguintes, é na modernidade que a infância foi “descoberta”, novas ideias a respeito da criança e da infância surgiram nesse período, desenvolvendo novos saberes de compreender e atender à infância tanto no âmbito familiar como no institucional, momento de surgimento de *sentimentos-afetos*, de reconhecer que essas crianças necessitavam de cuidados alimentares, saúde e higiene, destinando uma atenção importante para a educação dessas crianças com o intuito de desenvolvê-las moralmente e intelectualmente, observaremos que o “berço” para o desenvolvimento das crianças, tendo como recorte temporal a modernidade, seria o seio familiar e escolar.

Trata-se um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perde-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. (ÁRIES, 1981, p. 12)

Nesta perspectiva, a criança começa a ganhar notoriedade na sociedade moderna, se anteriormente a mesma era substituível, agora ela passa a ser fundamental no seio familiar,

veremos uma criança agora dotada de direitos e cuidados, os quais eram reforçados nas páginas da *Era Nova* por meio de anúncios sobre alimentos, remédios, vestimentas; educacionais, entre outros, vejamos: “*A Farinha Lactea Nestlé – É effectivamente o alimento preferido pelas creanças. Engorda, Dá Vigor e Fortalece os Fracos*” (ERA NOVA, nº43, 1923, p.12). Nesse contexto social, a criança foi valorizada, principalmente, por ser a responsável em dar continuidade ao *projeto-linhagem* familiar, seriam elas as formadoras das novas gerações daquele sobrenome. No percurso desse projeto a questão da educação era um aspecto fundamental, por isso o interesse dos pais sobre os estudos de seus filhos, essa educação não está relacionada unicamente à formação escolar dessas crianças, mas também há um conjunto de valores, interesses, normas e comportamentos formando homens e mulheres integrados aos “bons costumes”, à honra e à moral da sociedade, tendo como finalidade a proteção do sobrenome e a perpetuação da *Imagem-Honrosa* daquele grupo familiar. Para isso, era necessário colocar aqueles pequenos sujeitos em escolas renomadas, afirmação essa que foi reforçada nos anúncios do magazine *Era Nova* no decorrer desse texto.

Mergulhada nas páginas do magazine *Era Nova* na busca dos rastros do passado da Parahyba do Norte, encontrei um ambiente que vivenciava, em partes, os “*ventos da modernidade*” nas suas ruas e nos seus habitantes, uma sociedade que aproveitou as páginas desse magazine para “construir” uma cidade moderna que rumava para o progresso, onde cidadãos desfrutavam dos símbolos da modernidade, e é nessas mesmas páginas que um modelo de família e infância foram construídos, disseminando para a sociedade, o mundo e perpetuando a imagem de uma família moderna, mas que valorizava ainda os bons costumes, a honra e a moralidade, por meio de discursos textuais e imagéticos vamos encontrar meninos e meninas aos moldes da modernidade (vestimentas, cenários e brinquedos), todas elas brancas, com aparências sadias, robustas e higiênicas, era esse o modelo de infância propagado pela *Era Nova*, entretanto, havia algo errado nesse ideal de infância da Parahyba do Norte; ao perceber isso questionamentos surgiram na minha mente. Não havia pobreza? Onde estavam as crianças pobres desse lugar? Como era retratada a infância humilde da Parahyba? São inquietações que necessitam serem respondida e debatidas.

Escrever sobre a História da Infância na cidade da Parahyba do Norte, tendo como fonte documental a revista *Era Nova*, com suas representações e registros fotográficos, significa enveredar pelo campo da opulência, das aparências mantidas pelas elites e da modernidade, mas representa também mergulharmos sobre uma infância desaparecida. Digo isso pela lacuna de informações sobre as crianças pobres: quase nada foi dito sobre esses sujeitos nas páginas da revista de variedades aqui consultada. As poucas informações que ainda encontramos sobre

essas meninas e meninos foi por meio de ações de caridades promovidos pela elite paraibana, como as festas beneficentes para angariar fundos para os institutos de proteção e assistência infantil, como o “*Instituto de Protecção e Assistência à Infancia*” fundado no dia 1 de novembro de 1912 na capital da Paraíba, e o serviço de cuidados com a dentição dos pequeninos: “*Assistência Dentária Infantil*”, fundada em 20 de outubro de 1924 também na capital paraibana.

Tentaremos problematizar essa história, aqui proposta, associando-a ao seu contexto sociocultural, econômico e político, para isso analisaremos artigos de opiniões e publicitários, manchetes, notícias, e sobretudo os registros fotográficos, os quais serão o fio condutor dessa pesquisa, são esses documentos que nos ajudaram a seguir os rastros, deixadas pela presa, como antigos caçadores, porém dessa vez com o dever historiográfico (GUINZBURG, 1989). Para descobrir o que está velado nessas fontes é preciso esmiuçá-las criticamente, interrogativamente e especulativamente, principalmente quando operamos com a Fotografia, para compreendê-las em sua plenitude é necessário mapearmos o seu circuito social.

Quando nos referimos sobre o circuito social da fotografia significa pensar que estamos propondo uma investigação desses documentos, mediante sua produção, circulação e seu consumo na sociedade enquanto documento-monumento⁵ que fazia e continua fazendo parte da realidade social e cultural dos sujeitos. Entre suas características, a imagem constitui uma mensagem que se movimenta no tempo, seu conteúdo envolve questões específicas que a partir do “*olhar meticoloso*” do historiador serão decodificadas, revelados.

Mapeando o circuito social das imagens percebemos que as mesmas perpassam por manipulações, antes mesmo de serem criadas elas são pensadas e montadas de acordo com desejos individuais e códigos de sociabilidades. Quando nos referimos sobre manipulações fotográficas no século XXI o primeiro pensamento nosso são os mecanismos de retoque realizados no computador, mas quando estamos escrevendo sobre as primeiras décadas do século XX? Apesar de não contar com o avanço tecnológico que vivenciamos nos dias de hoje, não faltaram maneiras para modificar as imagens nesse período e era nos estúdios e ateliês

⁵ Segundo o historiador Le Goff (1996) Com o alargamento da noção de fonte histórica propiciado pela *Nouvelle Histoire*, a fotografia deixou de ser um mero suporte ilustrativo da pesquisa e conquistou *status* de documento. E como todo documento, a fotografia também é uma construção social com seus ditos e não-ditos. Para o historiador Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia como imagem-documento. Segundo o autor, todo documento é monumento e, dessa maneira, a fotografia também pode ser interpretada como um monumento. A imagem, portanto, permite tanto recuperar formas de ser e agir de diferentes grupos sociais, em diversas épocas históricas, bem como operar sobre as representações que deles ainda hoje perduram e atuam como elemento de coesão social para seus descendentes.

fotográficos que ocorriam as manipulações, os forjamentos dos sujeitos para a tomada da fotografia.

Pensar no manuseamento da imagem é ir muito além do *click*, da captura, é compreendermos que esse manuseamento está relacionado com campos distintos como o período histórico da criação e da recepção do retrato, o fotógrafo que tanto registra, como também cria uma imagem, o próprio cliente ou contratante que, procura o fotógrafo com a missão de sublimar de fotografá-lo, assim como seus ritos sociais para posterioridade. A fotografia deve ser considerada, conforme sugere a historiadora Ana Maria Mauad, em *Através da imagem - fotografia e história: Interfaces*, enquanto produto cultural, fruto de trabalho social de produção sónica (MAUAD, 1996, p.11). Esses registros imagéticos compõem os desejos individuais e coletivos de dada sociedade, como podemos ver nas fotografias das crianças da *Era Nova* um desejo de perpetuar uma imagem de crianças modernas, brancas e higiênicas, esses rastros nos permitem enveredarmos pelas regras culturais de outrora, na dinâmica social, no campo dos discursos, dos questionamentos e das representações.

De acordo com Mauad, os registros fotográficos se relacionam com agentes reguladores da sociedade, entre as quais estão a família, o Estado, a imprensa e a publicidade” (MAUAD, 2008, p. 40). Aquele sujeito fotografado está sujeitado em redes contínuas de obediência, em normas ou tradições estabelecidas por esses agentes normatizadores. Durante o ato fotográfico, o poder desses agentes se apresenta de forma mais vigorosa, atingindo os corpos dos indivíduos a fim de adequar esses corpos nas normas e nos códigos comportamentais de sua época, fabricando sobretudo sujeitos. É principalmente no âmbito familiar que a fotografia conquista um grau de altíssima importância: “desempenhando um papel simbólico na legitimação da família” (MAUAD, 2008, p. 59).

Numa sociedade aos moldes tradicionalistas a pose representava condição social, distinguia os sujeitos uns dos outros, e nos atestavam se aquele indivíduo era disciplinado, se as poses “obedeciam a padrões estabelecidos e já institucionalizados de acordo com a sua posição social”. (MAUAD, 2008, p.77). Ainda de acordo com Ana Mauad, “[...] nesse processo, um mundo de signos é produzido na experiência coletiva, fornecendo a tônica do tempo vivido. Signos que emergem no presente como possibilidade de compreensão de uma certa versão de passado” (MAUAD, 2008, p.151). Fotografias são fontes documentais-monumentais, mas também são representações, se processam através do tempo, perpetuam-se, preenchidas de valores socioculturais, de identidades – esses signos produzem sentido e constroem identidades sociais para os indivíduos, operando como elos de representação familiar, e de pertencimentos dos sujeitos em dado grupo social.

Nessa perspectiva, Bertrand Lira nos informa sobre o modelo de representação familiar e suas intencionalidades nas fotografias das primeiras décadas do século XX, “[...] a fotografia, então, estará sempre à mão para não deixar que esqueçam que aquela família é (era) assim como está “fielmente” representada: o pai, severo zelador da moral, dos bons costumes e da tradição familiar; a mãe, bondosa e protetora, esposa honrada; e os filhos obedientes, seguros perpetuadores dos costumes de seus antepassados” (LIRA, 1997, p.104). Em grande parte, são essas representações que estão impressas nos retratos de família do recorte temporal aqui trabalhado, não havia espaço para erros ou poses desajeitadas, tudo deveria sair perfeitamente para a perpetuação da família retratada.

Considero a fotografia, conforme aporte fornecido por especialistas na temática já citados, um campo nostálgico, carregado de emoções e não-ditos, de silêncios e informações, de representações e curiosidades. Conhecer e compreender o passado mediante essa fonte histórica é uma tarefa árdua, mesmo seduzidos pelas imagens, pelas “verdades” explícitas quase que inquestionáveis, precisamos investigá-las, interpretá-las para além do que já foi dito sobre ela, e por que não as contestar? Para isso, exigiu-se do historiador:

[...] que ele fosse também antropólogo, sociólogo, semiólogo e um excelente detetive, para aprender a relativizar, desvendar redes sociais, compreender linguagens, decodificar sistemas de signos e decifrar vestígios, sem perder, jamais, a visão do conjunto. (MAUAD, 2008, p. 35)

A partir dessas considerações teóricas e metodológicas sobre o conceito e as implicações sociais e políticas acerca das fotografias, elenco aqui mais um relevante questionamento de Ana Maria Mauad: “como olhar através das imagens?”. Tudo não já fora dito? (MAUAD, 2008, p.41): É tecendo novos olhares e questionamentos sobre a fotografia que essa pesquisa irá se desenvolver. Fonte inesgotável de pesquisa de uma realidade sociocultural, política e econômica, a fotografia é também um recorte do passado, leitura de um mundo, que muito tem a nos informar. São esses registros fotográficos que ficaram guardados como um meio de representação da sociedade Parahybana, que se perpetuaram no tempo, e hoje serão fontes para esse estudo, marcados por signos e significados. Para descobrir o que mais ela tem a nos dizer, precisamos investigá-las em cada pequeno detalhe.

Há uma relação entre o “eu” e o “outro” na recepção e interpretação de vestígios do passado, pois carregamos conosco nossa própria bagagem histórica, definida pelo nosso repertório cultural, ideologias, preconceitos, sensibilidades. As imagens são construídas por todos nós, pelas mídias que a divulgam e por Instituições reguladoras da sociedade. Esmiuçar, interpretar ou decodificar imagens significa, para além do que já foi dito, também investigar

produtores e meios gráficos de divulgação. Convido vocês, leitores, a mergulhar nas páginas da *Era Nova* para contemplar a década de 1920 da Parahyba do Norte, para apreciar os “ventos da modernidade” presentes na cidade e nos cidadãos, para descortinar a História da Infância dessa urbe, refletindo acerca da história daqueles que hoje estão ausentes no mundo.

**CAPÍTULO I – FOTOGRAFIAS, SOCIEDADE E MODERNIDADE
NA URBE DA PARAHYBA DO NORTE (1920-1930)**



O que torna as primeiras fotografias tão incomparáveis talvez seja isto: elas representam a primeira imagem do encontro entre a máquina e o homem. (W. Benjamin)

Desde seu surgimento no século XIX, as fotografias veem desempenhando um papel fundamental na representação da vida cotidiana, no modo de ver e experienciar o mundo dos sujeitos, o ato de ser fotografado e fotografar os ritos familiares passaram a fazer parte do cotidiano da sociedade moderna. Como nos diz Sontag, a câmera fotográfica modificou o mundo, se antes tudo no mundo existia para terminar num livro. Hoje, tudo existe para terminar numa foto (SONTAG, 1986, p. 23). Quando nos referimos ao ato fotográfico, logo pensamos em registros, em guarda uma lembrança material de determinados momentos da nossa vida, mas veremos que essa necessidade de tudo terminar numa foto não se restringe à ideia unicamente da memória, percebemos uma necessidade de confirmar a realidade do momento, as experiências vivenciadas pelos sujeitos passaram a ser comprovadas por meio de fotografias, elas serão a prova da realidade passada.

O desejo de representar o seu mundo, si representar, e comprovar suas experiências humanas no passado sempre estiveram presentes na vida dos sujeitos. Representações Imagéticas são manifestações das sociedades, dos sujeitos e do mundo em que vivem, expressas anteriormente por meio da arte rupestre, dos quadros, das pinturas, da litografia, entre outras, essas representações nos concedem informações sobre um recorte histórico, são as provas de uma determinada realidade.

Se em outrora a arte rupestre era uma maneira de representação das sociedades, com o surgimento da modernidade a Fotografia que passou a representar os cidadãos, as cidades, o mundo. O surgimento da fotografia está inserido em um momento de grandes transformações sócios-culturais, políticas e econômicas, de reivindicações sociais por mudanças, em um contexto de importantes invenções que mudariam profundamente o cotidiano dos sujeitos urbanos, principalmente nas sociedades que vivenciavam o processo da Revolução Industrial. Para Boris Kossoy “[...] a fotografia – assim como a maior parte das invenções que a sucederam no século XIX – nasceu de certas necessidades de ordem econômica e cultural gerada nas sociedades em processo de industrialização crescente, e estas necessidades criaram condições favoráveis ou “momentos propícios” para o aparecimento de algo “novo” (KOSSOY, 1980, p. 90). Estamos nos referindo a um momento de mudanças no cotidiano dos sujeitos e no seu mundo, novos hábitos surgiam, a arquitetura das cidades era modificada, símbolos da modernidade passaram a acompanhar o dia a dia dos cidadãos, e será a *Câmera Fotográfica*

que ficará com a função de registrar e documentar todas essas mudanças. O que seria de nós sem essas imagens fotográficas? Ela nos aproxima de um passado, de modos de vida diferentes dos nossos, de costumes, de modas, de formas de viver.

Os cidadãos modernos perceberam na fotografia a cópia fiel do real, como assinalou Barthes, a fotografia tem a capacidade de proporcionar o que nenhuma pintura realista poderia dar: a certeza de que o que vemos não é fruto da nossa imaginação, de uma recordação ou de uma reconstituição, mas o “[...] real no estado passado” (BARTHES, 1984, p. 27). Com isso a fotografia rapidamente foi aceita pela sociedade, florescendo nos cidadãos o desejo de tudo fotografar, de guardar esses momentos para a posterioridade, e que hoje nos permitem conhecer as sociedades, seus hábitos, suas cidades, seus rostos, suas formas de viver para além das fontes escritas.

O cenário urbano, e o gênero do retrato, desde o surgimento da fotografia em 1839, foram os principais campos de interesse dos fotógrafos – amadores e profissionais, o que se relaciona com o processo de modernização e urbanização que alguns países vivenciavam. As câmeras fotográficas foram “acionadas” para registrar e documentar as profundas e rápidas transformações das cidades e seus cidadãos. A prática fotográfica irradiou-se pelo mundo, e não demorou muito para chegar em solo brasileiro, ainda em 1840, as primeiras máquinas fotográficas aportaram no Brasil⁶. Capturando Imagens da cidade que surgia com o processo de “regeneração”⁷ e consequentemente fotografando os cidadãos que desfrutavam dos símbolos da modernidade.

Novos ventos eram soprados no Brasil nas primeiras décadas do século XX, eram os ventos da modernidade, do progresso, de novos hábitos, de formas de viver. Época marcada pela reorganização geopolítica, onde a elite brasileira era quem detinha de poderes políticos e financeiros. Era o início sobretudo de mudanças na área econômica do país, a economia não só cresceu como também se transformou, o Brasil viveu a transição de uma economia

⁶ Tirada em 17 de janeiro de 1840, a primeira fotografia no Brasil retratou o Paço da Cidade, no Rio de Janeiro. O registro foi feito com um daguerreótipo, desenvolvido em 1837 por Louis Jacques Mandé Daguerre. No Jornal do Comércio, temos afirmações de um cronista repletas de deslumbre com a força mimética das fotografias “Finalmente passou o daguerreótipo para cá os mares e a fotografia, que até agora só era conhecida no Rio de Janeiro por teoria [...] Hoje de manhã teve lugar na hospedaria Pharoux um ensaio fotográfico tanto mais interessante, quanto é a primeira vez que a nova maravilha se apresenta aos olhos dos brasileiros. [...] É preciso ver a cousa com seus próprios olhos para se fazer ideia da rapidez e do resultado da operação. Em menos de nove minutos o chafariz do Largo do Paço, a Praça do Peixe, o mosteiro de São Bento, e todos os outros objetos circundantes se acharam reproduzidos com tal fidelidade, precisão e minuciosidade, que bem se via que a cousa tinha sido feita pela própria mão da natureza, e quase sem a intervenção do artista”. (Jornal do Comércio)

⁷ De acordo com Nicolau Sevcenko (2003), a expressão “regeneração” é por si só esclarecedora – remete a reestrutura; reforma; – finda com a imagem da cidade velha, colonial e insalubre, é o início do processo para destruir essa cidade, dando lugar a imagem de uma cidade moderna que caminha em prol do progresso.

agroexportadora para uma economia industrializada. Com isso podemos afirmar que a dinâmica social e espacial do país neste período foi- marcada pelo *modo de vida urbano*. Se anteriormente tínhamos uma elite essencialmente agrária, com essa transição teremos nesse momento uma elite urbana com alto poder aquisitivo e foi justamente essa elite que regulou os padrões sócio-culturais da sociedade que orientou todo esse progresso e decidiu os rumos da República.

Assistia-se à transformação do Brasil em todos os âmbitos, nos espaços públicos e privados, no trabalho, na mentalidade e no modo de vida dos cidadãos. Em *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* (2003), o historiador Nicolau Sevcenko nos apresentou o comentário de um cronista da época frente ao momento que o país começou a vivenciar os ventos de uma modernização excludente:

O Brasil entrou – e já era tempo – em fase de restauração do trabalho. A higiene, a beleza, a arte, o “conforto” já encontraram quem lhes abrisse as portas desta terra, de onde andavam banidos por um decreto da Indiferença e da Ignomínia coligadas. O Rio de Janeiro principalmente, vai passar e já está passando por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem seus dias contados’. (SEVCENKO, 2003, p.30)

Analisando o exposto acima, percebemos que o cronista concebe uma crítica a modernização tardia que ocorre no Brasil, se comparado com os países europeus. Nele encontramos informações importantíssimas que serão trabalhadas ao longo dessa pesquisa. Quando se fala sobre a *restauração do trabalho* no início do século XX, significa que estamos falando sobre a mudança do trabalho agrícola para a industrialização, apesar de ter ocorrido em terras brasileiras de forma extremamente tardia, uma vez que só teve início um século depois do surgimento das primeiras indústrias na Europa. É sobretudo em meados da década de 1920 – 1930 que o processo de industrialização será impulsionado no Brasil, o que só foi possível principalmente por conta dos capitais oriundos da cafeicultura e de aplicações industriais⁸.

A partir disso, unidades fabris vão sendo abertas pelo país, principalmente na região Sudeste, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro (esta, até então, capital do país). Se fábricas foram abertas, novos postos de trabalho surgiram, com isso houve uma mudança de local, trabalhadores rurais trocaram suas enxadas pelos maquinários industriais, na procura especialmente de melhores condições de vida para si e para sua família. Essa passagem de uma

⁸ Para Nicolau Sevcenko (2003), a cidade do Rio de Janeiro abre o século XX defrontando-se com perspectivas extremamente promissoras. Aproveitando de seu papel privilegiado na intermediação de recursos da economia cafeeira e de sua condição de centro político do país, a sociedade carioca viu acumular-se vastos recursos enraizados principalmente do comércio e nas finanças, mas derivando já também para as aplicações industriais. Essas condições prodigiosas fizeram da cidade carioca o maior centro comercial e modernizador do país.

sociedade agrária para um modelo de sociedade urbano-industrial mudou a paisagem do Brasil, principalmente das capitais dos Estados.

Como relatado pelo cronista, o Brasil já estava aberto para receber a arte, a higiene, a beleza e o conforto proporcionado pela modernidade. Essa abertura de mudanças foi vivenciada primeiramente pelo Rio de Janeiro, que passou por um processo de modernização e reurbanização. Uma nova imagem do Rio de Janeiro era planejada, a imagem de um lugar civilizado, moderno, cosmopolita e embelezado aos moldes europeus. Havia um anseio pelo rompimento da visão de um país arcaico e atrasado, e como chave para esse rompimento era essencial transformar a então capital do país. A reforma carioca proporcionada inicialmente pelo prefeito Pereira Passos⁹ foi inspirada em Paris, tendo em conta, que a capital francesa era o espelho da modernidade, do avanço e do progresso. Todos aqueles que ansiavam pela modernização se espelhavam na “cidade luz”, para conseguir isso, segundo Cabral Filho,

O Rio de Janeiro passou por uma [...] reestruturação do espaço público e da mentalidade com modificações profundas na fisionomia da cidade, retirando tudo dela que lembrasse o seu tão recente passado monarquista; igualmente condenavam-se costumes e hábitos vinculados à sociedade tradicional; procurava-se negar quaisquer elementos da cultura popular que compromettesse a roupagem civilizada da sociedade dominante; adotava-se uma política intransigente para viabilizar a expulsão de grupos populares da área central da cidade com o objetivo de tornar este espaço privativo para o deleite desta burguesia ascendente que adotou um modo de vida cosmopolita decalcado do paradigmático estilo parisiense. (CABRAL FILHO, 2007, p.41)

A velha cidade, suja e com feições arcaicas, deu lugar a uma cidade reurbanizada e moderna. A então *Belle Époque*¹⁰ carioca tornou-se um espaço onde a elite poderia exhibir o seu poder econômico, para isso o então prefeito Pereira Passos buscou embelezar e construir símbolos de modernidade pela cidade. Como nos afirma Sevcenko, “[...] o novo grupo social hegemônico poderá exhibir os primeiros monumentos voltados à sagração de seu triunfo e ideais. O primeiro deles se revelou em 1904 com a inauguração da Avenida Central” (SEVCENKO, 2003, p. 30). As ruas que anteriormente a essa reurbanização eram estreitas, sujas, sem saneamento básico, onde era costumeiro a presença de carroças, vendedores e animais, cederam

⁹ Francisco Franco Pereira Passos foi o prefeito do Rio de Janeiro (1902-1906), um dos pioneiros no processo de modernização do Rio de Janeiro, até então capital do Brasil, o mesmo teve inspiração no plano de remodelação de Paris executado pelo barão Georges-Eugène Haussmann no século XIX. A Reforma Pereira Passos transformou completamente a imagem do centro da capital. O prefeito urbanista do Rio construiu praças, ampliou ruas dando lugar a avenidas e criou estruturas para o projeto de saneamento básico. Entre as principais heranças de sua gestão estão o Theatro Municipal, o Museu Nacional de Belas Artes e a Biblioteca Nacional.

¹⁰ A “*Belle Époque*” ou “*Bela Época*” foi um período que corresponde a 1871 quando teve fim à guerra franco-prussiana e 1914 com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, esse período foi marcado por uma efervescência econômica e cultural ditada pelo avanço da técnica nos meios de produção, locomoção, consumo e comunicação e pela consolidação de uma burguesia urbana e cosmopolita, ela também foi o pano de fundo ideal para o surgimento das vanguardas, que iriam ratificar, em grande medida, no campo das artes e dos costumes, valores ligados aos novos tempos. Para aprofundar essa discussão sugiro a leitura da obra “*Belle Époque: a cidade e as experiências da modernidade*” de Carmen Negreiros (2021).

lugar a avenidas alargadas, arborizadas e com eletricidade e a avenida Central foi uma delas, considerada uma das principais marcas da reforma Pereira Passos.

O que se via nessas avenidas naquele momento histórico não eram animais ou vendedores, e sim damas e senhores da sociedade carioca desfilando e exibindo os símbolos do moderno, na cabeça das mulheres repousava lindos chapéus, enquanto os homens estavam vestidos com belíssimos fraques. Essas ruas que em outrora, foram uma espécie de feira, de venda de mercadorias em carroças, agora abrigavam grandes comércios de vendas de produtos modernos:

Era a “regeneração” da cidade, e por extensão, do país na linguagem dos cronistas da época. Nela são demolidos os imensos casarões coloniais e imperiais do centro da cidade, transformados que estavam em pardieiros em que se abarrotava grande parte da população pobre, a fim de que as ruelas acanhadas se transformassem em amplas avenidas, praças e jardins, decorados com paredes de mármore e cristal e pontilhados de estatuas importadas da Europa. A nova classe conservadora ergue um *decor* urbano à altura da sua empáfia. (SEVCENKO, 2003, p.30)

De acordo com Cabral Filho (2007) a cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, sob muitos aspectos, foi caudatária do processo de modernização tal qual vinha sendo realizado na Europa. Centro político e econômico do Brasil, era a partir do Rio de Janeiro que se disseminavam, para todo o país, os novos valores republicanos que impunham uma nova postura ao pensamento e às classes sociais nacionais. Seria impossível falarmos sobre o processo de modernização e urbanização das cidades brasileiras, sem nos remetermos ao Rio de Janeiro, maior centro cosmopolita da nação, que em contato com o continente europeu, absorveu e irradiou para todo o país – a modernidade.

Na Parahyba do Norte, capital na qual nos ocupamos na presente pesquisa, o processo de modernização e urbanização ocorreu obedecendo a ritmos diferentes do Rio de Janeiro. Sem dúvidas as mudanças ocorrem e foram plenamente percebidas e vivenciadas pelos Parahybanos, essa modernidade anunciada nos quatro cantos do planeta se faz presente na Parahyba do Norte por meio de reformas e construções de praças – jardins; com a construção do Porto; a abertura e alinhamento das ruas; com a instalação da rede de esgotos; com a iluminação elétrica; com a substituição dos bondes de tração animal à elétricos. Essas reformas na cidade proporcionavam novos hábitos e comportamentos nos cidadãos, “cidade mudou e nós mudamos com ela e por ela” (SEVCENKO, 2003, p. 35). As ruas centrais da Parahyba do Norte mal calçadas, escuras, deselegantes e sujas, dão lugar a ambientes modernos – com ruas alinhadas, iluminadas, calçadas, higienizadas e ocupadas por comércios que vendiam os símbolos do moderno, prontas para receber os cidadãos.

As Imagens da paisagem urbana e dos cidadãos da Parahyba do Norte na década de 1920 foram amplamente divulgadas pela revista *Era Nova*, e foi durante o início do século XX que os Parahybanos contemplaram a expansão da prática fotográfica, na então capital do Estado. Todos os ambientes modernos eram capturados pelas lentes da câmera fotográfica, documentando o processo de regeneração da cidade. Segundo Sontag, desde o início, os fotógrafos não se impuseram a tarefa de registrarem um mundo em desaparecimento, como seus serviços foram utilizados por aqueles que apressaram seu desaparecimento. (SONTAG, 1986, p.75) Os fotógrafos eram contratados geralmente pelos representantes dos municípios para fotografar todas as obras inauguradas com o processo de urbanização, documentando a imagem não apenas para o presente, mas sem sombras de dúvidas para o futuro. Esse ato é marcado por uma intencionalidade: a imagem seria eternizada para o futuro juntamente com o nome do representante político que a inaugurar, para os governantes esse momento era sublime e único e necessitava ser fotografado, confirmando sua realidade e o instante que nunca mais irá se repetir igualmente.

Esse poder de “prova” e de verossimilhança constitui o grande fascínio, desmesurado até, da fotografia sobre a humanidade. Como documento, dela se utilizaram quase todos os administradores da esfera pública e privada. Ali estava a prova, para ser usada sempre que necessário, das obras levadas a cabo por determinado administrador ou governante. (BERTRAND, 1997, p.143)

Havia uma verdadeira obsessão de documentar a realidade, no caso, o processo de modernização e urbanização da cidade levadas a cabo pelos administradores das cidades. Mergulhando nas páginas da *Era Nova* vimos um amplo número de fotografias que remetem a essa obsessão de documentar a Regeneração da Parahyba do Norte, inclusive com a criação de edições focadas principalmente para esse tipo de divulgação, como a “*Edições Especiais 1922*” desenvolvida para comemorar o centenário de Independência do Brasil, com total de 11 (onze) volumes essa edição apresentou obras importantíssimas para o Estado, formas de viver, costumes – hábitos, e sem sombra de dúvidas consagrou para o futuro nomes de políticos. Alguns nomes desses volumes por si só são elucidadores, por eles conseguimos ter noção do conteúdo que iremos encontrar, como: “*As Rainhas da Formosura Parahybana*”, “*A Vida de Era Nova*”, “*Obras do Nordeste*”.

Seguindo as trilhas abertas para a fotografia, considere que seria importante iniciarmos a apresentação Fotográfica dessa pesquisa por onde tudo acontece, tudo é vivido e sentido: a cidade.

Imagem 1 – Parahyba de Hoje

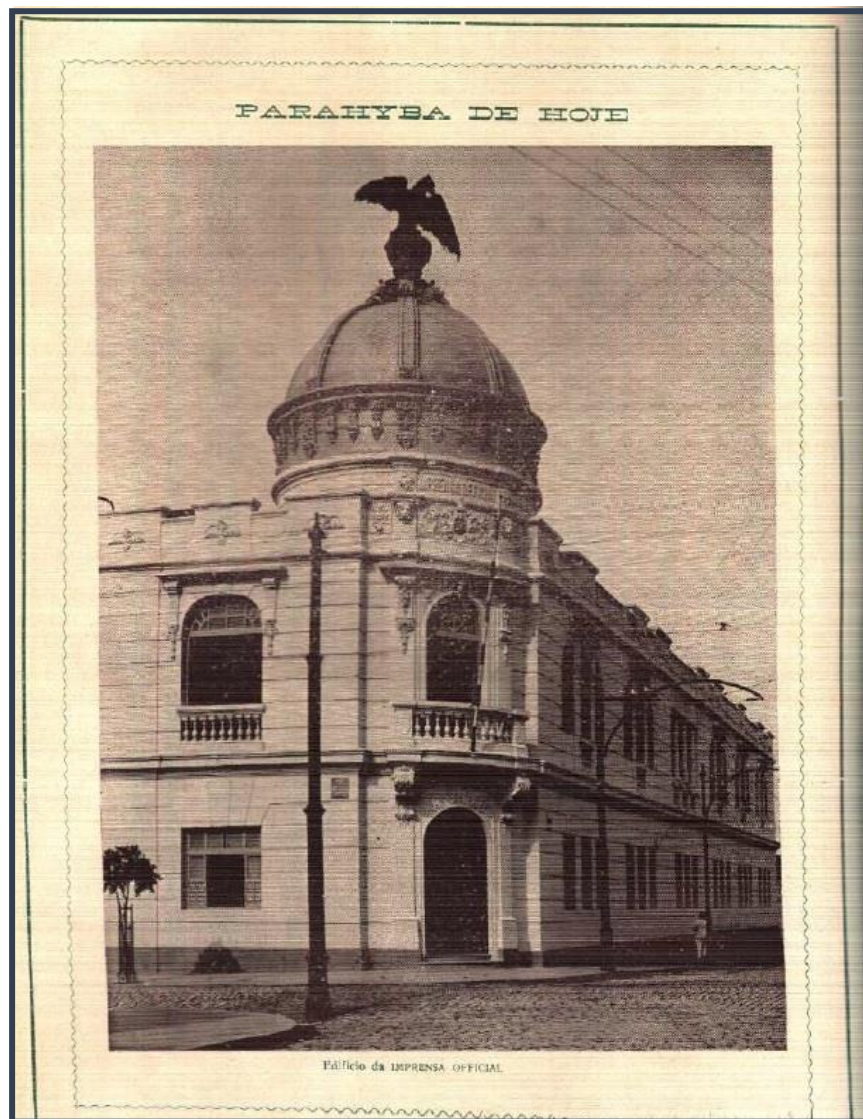


Fonte (*Era Nova*, Paraíba. Edições Especiais 1922.)

Fotografias que representavam o processo modernizador do Estado, geralmente eram apresentados na *Era Nova* com a seguinte legenda a “*Parahyba de Hoje*”, o título nos remete a um tempo verbal dessa sociedade que era o presente, esse *hoje* está imbricado de significados, porque refere-se a uma Parahyba recente, uma nova cidade que “agora” era permeada pela modernidade, desenhada com base na ideia de progresso e civilização europeia, e é justamente isso que contemplamos nessa fotografia uma *cidade moderna*. Se analisada apressadamente, a *Imagem 1* representa, para muitos, apenas uma paisagem urbana passada onde cidadãos caminham normalmente, mas não para o historiador da cultura, das mentalidades que aprenderam a “[...] farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barbas” (GINZBURG, 1989, p. 52). Congelada pela câmera essa “imagem” muito nos informa, encontramos nela representações de um tempo histórico e sua sociedade. Observamos uma área da cidade que dava grandes sinais do progresso que a capital Parahybana vivenciava, nela encontramos símbolos do moderno, da regeneração. É nas ruas da cidade, principalmente nas

áreas centrais que aconteceu a modernidade, suas transformações nos mostram as mudanças que a sociedade estava vivendo, nelas aconteceu o espetáculo do progresso, a *Imagem 1* retrata esse espetáculo mediante uma Rua Central da Parahyba do Norte: a *Duque de Caxias*. Uma área que carrega em si tantas referências, uma rua histórica. Nesse registro fotográfico, nos deparamos com prédios importantes, de arquiteturas modernas e opulentas, como o *Palácio da Redenção do Estado* e a *Sede do Jornal A União*¹¹.

Imagem 2 – Sede do Jornal A União



Fonte (Era Nova, Paraíba. Edições Especiais, 1922)

Mergulhando nas fotografias do espetáculo da modernidade retratado pela *Rua Duque de Caxias*, considereei que seria relevante apresentar o prédio de *Imprensa Oficial da Parahyba*

¹¹ O Jornal A União nasceu na Paraíba – é um veículo de comunicação, gráfica e editora pertencentes à Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), fundado em 1893.

do Norte – O Jornal A União. Percebemos o mesmo padrão de apresentação da *Era Nova* ante construções modernas no Estado, ou seja, nomeando a imagem como “Parahyba de Hoje”. De arquitetura moderna e grandiosa, esse prédio em nada se parece com o modelo de edifícios coloniais tão recentes do Brasil, na busca da europeização das cidades brasileiras modelos arquitetônicos e urbanísticos foram surgindo no país, inicialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, e no Nordeste em regiões como Pernambuco, mas logo irradiados pelas capitais, e um desses modelos é o ecletismo¹².

Obras importantíssimas no Brasil foram sendo construídas a partir desse estilo arquitetônico, em São Paulo podemos citar o *Teatro Municipal*, *Palácio das Indústrias* e o *Mercado Municipal*, no Rio de Janeiro encontramos o *Palácio Tiradentes*, o *Teatro Municipal*, a *Estação das Barcas*, tão logo esse estilo chegou à Capital Parahybana e já enriqueceu a arquitetura do *Prédio Oficial da Imprensa*, como vemos na *Imagem 2*, nela contemplamos uma grande riqueza decorativa, todas as suas fachadas estão ornamentadas de elementos decorativos em relevo, outro detalhe dessa edificação e que é característico do ecletismo é a valorização da simetria, harmonizando igualmente cada parte do prédio. No telhado vemos uma espécie de cúpula ornamentada e com uma estátua de um pássaro repousando, se observamos cuidadosamente percebemos que essa ornamentação na parte superior dar a impressão que a obra está sendo coroada, era o coroamento dos novos tempos, os quais a *Imprensa* ocupou um espaço fundamental para o desenvolvimento do processo de modernização do Brasil, e aqui particularmente, da Parahyba do Norte.

Como nos afirma a historiadora Ana Mauad (2008),

Veículos de divulgação que, através de uma composição editorial adaptada ao seu próprio tempo e às tendências internacionais, criavam modas, impunham comportamentos, assumindo a estética burguesa como a forma fiel do mundo que representavam. Janelas que se abriam para o mundo retratado na foto, tais revistas contribuíram, em grande medida, para a generalização do mito da verdade fotográfica. Ao mesmo tempo, através de suas crônicas e notas sociais, impunham valores, normas e representações, num processo que transformaria a cidade em cenário e as frações da classe dominante em seus atores principais. (MAUAD, 2008, p.150-151)

¹² O ecletismo refere-se a um movimento arquitetônico predominante desde meados do final do século XIX e que irá se prolongar até a década de 1930 no Brasil, um estilo que surge no país devido a influência cultural europeia no processo modernizador. No campo da arquitetura, o ecletismo é a combinação de estilos arquitetônicos do passado para a criação de um novo modelo arquitetônico. Encontramos no estilo eclético combinações de elementos que emanam, por exemplo, da arquitetura medieval, renascentista, clássica e neoclássica, entre outras. Tendo como principais características: simetria dos espaços; valorização da grandiosidade; edificações construídas com base no coroamento; prestígio do luxo e da riqueza decorativa; uso de ornamentos como colunas, flores e estátuas. Essa mudança arquitetônica está relacionada ao desejo de formar uma nova cultura no país, que não lembrasse "a antiga colônia ou metrópole", buscando construir um país ligado a modernização e o progresso, com edificações opulentas e luxuosas.

A Imprensa Ilustrada aqui representada, principalmente pelo magazine *Era Nova*, contribuiu de maneira decisiva para a divulgação da cidade moderna, dos novos comportamentos e hábitos da classe no poder. Em suas páginas observamos a transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade Parahybana, podemos “sentir” nas fotografias e nos anúncios publicados o desejo de construir uma cidade moderna, com cidadãos europeizados. Vejamos uma publicidade confirmando nossa afirmação: “*É na ALFAIATARIA GRIZA que a elite Parahybana deve vestir-se. Os melhores TECIDOS INGLESES garantidos*”. (ERA NOVA, N°03, 1921, p.23). A identificação da classe burguesa com o processo de urbanização e modernização do Estado, sem dúvidas relaciona-se com a Imprensa Parahybana, os veículos de comunicação buscaram organizar-se para garantir a manutenção – continuidade do moderno, encabeçados por um grande número de jornalistas, médicos e intelectuais, esses meios de comunicação barravam o retrocesso, a arquitetura, o comportamento colonial, entretanto, isso não significa que não houve rejeição ao processo de modernização, veremos no decorrer da pesquisa que muitas críticas foram tecidas na imprensa, especialmente a comportamentos e hábitos de homens e mulheres, os quais prejudicavam a família – a sociedade e, sobretudo, os filhos.

Retomando o cenário retratado na *Imagem 1 e 2* encontramos símbolos do progresso, da cidade moderna para além da arquitetura aqui relatada, encontramos nelas a *iluminação pública* – confirmadas em ambas as fotografias com a presença de postes. Segundo Amara Rocha, em artigo acerca do alto simbolismo que a luz elétrica agregou para o processo de modernização das principais cidades brasileiras: “A eletrificação integra o projeto de embelezamento e modernização urbana”. (ROCHA, 1997, p. 65). A eletricidade é uma das principais invenções do desenvolvimento científico-tecnológico do mundo, mercadoria obrigatória para a sociedade que busca a modernização e a industrialização, transformando-se num referencial que demarca o modelo de cidade civilizada. Com ela surgiu novos comportamentos, hábitos e costumes dos cidadãos, a paisagem urbana e a vida desses cidadãos, principalmente daqueles que detinham poderes aquisitivos, eram modificadas – regeneradas. Velas, candeeiros e lampiões pouco a pouco começam a serem substituídos pelos sistemas modernos de iluminação, esses instrumentos que em outrora eram encarregados de iluminar a cidade, casas, edifícios e os comércios – agora representavam o atraso da cidade e da sociedade.

Para Amara Rocha (1977) a energia abrange uma rede de significados que remonta ao iluminismo, em que luz simbolicamente estaria associada a progresso e civilização, fundamental a sua configuração como mercadoria emblemática da *belle époque*. Enquanto a escuridão, as sombras estariam simbolicamente associadas a uma civilização em atraso.

Componente essencial do progresso das cidades a energia elétrica possibilitou o desenvolvimento das indústrias, a substituição do transporte público movido à tração animal pelos bondes elétricos, como podemos observar na *Imagem 1* mediante a presença de trilhos, “clareou” as ruas da Parahyba do Norte proporcionando uma vivência noturna dos cidadãos. A energia elétrica na Parahyba “[...] promoveu a instalação e manutenção dos novos equipamentos urbanos, a exemplo das praças e jardins públicos, dotados das condições de uso e de poderem ser frequentados nas noites de qualquer época do ano, e não apenas nas de lua cheia, como era de costume. (CHAGAS, 2004, p. 52).

Profundas foram as transformações propiciadas pela energia elétrica, transformações que rasgaram a paisagem de cidade colonial e a transformaram na Belle Époque Brasileira e Parahybana – transformações que mudaram a mentalidade dos cidadãos do século XX. O medo da noite sempre habitou a mentalidade dos cidadãos desde a antiguidade, as ruas a noite eram lugares escuros e perigosos, segundo as crenças populares, todos os males aconteciam durante o período noturno: lobisomens, fantasmas e ladrões eram alguns desses males que a população tanto temia, além disso, era durante a noite que práticas libidinosas aconteciam, ao cair da noite as pessoas iam para suas casas e as ruas iam ficando cada vez mais vazias, comércios eram fechados, o que restava aberto era apenas casas de práticas libidinosas para homens e mulheres indignos que maculavam a honra da família, os valores morais e religiosos, a sociedade, que colocavam em risco o desenvolvimento dos filhos. Essa mentalidade será modificada conforme a eletricidade ia “clareando” as ruas da cidade, o medo da noite dar lugar a curiosidade, a busca pelo novo, a rua tanto durante o dia como a noite tornou-se palco dos homens e mulheres modernas, desfrutando dos símbolos da modernidade como: praças, jardins, salões de dança, cinemas, cafeterias, entre outros.

A cidade e seus habitantes precisavam “vestir” os símbolos da modernidade, cada detalhe era pensado cuidadosamente para construir o sujeito e a cidade moderna. Analisando ambas as *Imagens 1 e 2* aqui apresentadas, percebemos nelas outros grandes símbolos do desenvolvimento urbano: o calçamento, o alargamento e a higienização das ruas, findando com a Imagem da Parahyba Colonial. No lugar das ruas desalinhadas e tortas, artérias estreitas com caminho de barro, por onde os cidadãos trafegavam em meio à lama, a poeira e ao esgoto, surgiram ruas alargadas, calçadas e outras foram abertas, mas para isso muitas residências foram demolidas nas áreas centrais da cidade, era o “progresso pedindo passagem”. Seguindo o modelo parisiense de urbanização, o que veremos agora nessas ruas é a presença de automóveis, bondes elétricos indo de um lugar para o outro, levando homens e mulheres modernos cujo o destino eram as lojas, as cafeterias, os jardins da cidade, entre outros.

Durante a análise dessas fotografias percebemos justamente o alinhamento dessas artérias e das construções. Assim como as ruas, as construções de casas e edifícios eram construídas totalmente desalinhadas umas das outras, não havia regras ou padrões para essas construções, o que só começa mudar com a criação do Código de Postura, a partir dele o poder público passa a delimitar regras nos cidadãos e na Parahyba do Norte.

De acordo com Chagas,

Segundo as determinações do Código de Postura, as casas deveriam ser alinhadas umas às outras, dispor de uma varanda lateral e um jardim entre a porta e o portão de entrada. A outra opção era construir a frente até o limite do terreno, de forma que se mantivesse o alinhamento e a perspectiva retilínea da rua. A intenção era assegurar a iluminação e a ventilação em todas as casas. Para aquelas consideradas irregulares, a recomendação era de que os seus proprietários procurassem a Prefeitura, retirassem a devida licença e fizessem as reformas necessárias; os proprietários seriam autuados se persistissem no erro, seriam multados por descumprir o Código de Postura. (CHAGAS, 2004, p.136)

A intenção desse Código de Postura era construir uma feição moderna para as áreas centrais da cidade, proibindo a desorganização das ruas, das casas, edifícios e comércios. Construídas conforme as orientações do Código de Postura, as novas ruas e residências urbanas refletiam o progresso vivenciado pela burguesia Parahybana, criando uma imagem de ambiente moderno e saudável. Elaborado principalmente por autoridades policiais e médicos higienistas o código delimitava o que os cidadãos podiam ou não fazerem, sob pena de multas, ou pagamento de serviços para aqueles que o descumprisse.

A partir da década de 1920 construções de casas de palhas, casebres e cortiços foram proibidos nos espaços centrais da cidade, considerados como moradias insalubres, sujas, foco de doenças – febre amarela, varíola e epidemias que sempre foram um problema para administração colonial, essas doenças dizimaram milhares de cidadãos, principalmente mulheres e crianças. Com essa regulamentação os cidadãos pobres foram afastados das áreas centrais da Parahyba, eles e suas moradias eram vistos como perigosos para a saúde dos cidadãos, no decorrer da análise do magazine *Era Nova* confirmamos esse “desaparecimento” nela a pobreza, o atraso, a sujeira, o feio raramente era apresentado, e quando apresentado era em forma de caridade, o que realmente veremos em suas páginas é a fotografia de uma cidade e cidadãos modernos.

Quanto à moradia dos cidadãos aburguesados da Parahyba, o Código de Postura exigia um modelo de casa “[...] de tijolos e cobertas de telhas, suntuosas, arejadas, dispondo de uma larga porta e várias janelas frontais, por onde circulava o ar e entrava a luz que as clareava internamente” (CHAGAS, 2004, p. 138). Todas essas medidas tinham como intuito assegurar

um ambiente salubre e saudável para a população, impedindo o desenvolvimento de doenças. As moradias de ainda de arquitetura colonial passaram a ser alvo das críticas dos higienistas como insalubres e doentias.

Os médicos revezavam-se nas críticas as construções coloniais [...] diziam ao examina-las serem construções para Esquimó ou Groenlândia: pequenas e estreitas janelas, portas baixas e não largas, nenhuma condição de ventilação, salas quentes e abafadas, alcovas úmidas, escuras e sufocantes, corredores estreitíssimos, e sempre esse esgoto na cozinha, essa sujeidade bem junto à preparação dos alimentos cotidianos, tendo ao lado uma área lugar infecto, nauseabundo, onde os despejos aglomerados produzem toda sorte de miasmas. (FREIRE, 1989, p. 111)

Em nome do progresso, da modernidade e de uma sociedade saudável as casas, as ruas eram chamadas a mudarem suas feições, para isso criava-se um projeto ambicioso, ampliar e calçar as ruas não era suficiente, as habitações inapropriadas precisavam serem demolidas, o esgoto a céu aberto deveria ser substituído pelo sistema de saneamento, antigos hábitos seriam remodelados, junto com o embelezamento da cidade os cidadãos não poderiam continuar sendo os “selvagens” do tempo colonial, práticas como jogar dejetos e sujeiras nas ruas passaram a ser punidas pelo Código de Postura. Todas essas medidas tinham como intuito embelezamento, da modernização da cidade, mas também visavam o bem-estar das mulheres e das crianças, um ambiente insalubre prejudicava a gestação, a amamentação dos filhos, o desenvolvimento dessas crianças, as mesmas não teriam feições robustas ou saudáveis, muitas acabavam morrendo por contrair algum problema de saúde devido as condições insalubres de onde se encontravam. Como afirmamos anteriormente a cidade mudou, e nós mudamos com ela, os hábitos e comportamentos mudaram, a cidade é construída em prol da modernidade, da civilização, da família e das crianças, tornando sujeitos civilizados e higienizados, preocupados com o bem-estar de seus entes familiares e principalmente das crianças – dos filhos.

Seguindo o projeto de embelezar, modernizar e higienizar a Parahyba do Norte é iniciado o processo de demolição das estruturas antigas que impediam o progresso da cidade. Vejamos uma seção na *Era Nova* intitulada “*A nossa urbs e o modernismo*”:

Nesses annos se iniciou o movimento transitorio de nossa urbs, acentuando nestes novos tempos de modo notavel.
A cidade esta mudando sensivelmente de aspecto. Perde a feição colonial para vestir a mascara uniforme da civilização.
Há quem se rejubile com isto e deseje que a mudança seja completa, radical. Não deve ficar pedra sobre pedra. Todos os prédios antigos devem ser demolidos, ou pelo menos transformados, vestidos à moderna, hediondez para a qual a esthetica já não tem qualificativo.
Para essa nevrose de modernismo não ha remedio. Ela tem causas profundas, complexas e variadas.
Somos um povo sem raizes, sem tradições, sem historia.

Como indivíduos e como nação vivemos sómente o momento que passa. O passado e o futuro não são categorias da nossa sensibilidade. (ERA NOVA, N°01, 1921, p. 6).

Mediante essas palavras, percebemos claramente uma crítica ao processo modernizador na Parahyba do Norte, o sacrifício da tradição em favor da vida moderna, foi centro de críticas perante muitos cidadãos da sociedade. Em partes, a crítica é sobre como essa modernização ocorreu, de modo destruidora e aniquiladora, como nos afirma a seção acima, a questão em si não é a proibição da mudança e sim que para isso era necessário apagar nossa história, os prédios que seriam demolidos representavam nossa história colonial e imperial, esses eram “*botados abaixo*” para as ruas serem alargadas e abertas priorizando a circulação de automóveis e a instalação de bondes elétricos, para construções modernas serem edificadas como clubes, lojas, confeitarias, entre outros.

Vejamos o quão importante é o estudo da fotografia enquanto fonte histórica, duas fotografias aqui apresentadas e consigo um inventário de informações, fotografias essas que nos permitem descortinar o processo de modernização e urbanização da Parahyba do Norte, mas sempre tendo o cuidado em não cair nas armadilhas dessa fonte, como nos afirma Boris Kossoy “[...] a imagem fotográfica pode e deve ser utilizada como fonte histórica” (KOSSOY. 2001, p. 119). Deve-se, entretanto, ter em mente que o assunto registrado mostra apenas um fragmento da realidade, um e só um enfoque da realidade passada: um aspecto determinado. As fotografias impressas na revista *Era Nova* nos apresentam apenas uma parte da cidade Parahybana, ou seja, as áreas centrais, eram essas áreas que recebiam todo o esforço e atenção do poder público para se modernizarem, enquanto os bairros carentes e precários da cidade eram esquecidos pelas autoridades e pelo magazine *Era Nova*, reforçando a ideia que essas fotografias eram apenas um fragmento da realidade.

O advento da República proclamava a remodelação da cidade, de hábitos sociais e dos cuidados pessoais, “o importante na área central da cidade, era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo” (SEVCENKO, 2003, p. 36). São nas ruas da cidade que acontece o espetáculo da modernidade, o glamour, o ser um sujeito chic. Ela é o lugar do medo, da felicidade, do indecente, da moda, da luxúria, das incertezas, das festas. É nas artérias centrais da cidade que os Parahybanos afortunados demonstravam o quão moderno eram, exibindo ícones modernos e frequentando os novos espaços de sociabilidade. As mudanças ocorridas na Parahyba eram proporcionadas principalmente pelos lucros advindos da cultura algodoeira e açucareira, principais atividades econômicas do Estado, e pela transferência da elite rural para a Capital. Segundo Bertrand Lira, “Entre as décadas de 20 e 40, a Paraíba viveu um período de visível progresso movido, principalmente pela produção, beneficiamento e

exportação do algodão. Nos primeiros anos do Pós-Guerra, a Paraíba já era considerada o maior produtor algodoeiro do país”. (BERTRAND, 1997, p. 150). Entretanto com o processo de modernização o sistema econômico do Estado também seria remodelado – era uma europeização por completo, na arquitetura urbana, nos hábitos, comportamentos, vestimentas, nos instrumentos de trabalho e nos setores de economia.

Como nos afirma Sevcenko, acompanhar o progresso significava somente uma coisa: alinhar-se com os padrões e o ritmo de desdobramento da economia europeia, onde “nas indústrias e no comércio o progresso do século foi assombroso, e a rapidez desse progresso miraculosa. (SEVCENKO, 2003, p. 29) Seguindo os padrões de urbanização e modernização europeu, vejamos o que a *Era Nova* nos fala sobre a economia consolidada e a que “nasce” na Parahyba do Norte.

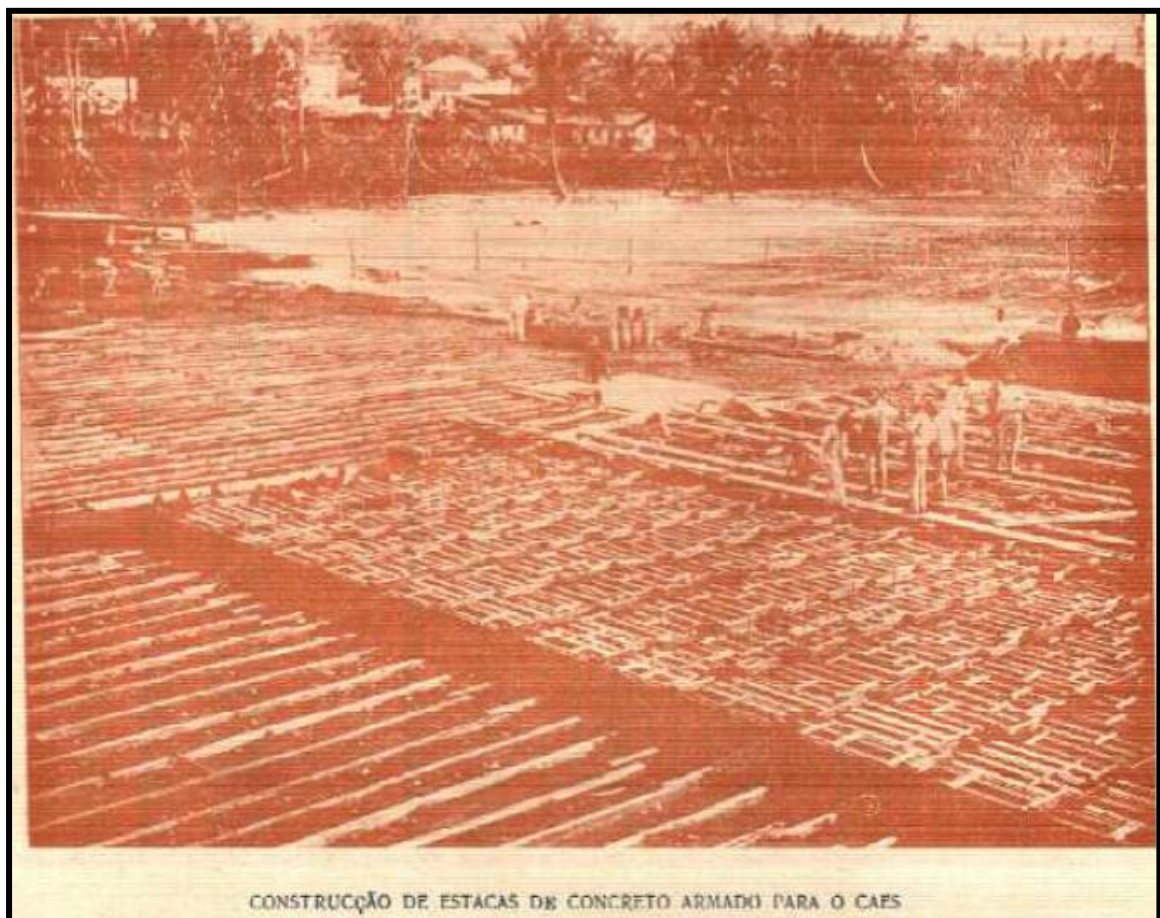
A Parahyba do Norte figura, hoje, sob todos os pontos de vista, entre os Estados mais importantes da Federação brasileira, ocupando mesmo um dos primeiros lugares relativamente a suas riquezas naturais e as suas condições e possibilidades econômicas. Sobretudo de uns cinco anos a esta parte, se vai notando nesta unidade da República um considerável surto de progresso do nosso comércio, nas nossas indústrias, o que tem dado a evidência um incremento a mais considerável a todas as nossas fontes de riquezas pública. [...] Sabemos que a nossa produção de algodão é das primeiras do mundo, dia a dia, para o que muito têm concorrido as providências do governo, defendendo e protegendo a situação têxtil. Também não é inferior à nossa produção de café e tabaco, que chegamos a exportar em alta escala. Isso para não citar outras riquezas vegetais, que constituem verdadeiras indústrias em nosso Estado. (ERA NOVA, 1922 – Edição Centenário).

De acordo com a *Era Nova* o desenvolvimento urbano da Parahyba do Norte se insere em sistemas econômicos diferenciados, observamos que o Estado é guiado por uma economia agrícola – café, açúcar, algodão, tabaco, entre outros produtos. Entretanto, para acompanhar o progresso aos moldes europeus, comércios e indústrias foram responsáveis por regenerar essa economia, o capital financeiro não seria mais puramente agrícola. Em uma sociedade europeizada, capitalista e consumidora quem se destaca são os setores comerciais e industriais. Essa regeneração desencadeou transformações profundas na cidade, como vimos anteriormente, as ruas precisavam se adequarem com iluminação, calçamento, alargamento, bondes elétricos e saneamento para receber os consumidores modernos, construções importantes como o Porto, rodovias e estradas foram erguidas para o transporte de mercadorias, além disso, o processo de urbanização atrelado a industrialização atraiu para os centros urbanos uma parcela crescente da população brasileira.

Na edição centenário da revista *Era Nova*, temos a seguinte apologética do processo de urbanização da capital do Estado: “O nosso comércio de importação e exportação já se acha largamente desenvolvido, e este progresso avultará com a conclusão das obras de nosso porto”. Com a Proclamação da República o Brasil vivia um rápido crescimento econômico, sua

integração cada vez maior com o modelo de economia capitalista internacional exigiam uma organização do espaço urbano e de construções, com o processo de importação e exportação de mercadorias, tornou-se fundamental a construção e reformas do porto nas cidades. Como já afirmado pelo quinzenal *Era Nova* a Paraíba será um dos Estados brasileiros que foi contemplado pelas atividades portuárias¹³. Vejamos fotografias desse momento tão importante da nossa história.

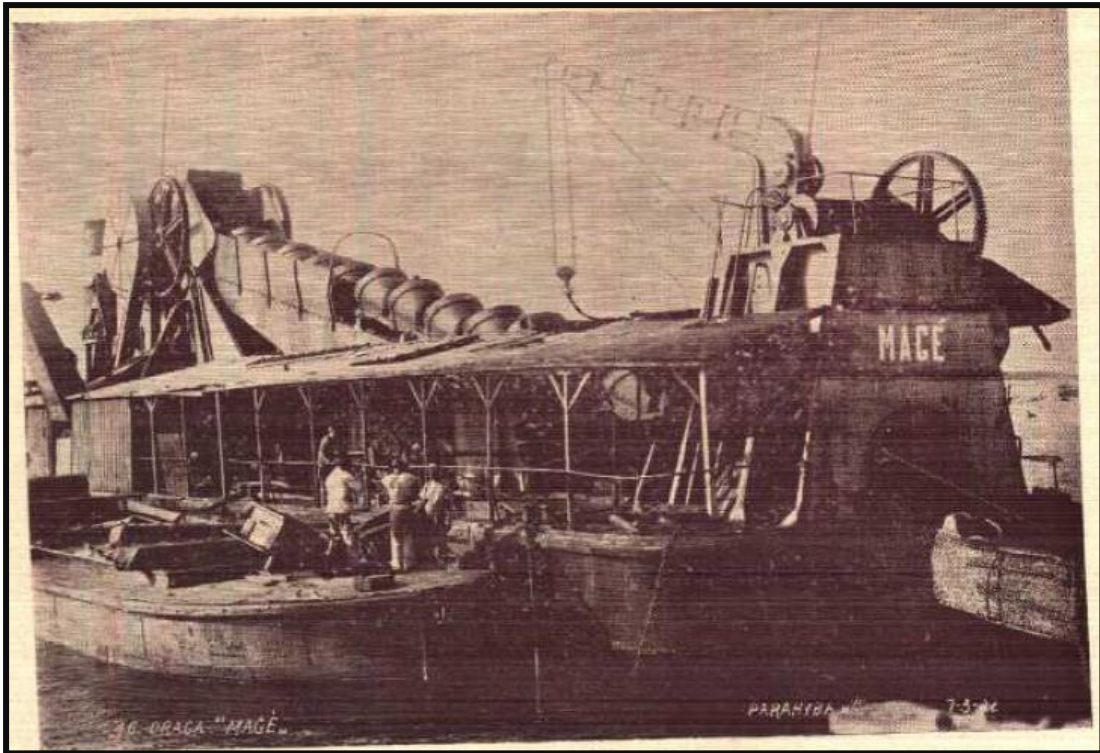
Imagem 3 – Obras do Porto



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. Edições Especiais, 1922 – Festas Centenárias)

¹³ O Porto do Estado da Paraíba foi construído na cidade de Cabedelo e inaugurado em 23 de janeiro de 1935, entretanto o projeto para sua construção foi aprovado em 9 de julho de 1905, pelo Decreto nº 7.022/05. Tendo sido efetivamente consolidada sua construção no dia 5 de agosto de 1908. Em 16 de dezembro de 1917 foram concluídos 178m de cais e um armazém no Porto de Cabedelo. Após uma longa paralisação, as obras foram retomadas em novembro de 1931, como resultado de um compromisso assumido pelo Governo Federal e o Governo do Estado da Paraíba, o qual reivindicava a execução de instalações adequadas às exportações de algodão, produzido no estado.

Imagem 4 – A Grande Draga¹⁴

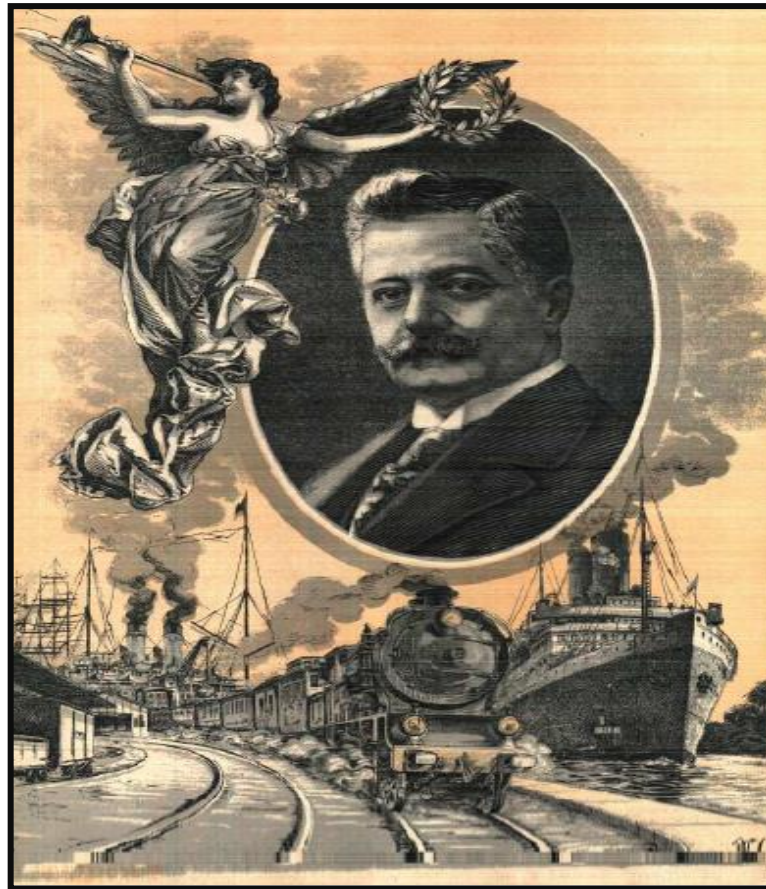


Fonte (*Era Nova*, Paraíba. Edições Especiais, 1922 – Festas Centenárias)

Símbolo da modernidade, do progresso das sociedades, o porto promoveu uma diversificação de mercadorias em solo brasileiro, autoridades públicas Parahybanas intensificaram seus esforços a partir da década de 1920, para conseguir inaugurá-lo, a instalação do sistema portuário facilitou a exportação e importação das mercadorias, encurtando o tempo de chegada dos produtos do mundo inteiro. O porto carrega consigo um simbolismo profundo, os navios principalmente franceses, que ancoravam nos portos brasileiros traziam os ícones da modernidade, eles “Não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e livros mais em voga, o comportamento, o lazer, as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio”. (SEVCENKO, 2003, p. 37). É importante percebermos que esses produtos e práticas comportamentais modernas na Parahyba só chegam por intermédio do porto a partir do ano de 1935 data de sua inauguração, no recorte temporal aqui analisado essa modernização foi transportada para a capital Parahybana por meio das ferrovias e rodovias – especialmente pelo trem. Analisando as publicações da *Era Nova* uma Imagem despertou minha atenção, vejamos:

¹⁴ Em 1901 chega a Cabedelo uma draga vinda de Santa Catarina para dar continuidade ao processo de dragagem, iniciando sua operação em 1902.

Imagem 5 – Era Nova



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. Edições Especiais, 1922 – Edição Centenária)

Essa *Imagem 5* apresenta um panorama da regeneração que a Parahyba do Norte vivenciava na década de 1920, nela encontramos o trem que em seus vagões transportavam os objetos que eram símbolos da modernidade, nas estações, além do embarque e desembarque dos produtos, o trem proporcionava o acesso à informações por meio de jornais e dos cidadãos que desembarcavam, principalmente dos centros irradiadores da modernidade brasileira Rio de Janeiro e São Paulo, relatando os acontecimentos sociais, políticos e culturais dessas cidades. Encontramos também a presença de um navio tão importante no processo de transformação da capital, como relatado anteriormente. Em outra parte da imagem observamos a presença de uma indústria – setor essencial para o desenvolvimento urbano e econômico da cidade, delas saíram capital financeiro para a regeneração de áreas centrais. Em meio a tantas informações contidas na *Imagem 5*, percebemos que em cima dos símbolos da modernidade encontra-se a imagem do político Epitácio Silva Pessoa¹⁵, conduzindo os leitores a pensar que esse processo de

¹⁵ O ilustre doutor Epitácio Pessoa, um dos nomes que hoje mais honram o Brasil e muito particularmente a Parahyba, nasceu na cidade de Umbuzeiro, deste Estado, em 23 de maio de 1866. Seus pais foram o tenente-coronel José da Silva Pessoa e d. Henriqueta Barbosa Lucena. Precocemente revelou-se um espírito inteligente e arguto, de vontade realizadora. Entrando em 1882 para a Faculdade de Direito do Recife. Com a Proclamação da

modernização vivenciado pela capital foi graças a esse político. E de fato, Eptácio Pessoa contribui bastante para o desenvolvimento do Estado, principalmente no período que foi presidente do Brasil, o magazine *Era Nova* fazia questão de enaltecer os feitos do político Parahybano nas suas páginas, seja por meio de fotografias ou artigos de opinião. *Vejamos algumas de suas obras:*

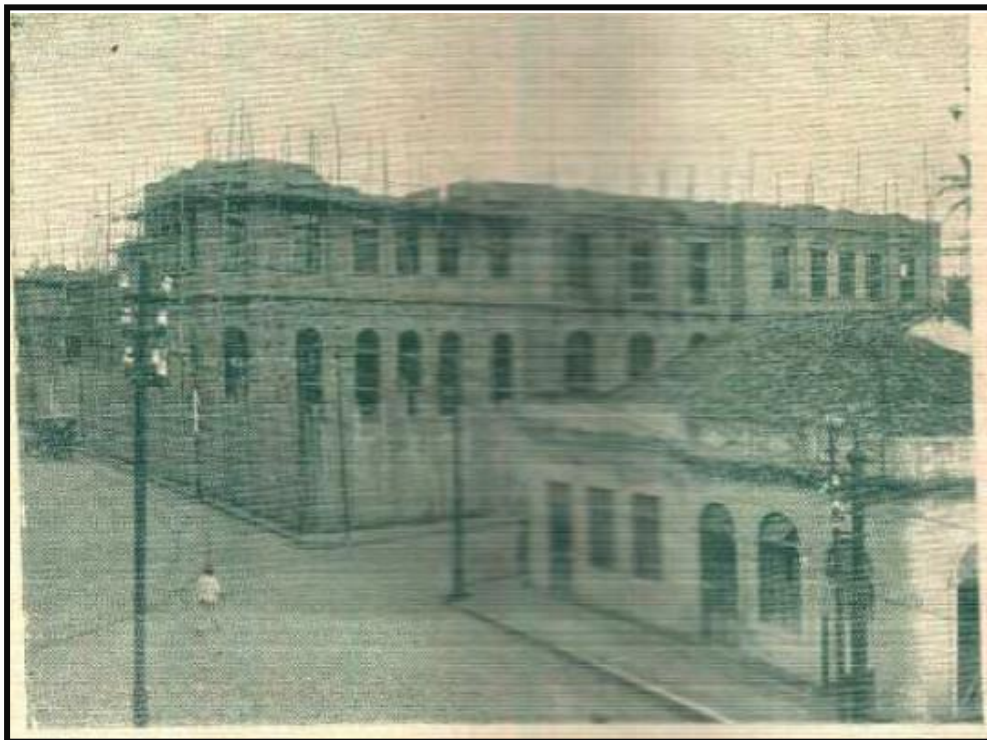
As grandes realizações do seu governo ali estão, aos olhos de todos, cabendo-nos, a nós Parahybanos, um preito muito especial de gratidão aos assinalados serviços e benefícios que a sua administração prodigalizou à Parahyba. Eis as principais obras levadas a efeito entre nós, durante o tempo presidencial de Eptácio Pessoa. Construções: - Porto da Capital, Correios e Telégrafos; Quartel do 22º Batalhão de Caçadores; [...] Estrada de Rodagem da Capital a Pedras de Fogo; Saneamento de Jaguaribe; Serviço de Combate a Sífilis e Moléstias Venéreas; Estações Ferroviárias; Estradas de rodagem e penetração aproximando vários pontos do Estado e Estado limítrofes; Duas Grandes Barragens em Boqueirão e São Gonçalo. (*Era Nova*, Paraíba. Edição Centenária, 1922 – Dr Eptácio Silva Pessoa).

Obras essas importantíssimas para o desenvolvimento urbano e econômico da Capital e de todo o Estado Parahybano, nas primeiras décadas do século XX houve um *boom* de obras e reformas pela cidade, todas elas eram registradas pela câmera e publicadas nos meios de comunicação – principalmente na *Era Nova*. Esse ato de fotografar as obras do progresso possibilitou a expansão do gênero fotográfico na cidade Parahybana, veremos que a sua expansão se insere em dois momentos no Estado – fotografar as obras da modernidade, e registrar as faces dos cidadãos modernos, dos seus ritos familiares, documentando-as para o futuro, atestando como nos afirma Barthes que aquilo que estava diante da câmera fotográfica realmente existiu¹⁶. Muitas foram as obras para os fotógrafos registrarem na Capital Parahybana e em algumas cidades do Estado que mesmo em um ritmo mais lento caminhava em busca do progresso. Ao folhearmos as páginas da *Era Nova* encontramos o *boom* dessas construções, obras contra a seca, estradas ferroviárias e rodoviárias, espaços educacionais, centros comerciais, edifícios modernos, todos esses empreendimentos são registros frequentes no magazine, era a Parahyba do Norte se embelezando.

República, foi convidado por Venâncio Neiva para seu escritório no governo da Parahyba, logo que assumiu em dezembro de 1889. Assim, estava iniciada a carreira política de Eptácio Pessoa, que em 1890 era eleito deputado a Constituinte. (*Era Nova*, Paraíba. Edição Centenária, 1922 – Dr Eptácio Silva Pessoa). **Eptácio Pessoa** ocupou cargos importantíssimos no Brasil e na Parahyba do Norte, como de Promotor Público na cidade de Bom Jardim, Deputado Federal, Senador da Paraíba, Ministro da Justiça, Ministro do Supremo Tribunal Federal, Procurador-geral da República. Mas seu ápice é em 1919 quando foi eleito o décimo primeiro presidente do Brasil, governando o país de 1919 a 1922.

¹⁶ Aprofundar em *A Câmara Clara*, (1984), de Roland Barthes.

Imagem 6 – Construção do Edifício Correios e Telégrafos



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. Edições Especiais, 1922 – Obras do Nordeste)

Imagem 7 – Fachada Principal do Quartel do 22º Batalhão de Caçadores



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. Edições Especiais, 1922 – Obras do Nordeste)

Essas imagens atestam a veracidade do processo de embelezamento que a Capital vivenciou na década de 1920, em ambas os registros encontramos construções de arquitetura

moderna e grandiosa, na *Imagem 6* já podemos contemplar a regeneração das ruas, ampliadas, calçadas e iluminadas, coroando a modernização dessa fotografia encontramos a presença do bonde elétrico símbolo de progresso e civilização no século XX. Em ambos registros fotográficos 6 e 7 a revista enaltecia o *feito e quem o fizera*:

A Parahyba, no ano Centenário, atravessou uma fase de construções importantes e vultuosas obras, mandadas executar pela administração laboriosa e honrada do Sr. Epitácio Pessoa. Numerosíssimas, como já frisamos, foram as iniciativas e esforços dependidos patrioticamente pelo governo do nosso conterrâneo, com o fim de dotar a sua terra de benefícios inadiáveis, como as grandes barragens, açudes, estradas de rodagem, de ferro, estações de monta, etc., que vem favorecer bastantemente o progresso do Estado. Mas dessas obras acima aludidas, merecem neste registro especial destaque as construções do novo quartel do 22º Batalhão de Caçadores e do edifício destinado aos Correios e Telégrafos ambos imponentes e que correrão muitíssimo para o embelezamento da metrópole Parahybana. (*Era Nova*, Paraíba. Edições Especiais, 1922 – Obras do Nordeste)

Esses registros agiam na perpetuação da construção e do seu fundador para o futuro, existia todo um processo antes, durante e depois do ato fotográfico, esse registro não ficaria congelado unicamente nos rolos da câmera, eles seriam impressos nos jornais e nas revistas, onde a sociedade moderna iria recepcioná-los, apreciando o quão moderna a cidade estava, mas guardando em sua memória não apenas o feito, mas quem proporcionou tamanho empreendimento, tudo era muito bem detalhado pelo fotografo e seu solicitante – sabendo que a fotografia sobreviveria para o futuro tudo tinha que sair com perfeição, estamos diante das intencionalidades da fotografia. Como nos afirma Kossoy, toda fotografia tem atrás de si uma história: “[...] houve uma intenção para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar a cena ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa” (KOSSOY, 1980, p. 47). Uma coisa é certa sobre essa fonte documental: na cena congelada encontramos apenas um fragmento da realidade, portanto, o estudo da fotografia enquanto fonte histórica não pode ser encerrada no registro fotográfico, é necessário mergulharmos nelas, “[...] precisamos aprender a esmiuçar as fotografias criticamente, interrogativamente e especulativamente” (WEINSTEIN & BOOTH, 1977, p.11).

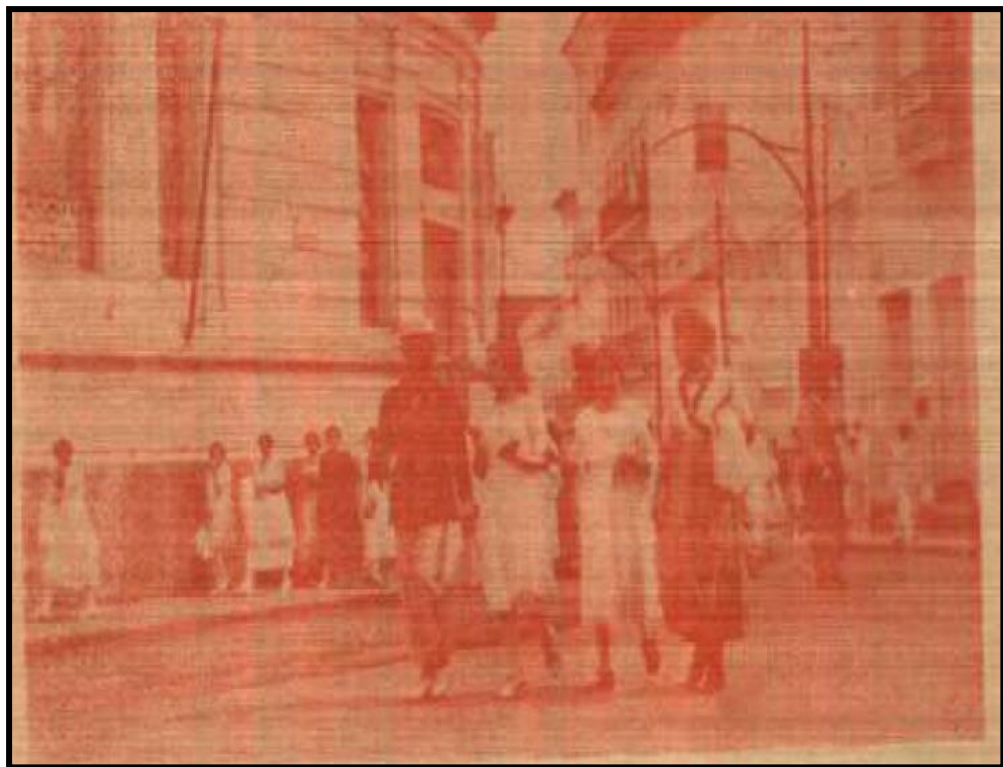
Produto da sociedade moderna, a fotografia registrou todas as mudanças vivenciadas pela sociedade civilizada, paisagens urbanas, gestos; comportamentos, faces, hábitos e costumes – ou seja, o *novo* era o principal interesse da câmera. “A fotografia sempre esteve presente no registro do novo, daquilo que representasse transformação”. (BERTRAND, 1997, p. 36).

A cidade dia a dia caminhava para o progresso, para o seu embelezamento, junto dos seus cidadãos afortunados, ser moderno nas primeiras décadas do século XX significava ir às

ruas desfrutar do que elas podiam oferecer, fazer compras, consumir os produtos da modernidade, frequentar as praças e jardins da cidade, as casas de danças noturnas, era cuidar do corpo praticando esportes, desfilarem nos bondes elétricos ou automóveis, ser moderno era cuidar e amar os filhos - vê-los como parte da grupo familiar e futuro da nação.

Segundo Sevcenko nas cidades brasileiras surgiu “[...] uma verdadeira febre de consumo que tomou conta das cidades, toda ela voltada para a “novidade”, a “última moda”. (SEVCENKO, 2003, p.28). A influência era enorme dos artigos europeus, homens e mulheres afortunados saíam às ruas em busca dos produtos modernos, lojas de joias e perfumaria, produtos de banhos e higiene, roupas, chapéus e sapatos, eram os comércios mais procurados pelos consumidores, não bastava “vestir” a cidade, era fundamental também “vestir” os cidadãos. Em uma cidade elegante, cosmopolita e embelezada aos moldes franceses o sujeito selvagem, ou seja, o não moderno era como um parente que nos envergonha, o mesmo deveria ser afastado da área central da cidade, ou “vestir” os trajes da modernidade. Com as representações sobre o que é ser moderno surge novos hábitos e comportamentos na sociedade Parahybana.

Imagem 8 – Rua Maciel Pinheiro



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 01/08/1921, nº9)

A *Imagem 8* é parte do processo de regeneração da cidade e dos cidadãos, nela encontramos o surgimento de novos comportamentos como: o hábito das mulheres saírem para

as ruas da cidade, ora para consumir os artigos da *Belle Époque*, ora para sociabilizar com outras pessoas nas praças e jardins, nos clubes de dança, ora para passear com seus filhos, desfrutando dos novos espaços urbanos. Isso não significa dizer que as mulheres não saiam nas ruas anteriormente ao processo de modernização, mas evitavam-nas. Como nos afirma Jurandir Freire, em “*Ordem Médica e Norma Familiar*” (1989):

A rua colonial era um local reservado a homens, vagabundos, capoeiras, ciganos, ladrões, negros, quadrilheiros, prostitutas, mendigos ou penitentes. A mulher de elite evitava-a. [...] essas raras ocasiões em que saiam as ruas estavam rigidamente previstas: passeios com a família por ocasião de festas públicas e obrigações religiosas. (FREIRE, 1989, p.118).

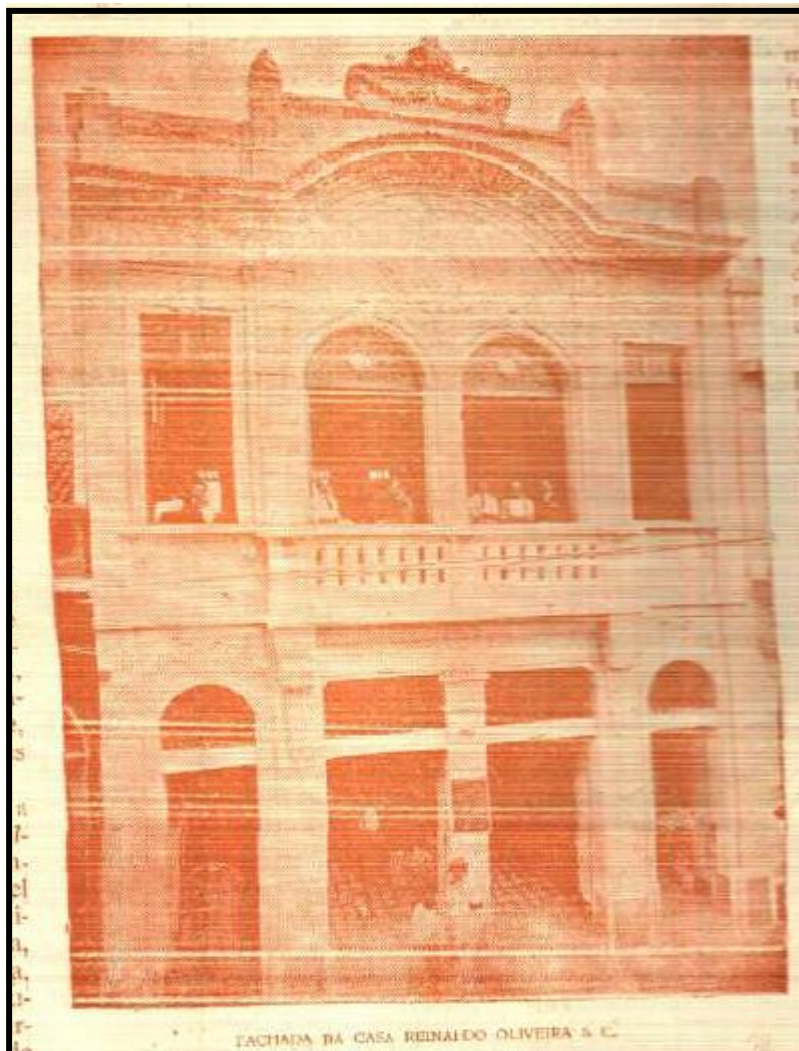
A mulher ficava muito tempo no interior da casa, mesclando seu ócio com alguma tarefa doméstica, como cuidar do lar, dos empregados e dos filhos, a relação de homem e mulher era pautada na ideia: homem fora de casa, a ele era permitido um contato com o mundo, com a sociabilidade, enquanto a mulher vivia no interior da casa, era o enclausuramento feminino. Quando necessitavam de comprar algum produto, os próprios vendedores iam até a residência para vender joias, roupas e calçados, as demais mercadorias para o lar eram os próprios empregados que compravam. Entretanto, veremos no decorrer da pesquisa, que o enclausuramento da mulher recebeu intensas críticas dos médicos sanitaristas, os mesmos afirmavam que esse confinamento das mulheres era prejudicial tanto para ela, como para o período de gestação e amamentação das crianças, sendo fundamental as mesmas praticarem exercícios físicos, caminharem para assim desenvolverem crianças saudáveis e robustas. Os discursos higienistas agregados ao processo de modernização da cidade e dos seus habitantes, romperam com o enclausuramento feminino, elas “[...] abandonavam o fundo ensombrecido das janelas, tão propício as idealizações românticas, para reaparecer, vestidas a rigor da moda, frequentando o comércio varejista”. (SEVCENKO, 2003, p. 96).

Na fotografia acima, encontramos uma rua regenerada, aos padrões de embelezamento europeu, com a presença de mulheres conversando, no registro percebemos a ausência da figura masculina com elas, atestando a mudança de comportamento da sociedade - mulheres caminhando nas ruas e sem a companhia do pai ou esposo, eram os novos hábitos do mundo moderno que chegava à Parahyba do Norte. Não se sabe ao certo, se elas estavam realizando compras pela cidade, principalmente por a rua em que foram fotografadas era a rua Maciel Pinheiro, uma importante área de comércio da cidade, se vinham de algum evento social, ou de espaços educacionais – como a Escola Normal, o Lyceu Parahybano, afinal em uma sociedade moderna, civilizada as mulheres estudam, se formam e orgulham seus pais.

Frequentar os comércios, as lojas e fazer compras deixou de ser um serviço restrito às mucamas de outrora. Pouco a pouco, esse costume foi se incorporando ao cotidiano das mulheres e porque não dos homens? Veremos um leque de artigos modernos tanto para mulheres, homens e crianças nas ruas da cidade. O novo cenário da Parahyba do Norte exigia novos figurinos, adereços, comportamentos. Em todas as edições da *Era Nova* encontramos anúncios publicitários ou fotografias de comércios que possibilitam o sujeito ser moderno, o que abrange não só os objetos, vestimentas e artigos, mas também a higiene, o cuidado com a saúde da sociedade.

Vejamos essa afirmação a partir de uma publicação da *Era Nova*:

Imagem 9 – A FIRMA REINALDO DE OLIVEIRA & C



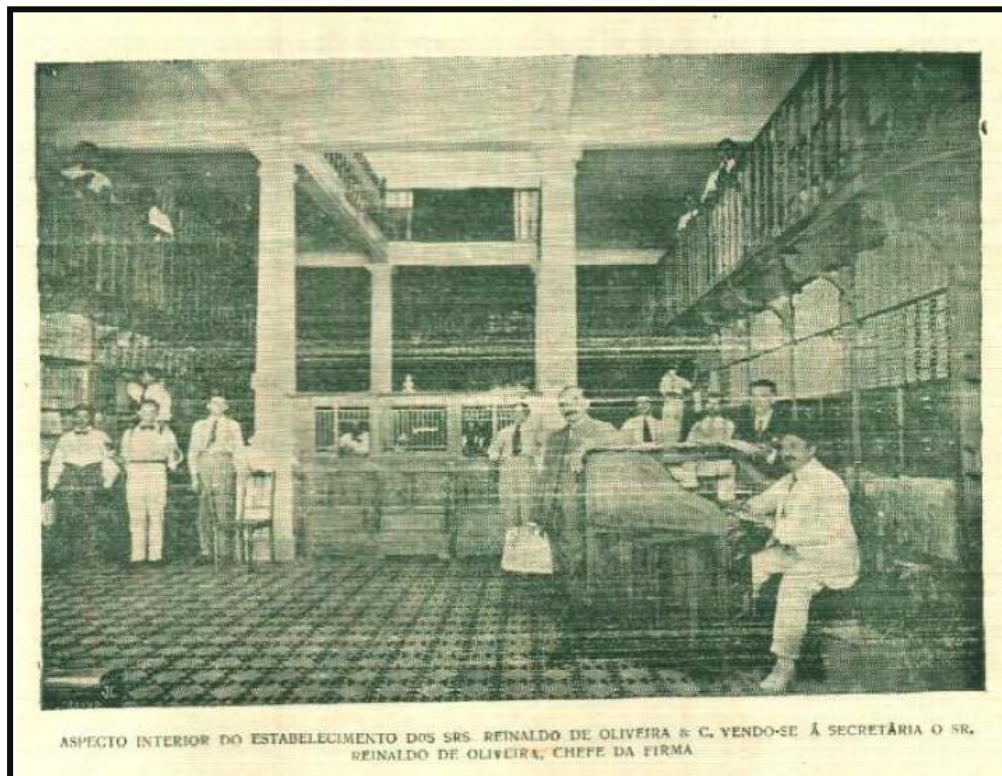
Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 15/04/1921, nº 2)

A Firma Reinaldo de Oliveira & C era uma referência em artigos luxuosos na capital Parahybana, observamos mediante o registro um grandioso comércio com uma fachada

opulente, transmitindo uma impressão de um “palácio”, onde a majestade eram os consumidores que movidos pelo progresso e o capitalismo, iam comprar os artigos modernos. Acompanhando o registro fotográfico a *Era Nova* reforçava o esplendor desse comércio mediante um artigo intitulado “Pelo Nosso Alto Comércio”:

É digno de notar o grande progresso que ultimamente se observa em nosso alto comércio de miudezas e outros ramos de negócio, isto devido a ingentes esforços de esclarecidos e honrados comerciantes dessa praça. Entre as principais casas de negócios da Parahyba está a firma Reinaldo de Oliveira & C. Há coisa de um ano e meio, fundou-se nesta capital esse importante estabelecimento de miudezas, perfumarias, modas, etc... que é hoje, incontestavelmente um dos melhores do Estado. [...] Achando-se confortavelmente instalada no prédio de nº172 da rua Maciel Pinheiro [...] mantém diversas secções de modas e outras especialidades. Entre seus artigos podemos destacar sedas, rendas de filó, fitas, perfumarias e outras miudezas chegadas, há pouco, da França, diretamente para aquela casa comercial. Terminando esta ligeira notícia, *Era Nova* faz voto que a casa Reinaldo de Oliveira & C, continue sempre no caminho em que se vem galhardamente dirigindo, desde a sua fundação. (ERA NOVA, N°02, 1921, p.10).

Imagem 10 – INTERIOR DA FIRMA REINALDO DE OLIVEIRA & C



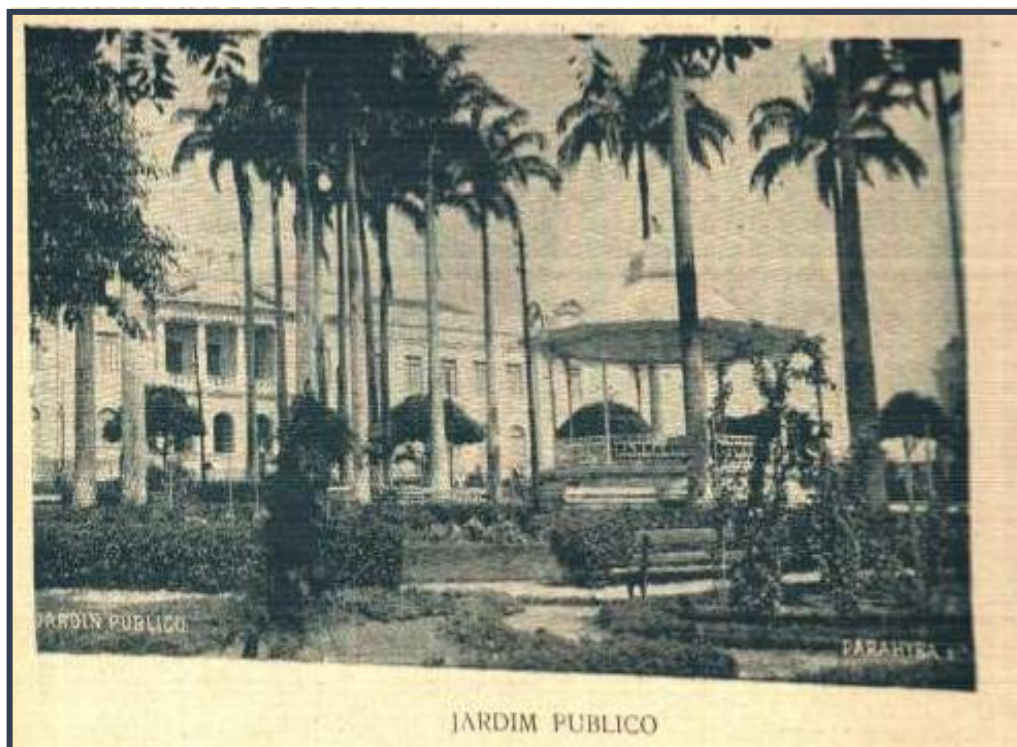
Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 15/04/1921, nº 2)

Vejamos a Firma Reinaldo de Oliveira & C na parte interna, a mesma dar continuidade a arquitetura majestosa da frente desse comércio, nessa fotografia contemplamos um espaço moderno revestido com um piso decorado e brilhante típico dos edifícios franceses, os

funcionários vestidos com indumentárias *chics*, no pescoço um adorno fundamental do cidadão civilizado: a gravata, nem mesmo pareciam funcionários e sim compradores, tudo era pensado para atrair um público; a elite, esse modelo de comércio ainda contava com a ajuda da *Era Nova* para atrair os cidadãos afortunados da sociedade, era o novo hábito que surgia com a modernidade – frequentar lojas, comprar os artigos de luxos e desfilar nas ruas palcos do progresso.

Ser moderno não significou apenas consumir e abraçar as novidades, mas também vivenciar momentos de lazer. A partir das primeiras décadas do século XX, o lazer passou a ser incorporado no dia a dia das elites Parahybana. O cidadão moderno saía de casa e ia à praça, aos jardins, às ruas onde o espetáculo da modernidade acontecia. Como observa Sevcenko, o antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua; é lá que a ação estava. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. (SEVCENKO, 1992, p. 33). Toda uma nova série de hábitos surgiu nesse momento, físicos, mentais e sensoriais; esportes, danças, confeitarias; o canto, chás, equitação, desfile de beleza; corridas, ginástica, natação; parques, jardins entre tantos outros. Esses novos costumes eram integrados ao cotidiano de homens, mulheres e crianças das sociedades afortunadas. Conforme sugere Freire “Às meninas recomendavam-se o canto, a declamação e o piano. Aos meninos aconselhavam-se o salto, a carreira, a natação, a equitação e a esgrima. A dança era indicada para ambos os sexos”. (FREIRE, 1989, p. 185). A cidade se regenerava a partir das necessidades dos seus cidadãos, os espaços para “diversões” tornaram-se lugares de sociabilidade, de ostentar a moda, conscientes disso os administradores públicos da cidade passaram a se preocupar principalmente com as estruturas das praças e do Jardim Público da Parahyba, a partir desse período veremos surge vários jardins pelas áreas centrais da Capital.

Imagem 11 – Jardim Público



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 15/06/1921, nº 6)

Imagem 12 – INSTANTANEO – No Jardim Público



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 15/06/1921, nº 6)

As *Imagens 11 e 12* apresentam o belíssimo Jardim Público da Parahyba do Norte, espaço esse desejado por parte da sociedade, como podemos observar nas palavras do engenheiro José Claudino de Oliveira Cruz em “Melhoramentos da Capital Parahyba” ressaltando as necessidades desse local “*abastecimento d’agua potável, canalisação de esgoto das materias fecaes e aguas servidas, limpeza publica, adopção de um systema aperfeiçoado de iluminação, construcção de um theatro construcção de carris de ferro, e Jardim Publico*”. (GAZETA DA PARAHYBA, 1889, p.2). Conforme a modernidade ia penetrando e modificando as grandes metrópoles brasileiras, a Parahyba do Norte também começará a solicitar essas “mudanças civilizadoras” as quais iriam regenerar a cidade.

Já havia uma “espécie” de Jardim Público na cidade, conforme Mariz afirma em “*Evolução Econômica da Paraíba*” (1978), “[...] o jardim público, com as palmeiras imperiais, arvoredos altos, renques de pitangueira, fechado em gradil de ferro (...) foi construído pelo vice-presidente padre Galvão cerca de 1870” (MARIZ, 1978, p. 89). Entretanto, as instalações desse espaço estavam bastante precárias, acarretando em críticas, o mesmo sequer é considerado como um Jardim, fato este que é reafirmado nos dizeres de Claudino Cruz, quando solicita a construção de um Jardim Público.

Segundo Célia Almeida, em *Espaços Públicos em João Pessoa (1889-1940): Formas, Usos e Nomes* (2006), no início do século XX, com o começo do processo de modernização o Jardim Público foi um dos primeiros espaços a sofrer modificações na Parahyba do Norte, com o governo de João Machado, o Jardim foi “higienizado e embelezado” recebendo um novo coreto, passando a ser chamado a partir daquele momento de praça. Perceberemos essa transformação sofrida por ele quando analisamos a *Imagem 11*, nela encontramos um espaço revitalizado, bem cuidado, cercado de palmeiras, arbustos e gramados podados - característica que surgiu com a modernidade tropical se espelhando principalmente no paisagismo francês.

Para essa praça convergem edificações monumentais que se destacam no conjunto urbano, também revestidas de um valor simbólico pelas atividades nelas desenvolvidas: Escola Normal, Palácio do Governo, Igreja Nossa Senhora da Conceição - posteriormente demolida - Liceu Paraibano e Imprensa Oficial. (ALMEIDA, 2006, p. 93)

Essas edificações se encontravam no entorno do Jardim Público, na *Imagem 11* conseguimos ver ao fundo o Palácio do Governo e a Igreja Nossa Senhora da Conceição, as quais foram construídas a partir da arquitetura eclética, podemos observar edificações compostas de colunas e ornamentos, com valorização da simetria, vemos prédios grandiosos como o Palácio do Governo do lado esquerdo da imagem, era necessário uma construção majestosa para esse prédio principalmente pelo seu significado na sociedade, o mesmo era a

sede do poder executivo estadual, desse espaço saia grandes decisões administrativas, influenciando diretamente o cotidiano dos cidadãos. A opulência desses prédios comprovava que a Parahyba do Norte estava caminhando para a modernidade, para o embelezamento, percebemos mediante a *Imagem 11* que essas edificações eram realçadas pela presença de palmeiras, uma espécie de arborização, interligando esses prédios a praça central.

Juntamente com o processo modernizador do início do século XX, surgiu a necessidade do aumento do número de praças nos espaços urbanos, tornando-as um dos grandes marcos desse momento. Afinal, a praça é um elemento essencialmente urbano e vital. As praças sempre estiveram vinculadas às funções cívicas, religiosas ou comerciais, em sua grande maioria eram cercadas de edifícios públicos, destinadas a receber manifestações cívicas e políticas. Nelas ocorriam os eventos sociais mais importantes, entretanto, a partir das primeiras décadas do século XX o significado das praças foi modificado, anteriormente propícias as atividades comerciais agora passam a ser vista como espaço de lazer, atrativo para encontros, de práticas sociais, das manifestações do cotidiano urbano.

Formadas por uma área arborizada e dotada de coretos, constituíam um espaço agradável de convívio e encontros, e sobretudo um espaço gerador de sociabilidades. Na *Imagem 11* encontramos uma praça bastante arborizada e dotada de um belíssimo *coreto*, monumento esse comum nesse recorte temporal. A maioria das praças criadas ou reformadas nesse momento dispõe desse elemento, que além de marco estético - alguns de ferro e outros de alvenaria, vincula-se à emergência da prática das retretas¹⁷. O coreto nesse contexto era usado como um espaço para discursos importantes de teor político ou noticiosos, para concertos musicais e festas. Ainda sobre a *Imagem 11* vemos a presença de bancos de assentos, objeto essencial para as praças, eram nesses bancos que os cidadãos iriam se reunir para conversarem, trocarem informações e mostrarem principalmente os seus bens materiais, mediante isso podemos atribuir a praça como um ambiente de reprodução da vida, as quais possuem significações e conceituações de acordo com o momento temporal, cultural e social que estão atreladas, sabemos que o seu significado na Idade Medieval não é o mesmo da Idade Contemporânea.

Percebam que a *Imagem 12* é uma continuidade das afirmações aqui elencadas e da *Imagem 11*, nela encontramos 3 (*três*) moças sentadas em um dos bancos da praça do *Jardim Público*, o intuito desse ato nesse momento não seria apenas de sociabilização entre elas, mas de eternizar esse momento em uma fotografia, e para além disso, ter essa imagem publicada

¹⁷ Retreta possui significação de “Toque de banda musical em praça pública”.

posteriormente nas páginas da renomada revista *Era Nova*. Contemplamos a imagem de 3 (três) jovens de sorrisos contidos e de olhares fixos para a câmera fotográfica, com vestimentas em tons claros - o que nessa época remetia a pureza - sem decotes e com os vestidos na altura dos joelhos, todos esses detalhes construíam uma imagem para essas moças: seriedade, delicadeza e pureza, atributos essenciais para essas mulheres perante a sociedade, no caminhar dessa pesquisa iremos dialogar bastante sobre a condição da figura feminina da sua infância à fase adulta no início do século XX, mas retomando sobre as significações das praças, o cenário para essa fotografia não poderia ser outro naquele momento, sendo a praça um elemento exclusivamente urbano e agora concebida como espaço de práticas sociais, era compreensível tê-la como cenário nas fotografias, eram os novos hábitos que chegará com a modernidade, essas moças fotografadas demonstraram com suas indumentárias que a tradição continuava presente em suas vidas, entretanto que o tradicional já dividia espaço com a modernidade quando as mesmas foram fotografadas em uma praça pública, sorrindo mesmo que timidamente e sem a presença de uma figura masculina do lado, era mais uma prova do encerramento do enclausuramento feminino, era a modernidade rompendo as barreiras da tradição.

Conforme folheamos as páginas da *Era Nova* nos deparamos com o desenvolvimento da Parahyba do Norte, documentado a partir de fotografias e manchetes, tendo a cidade como *palco* para o processo modernizador. Todo o esplendor da cidade e dos cidadãos era fotografado e publicado na *Era Nova*. Entretanto o processo modernizador apresentado nesse magazine não ficará restrito aos limites de terras paraibanas, em suas páginas encontraremos manchetes e fotografias sobre o a modernização do Rio de Janeiro, Manaus e Recife, entre outras. Vejamos na seção “*Impressões do Rio O Pão de Assucar I*”:

*Subir ao Pão de Assucar constitue, de alguns anos a esta parte, o passei predilecto dos amantes de sensações novas e dos innumerous touristes que diariamente apostam ao Rio de Janeiro. Do sopé do morro da Babylonia ao cimo da Urca, que lhe fica fronteiro, partem os cabos de resistencia e tracção. A estrada aerea que até lá nos conduz com a maior segurança através os *rails* invertidos desse novo meio de transportes, é uma audacia da engenharia brasileira como já o era a minuscula via-ferrea do Corcovado A subida deliciosamente macia e suave não produz a menor commoção, nenhuma desagradável impressão à primeira vista faz supor. (ERA NOVA, N°08, 1921, p.14).*

Continuando “*Impressões do Rio Corcovado II*”:

“Arrastando o seu vagonete repleta de excursionistas, a pequena locomotiva electrica subia, torcicolllando, pelas rampas menos ingremes em direitura as Paineiras, segundo e último ponto estende o Jardim Botânico” (ERA NOVA, N°03, 1921, p.12).

Mediante essas afirmações aqui elencadas, percebemos que a magazine *Era Nova* buscou também apresentar aos seus leitores o progresso vivenciado nas demais capitais

brasileiras, apontando símbolos de modernidade como o Jardim Botânico, transportes aéreos, bondes elétricos, e apontando monumentos como o célebre *Pão de Açúcar*. Entretanto, observemos a “*Seção Impressões do Rio*” com pensamentos críticos e reflexivos, essa seção pode ser compreendida também como uma espécie de elemento comparativo, nessas duas passagens apresentadas encontramos símbolos do moderno presentes no Rio de Janeiro, e a Parahyba do Norte será que detinha de algum desses símbolos? Claro que sim! Recentemente vimos a imagem do belíssimo Jardim Botânico, outro símbolo moderno que já estava circulando pelas ruas paraibanas eram os bondes elétricos¹⁸, com isso percebemos que havia uma intenção de mostrar para os leitores que a Parahyba estava caminhando para o progresso, assim como as grandes capitais brasileiras, se por um lado esse *Estado* não detinha de um *Pão de Açúcar*, por outro, a cidade estava abarrotada de praças, parques e jardins para os cidadãos (principalmente a elite) desfrutarem.

Um símbolo do modernismo urbano que surge no início do século XX é a presença de parques de paisagens nas cidades brasileiras, fruto do processo urbanístico do país esse espaço agora fará parte do cotidiano e dos novos hábitos dos cidadãos. E se a Parahyba do Norte estava caminhando nos trilhos da modernidade, seria essencial ter um parque na cidade, é nesse contexto que é inaugurado o Parque Arruda Câmara. Sua história remete ao ano de 1822, quando a Provedoria da Fazenda autorizou a edificação de uma fonte em um pequeno bosque de onde fluía o córrego, passados alguns anos esse espaço passou por um processo de expansão que só foi concretizado em 1889, a área foi batizada com o nome do conceituado botânico paraibano, Manuel Arruda Câmara. Entretanto, será na gestão do então prefeito Walfredo Guedes Pereira que esse espaço ganhará ares modernos, é em sua gestão que o parque passa por uma reforma, sendo inaugurado como um símbolo de modernidade, em 1921. E será mediante a revista *Era Nova* que poderemos contemplar a imagem de como ficará o *Parque Arruda Câmara* pós-reformação. Vejamos:

¹⁸ Em 19 de fevereiro de 1914, o bonde de tração animal (o burro) – passou para tração elétrica, embora ambos sistemas tenham trafegado em paralelo na cidade até 1917. **O Jornal A União**, em 1917, trouxe as seguintes linhas sobre os bondes elétricos: “A Parahyba amanhecerá em festas para celebrar condignamente o maior acontecimento da sua vida publica nestes ultimos tempos: a inauguração dos bondes, electricos contratados pelo sr. dr. João Lopes Machado antecessor do sr.dr. Castro Pinto no governo. A festa que hoje se celebra, embora consagrada ao povo desta terra, devera-se endereçar como um sincero pretio de agradecimento ao eximo, sr. dr. João Machado, que teve a iniciativa dessa enorme conquista de civilização e progresso, e mais ainda aos contractantes que se vincularam juridicamente ao representante do Estado para effectuar esse empreendimento tão intimamente relacionado com a actualidade e o futuro da Parahyba do Norte” (Cf. A UNIÃO, 19 de fevereiro de 1917).

Imagem 13 – Parque Arruda Câmara



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 01/06/1925, nº 80)

Analisando a *Imagem 13* percebemos um espaço arborizado, onde o verde passava a ser incorporado nos espaços urbanos, como nas praças e parques, reforçando a ideia de que os cidadãos caminhavam contemplando o verde, hábito moderno que os brasileiros herdaram dos europeus. Vemos nessa imagem a presença de 2 (*duas*) pessoas, apesar da baixa qualidade da imagem, conseguimos identificar uma mulher parada na rua, e bem próximo a ela um homem caminhando, com vestimentas modernas como os famosos paletós - em sua cabeça repousava o chapéu, símbolo relacionado ao status social dos cidadãos. Entretanto, o que prendeu minha atenção na *Imagem 13* é a presença de um automóvel, um dos símbolos mais importantes do século XX.

A versão largamente aceita sobre a chegada do primeiro automóvel em terras brasileiras, remete ao dia 25 de novembro de 1891, quando desembarcou no Porto de Santos – São Paulo, Alberto Santos Dumont (um dos precursores da aviação) com seu belíssimo *Peugeot*, um automóvel com motor de dois cilindros da marca Daimler, seria o início de uma *Era Moderna*. Pouco a pouco os automóveis foram chegando às ruas brasileiras, principalmente depois da instalação da *FORD*, primeira fábrica automobilística no país. Inseridos no contexto social, econômico, político e sobretudo cultural do Brasil, os automóveis despertavam sentimentos diferentes nas pessoas, como curiosidade, estranhamento, admiração, e naturalmente o *desejo*

de possuir esse símbolo tão moderno e tecnológico. Segundo o historiador Nicolau Sevcenko nos afirma em sua obra, “*Orfeu Extático na Metrópole São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*”,

O automóvel era identificado como o último grau da ostentação. Pouco viável no seu uso, em vista do estado deplorável da maior parte das ruas suburbanas e estradas, num contexto em que o transporte era maciçamente baseado nos trens, bondes, carroças, charretes, cavalos e mulas, ele sempre foi encarado como um “brinquedo de ricos”. (SEVCENKO, 1992, p.74)

Podemos compreender então, que o automóvel nesse momento é integrado como um produto de luxo, instrumento de poder e ostentação. Aquele que possuísse esse símbolo, sem dúvidas estaria na escala mais alta da sociedade, as posses materiais diriam o seu status social. Na Parahyba do Norte os sujeitos afortunados – políticos, médicos e grandes proprietários de terras, entre outros, logo buscaram adquirir um automóvel. E a *Imagem 13* nos confirma isso, os carros disputavam espaços com as charretes e os bondes elétricos nas ruas centrais da Capital. Como vimos anteriormente, as artérias centrais já estavam prontas para receber o automóvel e o bonde elétrico, com calçamento, ampliadas e abertas, para os cidadãos desfilar com esses modernos meios de transportes. Nas páginas da *Era Nova* encontraremos inúmeros anúncios sobre esse “brinquedo de ricos”, vejamos abaixo:

Imagem 14 – Anúncios Automobilísticos



(*Era Nova*, Paraíba, 01/08/1921, nº9)

(*Era Nova*, Paraíba, 15/07/1925, nº83)

“*OS MAIS AFAMADOS AUTOMOVEIS*” eram algumas das expressões usadas para conquistar o público, como podemos observar mediante os anúncios da *Imagem 14*, em todas

edições desse magazine as propagandas publicitárias estavam presentes, dos mais diferentes gêneros: medicamentos, alfaiatarias, curtumes, lazer, perfumaria, hotéis, armazéns e como podemos ver aqui automóveis, entre outros. Indicando aos leitores lojas que possuíam os símbolos do modernismo, como o anúncio acima nos mostra, se desejássemos comprar um belo automóvel poderíamos ir na *Casa Navarro*.

Os periódicos funcionaram como indicadores de caminhos, comportamentos e valores para a sociedade. Como nos afirma Velloso, “as revistas semanais [...] almejavam um alvo bastante claro: fazer chegar aos seus leitores ideias, valores, comportamentos e imagens de um universo que se apresentava de forma inaugural, revolucionária e, sobretudo, sedutora”. (VELLOSO, 2008, p. 11). Elas anunciavam os símbolos da modernidade, e regenerava a sociedade a partir dos seus próprios ideais. Consideradas como verdadeiras máquinas de incutir desejos nos cidadãos, nas ruas os carros circulavam majestosamente e na imprensa eram anunciados como ícone do progresso, e essencial para todo sujeito moderno e afortunado. Todos os produtos anunciados na *Era Nova* eram direcionados para um público específico, ou seja, para elite da Parahyba do Norte. Como ser um sujeito moderno sem possuir um automóvel, ou sem usar carros de aluguel? Seria impossível! Para ser moderno na Parahyba era fundamental acompanhar as novidades apresentadas principalmente pelo magazine *Era Nova*.

Outro ponto que merece destaque é o surgimento dos carros de aluguel, pouco a pouco as charretes que transportavam as pessoas, foram substituídas pelos *carros de aluguel*¹⁹ ou bondes elétricos - mas, claro que isso era só para os cidadãos com poderes aquisitivos da cidade. O automóvel era considerado item chique e luxuoso. Sevcenko esclarece que o automóvel era duplamente aureolado pelo prestígio da mais moderna tecnologia europeia e do mais vistoso objeto do consumo conspícuo. Símbolo sofisticado de poder, mesmo na mão de choferes e empregados de companhias (SEVCENKO, 1992, p. 74). Era *chique* ser conduzido pelos carros de aluguel, pelos bondes elétricos, estamos diante de um novo hábito que modificou o cotidiano dos cidadãos. O desejo pelo o automóvel será incorporado na mentalidade dos cidadãos, homens, mulheres e crianças como podemos observar nas publicações da *Era Nova*.

¹⁹ Recordei quase que instantaneamente, quando escrevi sobre os carros de aluguel da novela “*O Cravo e a Rosa*” produzida e exibida pela TV GLOBO, no ano 2000. A novela é ambientada na década de 1920, nela assistimos que poucos eram os que possuíam automóveis, e as poucas pessoas que desfrutavam dos carros de aluguel, eram os personagens afortunados da novela.

Imagem 15 – Senhorinha Maria do Ceu Silva



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 27/03/1921, nº 1)

Esse registro fotográfico é uma representação da mudança acerca da figura feminina na Parahyba do Norte, no Brasil. Vimos nas primeiras décadas do século XX que as barreiras da submissão da mulher começaram a ser rompidas, com o processo de modernização e urbanização, e com os discursos dos médicos higienistas. Novas condutas foram incorporadas pelas mulheres como: viajar e passear sozinhas, praticar exercícios físicos até então restritos aos homens, sair à noite para dançar, beber, paquerar, vestir roupas curtas e como podemos observar mediante a fotografia acima, a mulher moderna desejava *dirigir*, ir às ruas com seu automóvel. É certo que essas mudanças ocorriam paulatinamente, aos poucos foram sendo incorporadas no dia a dia da sociedade brasileira, entretanto esses novos hábitos e costumes recebiam severas críticas daqueles tidos como os defensores da moral e da honra.

O registro aqui apresentado é datado do ano de março de 1921, entretanto, consciente que as informações não se encerram com a fotografia, encontrei fontes históricas afirmando que a primeira mulher que conseguiu habilitação para dirigir no Brasil foi no ano de 1932, sendo assim, apesar de vermos na *Imagem 15* a *Senhorinha Maria do Céu Silva* dentro de um carro,

a mesma só estava pousando para o registro fotográfico. Entretanto, essa *Imagem* prenunciava novos tempos para a sociedade brasileira, nesses novos tempos as mulheres brasileiras davam um salto para conquistar autonomia e direitos, como o direito ao voto e a habilitação para dirigir, ambos conquistados em 1932. Dirigir nos anos 20 ainda não fazia parte do dia a dia da figura feminina brasileira, entretanto a *Era Nova* já buscava incutir na mentalidade dos Parahybanos que em breve as mulheres estariam de posse dos volantes, por isso, a representação acima é a Imagem que abre a primeira edição desse magazine. É a *Era Nova* mais uma vez regenerando a sociedade, seus hábitos e comportamentos.

Símbolo de status e de poder, o automóvel recebe grande atenção no recorte temporal das primeiras décadas do século XX, possuir um carro e dirigi-lo significava ser um cidadão moderno, ter um filho e o mesmo possuir carros de brinquedo reafirmava o quão moderno e afortunados seus pais eram, crianças eram fotografadas ao lado, ou dentro de carros reafirmando a classe que pertenciam: a elite Parahybana. Essas fotografias eram direcionadas em seguida para a *Era Nova* sendo publicadas em suas páginas, para todos contemplarem. Vejamos:

Imagem 16 – Criança Com Carro



Fontes (*Era Nova*, Paraíba. 15/04/1922, nº 34)

Na imagem acima, encontramos uma criança ao lado de um moderno carro (para época), percebemos que o ato fotográfico foi pensado com detalhes, o símbolo da modernidade ao lado da criança, o mesmo estava vestido com indumentárias impecáveis e modernas - como sapatos e gravata. Na legenda da fotografia outra informação nos é concedida, sobre quem é o pai do menino, um engenheiro chefe de uma determinada estrada que estava sendo construída no Estado, geralmente as fotos de crianças e de mulheres impressas na *Era Nova* apresentava em suas legendas informações sobre o pai do retratado - uma forma de enaltecer a família que o mesmo pertencia.

Com a mudança acerca da concepção de infância, veremos que os pais buscaram integrar os filhos no cotidiano familiar, toda a atenção eram voltadas para as crianças, do outro lado temos o poder público que integrados aos médicos sanitaristas e ao processo de modernização e urbanização adotaram medidas para o desenvolvimento de meninos e meninas, buscando diminuir os casos de mortalidade infantil e abandono, ensinando como as crianças deveriam ser cuidadas pelos pais e nas escolas, para que os mesmos se desenvolvessem saudáveis, robustas e comprometidas com o futuro da nação, tendo como apoio para essa disseminação de informações e cuidados as revistas ilustradas, aqui particularmente a *Era Nova*. A cidade, as autoridades públicas, os pais e a família, conforme sugerem as páginas do periódico citado, tinham de promover uma verdadeira e moderna regeneração moral da sociedade paraibana a começar, justamente, nos primeiros anos de vida dos indivíduos.

CAPÍTULO II – ELITES, HIGIENIZAÇÃO SOCIAL E CONDIÇÃO INFANTIL



OSMAK AGUIAR DE ARAÚJO



PRODUCE IN
SANTO LIMA
**PETIZES
PARAHYBANOS**



JOSÉ E THIAGO



ATTILA DE ALMEIDA



MARIO GOMES

Compreendemos que os primeiros anos do século XX foram de progresso para uma parte das cidades brasileiras, embora a Parahyba do Norte não tenha vivenciado essa experiência igualmente como nos grandes centros urbanos do país - Rio de Janeiro e São Paulo, nas terras Parahybanas houve um notório desenvolvimento urbano-social e cultural. O processo modernizador não se restringiu a arquitetura dos edifícios, das novas obras, ele foi além, desencadeando uma regeneração na mentalidade, práticas e condutas dos sujeitos. Pensar na cidade sob o prisma do fenômeno da modernização-urbanização significa mergulharmos no cotidiano dos sujeitos, a cidade se “vestiu” e “vestiu” os seus cidadãos com os signos do moderno.

Os centros urbanos da Primeira República foram construídos para as classes afortunadas, esses cidadãos desfrutaram de todo o progresso e desenvolvimento que a cidade vivia. Se a cidade é regenerada, as mentalidades de seus moradores também são, essa urbe que surge no século XX será pensada e projetada para a elite, e sobretudo para as crianças da elite – apontadas como futuro da Pátria, veremos o Estado, a família, médicos, juristas, imprensa, entre outros agentes normatizadores todos envolvidos em “criar” um ideal de infância para o Brasil Republicano. Conscientes que cada fase da sociedade é dada em um determinado tempo histórico, e nele se insere as experiências e modificações dos espaços, dos sujeitos e suas mentalidades, ou seja, se na sociedade de outrora a infância foi desprezada e esquecida, na sociedade moderna ela seria o principal foco da modernização, pensar nessas crianças, era pensar no adulto do amanhã, era a garantia de uma sociedade civilizada.

A história da criança está configurada por incessantes e constantes modificações, em suas formas de viver, no seu desenvolvimento, muitas são as descobertas sobre esses pequenos seres, suas práticas e condutas se relacionam a um modelo de sociedade vigente, a um repertório cultural e aos agentes da moralidade. A criança da Idade Média não é a mesma criança da sociedade moderna do início do Século XX, o corpo, as vestimentas, os comportamentos e a própria atenção dada a esses sujeitos nos confirmam isso. Philippe Ariès, em *História Social da Infância e da Família* (1981), esclarece que em termos de Europa medieval, a criança era vista com maus olhos pelos adultos; assim que o infante adquiria alguma forma física, era logo misturado ao mundo dos adultos, partilhando dos seus trabalhos e jogos. De criancinha, ele se transformava imediatamente em homem adulto em miniatura, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem mais valorizadas pelas sociedades do mundo clássico.

O sujeito criança não passava pelos estágios da infância aos quais conhecemos hoje, sua passagem pela família e pela sociedade era muito breve e um tanto quanto insignificante, por

volta dos sete anos de idade meninos e meninas já estavam inseridos no universo dos adultos - aprendendo e sociabilizando. Não haviam políticas públicas destinados para as crianças, a mesma não era reconhecida por suas particularidades e necessidades, o que ocasionou um índice altíssimo da taxa de mortalidade infantil, as crianças desse período histórico viviam uma espécie de anonimato e esquecimento. Apesar desses fatores, Ariès afirma também que o sentimento existente para com as crianças na Idade Média era o de paparicação. Esse sentimento surgiu no meio familiar, inicialmente com as mães ou as amas: elas “[...] se alegram quando a criança fica alegre, e sentem pena da criança quando esta fica doente; levanta-a quando cai, enfaixa-a quando se agita e a limpa quando se suja, carregam a criança nos braços, nos ombros ou no colo, para acalmá-la quando choram [...]” (ARIÈS, 1981, p.153).

O conceito de infância não é estático e universal, se relaciona ao contexto em que essa criança se encontra inserida, é remodelado no decorrer do tempo e pelas sociedades, assim como o conceito de sentimentos, nesse recorte o que se entendia por “sentimentos” difere totalmente do que conhecemos hoje. O sentimento que aflora da família na modernidade perante as crianças é o do cuidado, da valorização, do reconhecimento que esse ser compõem o núcleo familiar, e que ele não pode ser substituído - ele é único, essencial para a continuidade da família e do progresso da nação. Por isso, a importância de compreendermos os diferentes modelos de infância que foram construídos nas sociedades, se esses paradigmas não são estáticos e nem universais, estão em constante processo de modificação. O universo infantil nos permite enveredarmos no campo das sociabilidades, das práticas culturais e dos comportamentos da sociedade. A criança não é apenas brincadeiras ou trajes pequenos: “[...] ela é uma pessoa, um processo, uma história [...]” (ARIÈS, 1981, p.15).

Crianças não são, portanto, sujeitos a-históricos, são seres sociais, representações, produto e produtores de cultura, marcados pelo meio social que estão inseridos, mas também o marcam com seus corpos, vestimentas, demandas e condutas. São atores sociais importantíssimos para a historiografia, como assegura Del Priore “O estudo das representações ou das práticas infantis é considerado tão importante que a historiografia internacional já acumulou consideráveis informações sobre a criança e seu passado” (DEL PRIORI, 2010, p. 09-10). Pesquisar sobre o campo da infância é pesquisar também sobre homens e mulheres, instituições de poderes, significa mergulharmos no campo das cidades que agora são construídas e regeneradas também para receber essas crianças e atender suas necessidades.

Sabemos que é na modernidade que acontece uma intensificação de novos conceitos e ideias sobre a criança, de atenção e cuidados, de valorização desse pequeno ser, mas quero abordar um ponto que despertou minha atenção, o do registro imagético das crianças ainda na

Idade Média, a criança nunca esteve ausente - ela sempre existiu, entretanto não era “digna” de ser representada, de ter um retrato seu pintado, ninguém pensava em guardar a imagem de meninos e meninas ainda pequeninos, de preservar a lembrança do seu rosto. O sentimento de que as crianças eram seres substituíveis os quais se morressem logo seus pais iriam terem outros para substituí-los permaneceu forte por muitos séculos no mundo, se eles são substituíveis não faria sentido ter suas faces registradas nos quadros, entretanto isso começa a mudar a partir do século XVI quando os *petyzes*²⁰ são pintados nos quadros juntamente com seus pais, é um indício que novos sentimentos surgiram a criança começa a ser inserida na imagem da família, saindo do anonimato, e no século posterior essas crianças iriam figurar como personagem principal dos quadros, sendo pintados sozinhos.

No início do século XVII, esses retratos se tornaram muito numerosos, e sentimos que se havia criado o hábito de conservar através da arte do pintor o aspecto fugaz da infância. Nesses retratos a criança se separava da família [...] A criança agora era representada sozinha e por ela mesma: esta foi a grande novidade do século XVII. A criança seria um de seus modelos favoritos. (ARIÈS, 1981, p. 60).

Esse sentimento de retratar a criança e momentos da infância é um indicador de mudança da condição de ser criança na Idade Média, uma prova de que esses sujeitos passaram a ser inseridos no meio familiar, e que o pensamento de que eram seres substituíveis começaram a desaparecer, cada família agora queria-desejava possuir retratos de seus filhos, claro que esse desejo só era concretizado pelas famílias abastadas, mesmo na idade em que eles ainda eram crianças. “Esse costume nasceu no século XVII e nunca mais desapareceu. No século XIX, a fotografia substituiu a pintura: o sentimento não mudou” (ARIÈS, 1981, p. 15). A câmera fotográfica proporcionou uma efervescência de retratos no mundo, sendo as crianças um dos grandes focos da câmera, antes mesmo do seu nascimento o registro imagético está presente na vida das crianças, fotografando a gestação de sua mãe, quando nascem logo são fotografados documentando e guardando para o futuro esse momento sublime, e sem dúvidas compartilhar com os entes queridos, a câmera no século XIX e sobretudo no século XX passou a fazer parte da vida familiar, do dia a dia dos *petyzes*. Tudo sobre a vida dessas crianças era fotografado, nos ritos de passagem como a primeira comunhão, batizado, aniversário; formaturas, entre outros a câmera fotográfica estava presente, pronta para eternizar aquele momento sublime, os quais hoje encontramos impressos nas páginas dos periódicos ilustrados.

Esse retrato da criança refletia o espaço que a infância ganhava na consciência social, na vida familiar, o amor dos pais pelos filhos era eternizado nas fotografias, toda família abastada que nutrisse sentimentos pelas crianças possuíam retratos delas, por isso veremos no

²⁰ De acordo com o dicionário, *petyzes* significa que tem pouca idade, que é pequeno; guri, criança.

século XIX e, principalmente, no século XX um grande número de fotografias de crianças, e uma alta comercialização de câmeras.

Como nos afirma Susan Sontag,

As câmeras acompanham a vida da família. Segundo um estudo sociológico feito na França, a maioria das casas tem uma câmera, mas as casas em que há crianças têm uma probabilidade duas vezes maior de ter pelo menos uma câmera, em comparação com as casas sem crianças. Não tirar fotos dos filhos, sobretudo quando pequenos, é sinal de indiferença paterna, assim como não comparecer à foto de formatura é um gesto de rebeldia juvenil. (SONTAG, 1986, p. 11)

Esse novo modo de pensar, ver e sentir a criança fez com que o retrato fosse o produto fotográfico mais difundido no mundo inteiro, era uma nova fase sobre o conceito de infância que começava a ser desenvolvida. Para compreendermos cada conceito de infância precisamos analisar sobretudo o contexto socioeconômico e político que essas crianças estão inseridas, entender as estruturas jurídicas e políticas dessa sociedade, as quais estão representadas no corpo, nas práticas e condutas das crianças. A história da infância é fruto das transformações sociais historicamente constituídas, a noção de infância na modernidade com a sociedade capitalista, urbano-industrial, apresenta características totalmente distintas de outros períodos históricos, teremos agora uma criança higienizada significando em linhas gerais uma criança educada, civilizada que caminhava juntamente com sua família e a sociedade rumo ao progresso, sendo esse novo modelo de criança que será retratado nos álbuns de fotografia e nas revistas ilustradas, esse ideal de infância está atrelado diretamente ao projeto de criança criado pelo governo brasileiro durante a Primeira República, quando afirmamos essas características desse modelo de criança estamos nos referindo aos *petyzes* pertencentes a classe da elite, meninas e meninos pobres da sociedade são esquecidos das páginas das revistas, muitos deles nunca tiveram sequer seus rostos fotografados, sejam pelo fato que seus pais não tinham dinheiro suficiente para isso, ou porque muitas dessas crianças viviam abandonadas nas ruas das cidades ou em instituições criadas para abrigar crianças órfãs ou abandonadas.

Nos tempos iniciais da Primeira República no Brasil, o governo federal, com o discurso de modernizar e industrializar o país, buscou colocar em prática uma política de eugenia e higienização, o qual será reforçada principalmente nas revistas ilustradas e nos jornais criando um ideal de infância a ser construído, a intelectualidade brasileira manifestava nesse período sérias dúvidas em relação ao futuro do país, afirmando que dependia das crianças o futuro do Brasil, por isso havia todo um cuidado em torno das meninas e meninos, criando um projeto civilizador para esses *petyzes*. O projeto civilizador, em grande medida, buscou civilizar, criar e moldar os corpos das crianças, cultivando nelas um corpo belo, forte, saudável, higiênico, em contraposição àquele considerado feio, fraco, doentio e preguiçoso, se cultivado desde a

infância esses crianças teriam juntamente com o país um grande futuro, orgulhando a nação, diferentemente das crianças pobres e sujas que viviam no atraso da civilização, causando prejuízos e vergonha para o país.

Veremos dois projetos de civilização, o primeiro para criança das classes abastadas da sociedade, onde tudo era pensado e projetado para recebê-las e desenvolvê-las da melhor maneira, com todo o conforto que a modernidade podia proporcionar, como veremos nas páginas da *Era Nova*, tornando-os grandes homens e mulheres, com destaque para os garotos, tendo em vista que esses eram os que iriam “comandar e chefiar o Brasil”, mas para esse projeto era necessário criar uma “raça pura”, ou seja, branca. E as crianças pobres? Abandonadas? Onde entravam nesse projeto? Elas se restringiam ao segundo projeto, as mesmas se encontravam quase que completamente esquecidas dentro das instituições de recolhimento, usadas como uma forma do Estado afastar os problemas e recebiam pouca instrução educacional, tendo seus corpos moldados para a submissão e obediência das normas e condutas sociais, os educandos para assumirem papéis que lhes eram impostos socialmente. Todo esse projeto estava interligado com os pensamentos eugenistas e higienistas da época.

Segundo as teses eugenistas vigentes das primeiras décadas do Século XX, a miscigenação entre brancos, índios e negros gerava uma raça inferior, incapaz para o desenvolvimento e progresso da sociedade, do país, era fundamental o nascimento de *petyzes* com “raça pura”. Por isso, estudiosos brasileiros relacionavam a degeneração da raça, com as condições de atraso do país em relação às nações industrializadas, civilizadas e ricas, influenciados por pelas teorias da eugenia.

Teóricos eugenistas como Galton, Buckle, Gobineau, Lapouge, entre tantos outros, eram largamente citados no Brasil por suas teorias sobre a inferioridade das raças, principalmente a dos negros, e a degeneração dos mulatos. Segundo esses cientistas os cruzamentos “promíscuos” que tinham ocorrido no Brasil desde os tempos coloniais até aquele momento haviam produzido um povo degenerado, subalterno, incapaz de desenvolvimento, do progresso e da civilização. Dependente culturalmente de outras nações, muitos entre a elite brasileira compartilhavam desse mesmo ponto de vista, incorporando essas afirmações teóricas principalmente nos meios de comunicações, nos comportamentos perante os outros, nas fotografias, tendo como principal foco a criança. A *Era Nova* corrobora com o pensamento eugenista brasileiro, a “raça pura” estava presente não só nos artigos²¹, nas colunas sociais ou

²¹ *A Eugenia e o direito actual* – Posto ao século passado se deve a fundação da eugenia, - tal como a entendeu Galton e seus prosélitos, não se pode recusar ao presente a glória de ter convertido o ideal eugênico em ideal social,

nas manchetes, mas sobretudo na Fotografia - essas imagens eram apresentadas para a sociedade como o símbolo do progresso, crianças brancas, saudáveis, higienizadas e em muitos momentos posando com itens modernos, criando o padrão de Infância ideal.

Vejamos a seguir algumas fotografias publicadas na *Era Nova* dos *petyzes*:

Imagem 17 – Os Futuristas de Amanhã



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 07/1924, nº 66)

A *Imagem 17* corrobora com o que estamos afirmando aqui nessa pesquisa, encontramos nela as crianças eugênicas e como o próprio título nos mostra as crianças “futuristas” do amanhã

por assim dizer. Graças, por isso sejam dadas, com sinceridade da alma, ao século XX, pois muito merece essas preocupações o futuro de nossas espécies. (*ERA NOVA*, Nº01, 1921, p.20)

na nação brasileira. Vislumbramos meninos e meninas de peles brancas propagando a representação de uma “raça pura”, alguns trajados com roupas e outros completamente nus - a nudez infantil representava nesse contexto histórico, a própria inocência das crianças. Percebemos que todos os retratados apresentam aspectos de crianças saudáveis e bem cuidadas pelos seus genitores, constatamos a ausência de doenças infecciosas que causavam a desnutrição e a palidez no corpo dessas crianças, ter um corpo sadio e higienizado estava atrelado a um ideário de beleza nas primeiras décadas do século XX no Brasil. Como nos afirma o Dr. Martinho da Rocha na sua obra *“Cartilha das Mães: cuidados, educação e alimentos do bebê”* (1935), a beleza da criança estava na representação dela apresentar os aspectos de ser sadia, ou seja, com ausência da doença que seria refletida na cor corada da pele lisa, boca rosada, carnes rijas, manta gordurosa subcutânea, consistência muscular (ROCHA, 1935, p. 160-62). Para conseguir construir essa infância ideal era necessário seguir as normas da teoria higienista e eugênica, veremos que ambas teorias terão bastante influência nos enlaces matrimoniais, os médicos e estudiosos afirmavam que para conseguir gerar crianças sem deformidades era fundamental uma união matrimonial higiênica e eugênica.

No Brasil a teoria da eugenia ganhou destaque nas primeiras décadas do século XX, pois seus pressupostos forneciam explicações sobre a situação que o país vivenciava - que seria de um atraso, e, ao mesmo tempo, indicava o caminho a si tomar para a superação desse atraso brasileiro. O movimento eugênico no país teve como principal personagem o médico e farmacêutico Renato Kehl²², que apresentava e defendia com veemência medidas eugênicas para o país, como a higiene e a educação, promovendo também um discurso para impedir a procriação de indivíduos degenerados, ou seja, dos negros e mulatos, procurando sanar os degenerados e indesejáveis da sociedade, para que o ideal eugênico fosse efetivado, seria estimulado a procriação entre seres superiores, ou seja, pessoas brancas e higienizadas, esse estímulo fica bastante evidente nas páginas da *Era Nova*, nela encontramos apenas fotografias de casamentos entre pessoas brancas e afortunadas, na coluna *“Notas Sociais”*²³ percorremos

²² Nascido na cidade de Limeira, Estado de São Paulo, a 22 de agosto de 1889, Renato Ferraz Kehl, que foi um dos grandes expoentes no desenvolvimento da Eugenia no Brasil, suas contribuições foram tão importantes que se tornou um dos mais influentes da eugenia na América Latina. Ao longo de sua trajetória, publicou 30 (trinta) livros e foi colunista em vários jornais e revistas, destacando-se pela defesa e divulgação incansável das ideias eugênicas. Participou da criação de sociedades eugênicas, como a Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada em 1918, e da Comissão Central Brasileira de Eugenia, criada durante o governo Vargas com o objetivo de assessorar o governo em projetos eugênicos. Renato Kehl foi ainda diretor e fundador do Boletim de Eugenia, periódico que teve um papel importante na difusão das ideias eugênicas no Brasil.

²³ Contactaram-se um casamento em Bananeiras Mille, Celita Frazão, irmã do sr. João Frazão, negociante desta capital, e o sr. Juvenal da Costa Andrade, comerciante.

Estão noivos desde o mês passado, a prezada senhorita Maria de Lourdes Azevedo e o dr. Lauro Montenegro, nosso distinto colaborador. Mille, Maria de Lourdes Azevedo, filha do facultativo conterrâneo dr. Manuel de

os anúncios sobre casamentos, e noivados da elite Parahybana, na legenda do anúncio ou da fotografia sempre constando o sobrenome e a profissão do noivo, enquanto a noiva na grande maioria a legenda apresentava o nome e a profissão do seu pai, salientando em muitos casos o quão prendada a recém-noiva era, todos esses detalhes contribuíam para enaltecer a célula familiar, e construíam o ideário de casamento eugênico. Vejamos a seguir uma fotografia de casamento impressa na *Era Nova*:

Imagem 18 – Enlace Leite-Lucena



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 27/03/1921, nº I)

Inúmeras são as fotografias de enlases matrimoniais que constam na *Era Nova*, lanço desde agora a *Imagem 18* para percebermos a representação de um casamento eugênico, ambos os recém casados são brancos, com aspectos saudáveis, esse retrato nos transmite uma espécie de seriedade dos fotografados, a agora esposa encontra-se vestida como manda os bons costumes da época, um vestido composto sem decotes e branco - simbolizando sua pureza, sua docilidade e virgindade, enquanto o seu esposo está trajando um terno elegante, digno da alta

Azevedo, é um dos ornamentos mais representativos da sociedade da nossa terra, pela sua esmeralda educação e dotes de espirito. O dr. Lauro Montenegro a quem nos prende laços de grande amizade, ocupa presentemente as funções do consultor técnico do Serviço do Algodão Estadual, sendo um dos nossos mais jovens e distinto intelectual e fruindo de simpatias da sociedade. Cumprimentam-se aos recém-noivos, auspiciando lhes muitas felicidades.

Contactaram-se em casamento o distinto moço sr. Emilio Gonçalves, funcionário do Banco do Brasil nesta cidade, e a graciosa senhorita Maria de Sá, filha do cel. Francisco S de Sá comerciante desta praça. (ERA NOVA, Nº16, 1921, p.10)

sociedade Parahybana. Outro ponto bastante importante que compõe essa fotografia é o sobrenome de ambos os noivos, que veem com bastante destaque como podemos observar na *Imagem 18* – os Leite e os Lucena, ambos sobrenomes pertencem a importantes famílias Parahybanas que dominaram e influenciaram durante muito tempo a política do Estado da Parahyba do Norte. Esse seria uma representação do casamento exemplar para o progresso do país, sujeitos brancos, nobres, saudáveis e comprometidos com o futuro da nação, os mesmos significavam para a teoria eugenista seres superiores e consequentemente suas “crias”, ou seja, seus filhos também seriam superiores, para assim findar com o atraso do Brasil.

O ideário eugênico modifica sobretudo as práticas sociais, o cotidiano dos sujeitos, constrói políticas públicas cujo o objetivo seria “melhorar a raça” “caminhar para o progresso”, e “impedir” a degeneração da raça. Para se ter crianças aptas para o progresso da nação, era fundamental reestruturar em partes o modelo de casamento que ainda acompanhava a sociedade do início do século XX.

Durante todo o período Colonial, os casamentos faziam-se sob a égide das razões ou interesses familiares. Pais, tutores ou outros responsáveis decidiam que alianças seriam contraídas pelos filhos ou tutelados, considerando apenas os benefícios econômicos e sociais do grupo familiar. Os motivos de ordem afetiva raramente pesavam na determinação de uma união conjugal. O casamento aparecia como uma decisão tomada unilateralmente pelo responsável, que impunha ao dependente a obrigação de casar sem levar em conta sua opinião. Entre as obrigações impostas aos curadores, figura com efeito, a de arranjar marido para curatelada: e a fêmea tratasse de a casar. (FREIRE, 1989, p. 215).

As ruas e os cidadãos vestiam os símbolos da modernidade e do progresso, mas práticas sociais arcaicas e tradicionais continuavam vigente na sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX, sendo o casamento uma dessas práticas que permanecia arraigada com a tradição, mas que com a disseminação da teoria eugênica e higiênica essas práticas passaram a ser remodeladas. Como podemos observar mediante as palavras de Freire, o casamento não celebrava, nem buscava o sentimento amoroso entre os indivíduos, o amor não era tido como pressuposto necessário para a união matrimonial, assim como atributos físicos, consanguíneos e a própria idade, ambos eram dispensados na busca pelo “contrato conjugal”, nesse modelo de enlace matrimonial o que realmente importava era o intercâmbio de riquezas e poder entre as famílias, por isso, raramente homens e mulheres tinham o direito de escolher com quem queriam se casar, isso era uma tarefa destinada aos outros que decidiam de acordo com as questões de ordem econômica e política.

É verdade que no decorrer do tempo pós-período colonial no Brasil o casamento incorpora novas características, como veremos mais adiante sobre a questão de ordem física e de idade, entretanto, algumas normas continuavam presente, principalmente quando se tratava

do casamento da elite social, no enlace matrimonial dessa classe social o sentimento amoroso não era sufocado unicamente pela natureza econômica, mas também por interesses sociais e preconceitos raciais. A *Imagem 18* que retrata o casamento entre indivíduos de importantes famílias da política Parahybana é uma comprovação que os interesses entre unir riqueza e poder continuavam presentes nessa sociedade, nesse tempo histórico e dessa união frutos surgem - ou seja, os filhos. Algo que podemos perceber nas páginas da *Era Nova*, a mesma criou uma coluna nomeada: “*Notas Elegantes*” onde publicava todos os casamentos importantes da sociedade Parahybana, sendo bastante comum encontrarmos união conjugal entre indivíduos de importantes famílias, como de coronéis, médicos, políticos; funcionários de cargos importantíssimos na sociedade, entre outros, a união conjugal consolidava sobretudo o poder econômico e social das famílias.

Para as teorias eugênicas e higiênicas a união matrimonial entre indivíduos afortunados, com cargos importantes na sociedade e brancos eram pilares para o desenvolvimento da nação, para gerar filhos. Entretanto, ambas teorias passaram a atuar fervorosamente para abolir determinados modelos de enlaces conjugais, como o casamento consanguíneos²⁴ e casamentos com uma disparidade etária entre homens e mulheres, segundo os médicos higienistas essa prática cultural de homens bem mais velhos que suas esposas contribuía para a depreciação dos componentes sentimentais do casamento, se em outrora era comum homens de 60 (*sessenta*) anos casarem com meninas de 12 (*doze*) - 15 (*quinze*) anos, agora isso seria inconcebível, uma prática anti-higiênica, que contribuía não para o progresso da sociedade e sim para a degeneração da mesma. No desenrolar da pesquisa, encontramos uma fotografia bastante significativa no que se refere a disparidade da idade entre o marido e a esposa. Vejamos:

²⁴ Segundo Jurandir Freire, em “*Ordem Médica e Norma Familiar*” (1989), os casamentos consanguíneos foram comuns no Brasil não só por motivos econômicos, fáceis de compreender no regime de economia particular, ou seja, preservando os bens materiais, suas riquezas dentro o próprio grupo familiar, mas também de ordens sociais e de exclusivismo aristocrático. Freire nos apresenta informações sobre uma determinada família de aristocratas da Bahia, os quais praticavam o casamento consanguíneo para impedir a degeneração de aptidões físicas e a introdução de indivíduos com sangue que revele a condição de ex-escravos. A camada abastada da sociedade brasileira, e aqui Parahybana, quando priorizavam o casamento consanguíneo estavam buscando a preservação da raça, evitando a miscigenação. Com o aprofundamento da teoria da eugenia o modelo de casamento consanguíneo passou a ser duramente reprimido pelos médicos eugênicos, os mesmos afirmavam que a consanguinidade tanto servia para exaltar boas qualidades, aptidões físicas, o que é raro, na espécie humana, como para multiplicar as más, causando a degeneração do indivíduo, e dessa união nasceriam filhos disformes, fracos e raquíticos, algo completamente inviável para esse contexto histórico, dado a importância dessas crianças para o futuro da nação.

Imagem 19 – Typo de Família Sertaneja



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 07/1924, nº 66)

Essa representação imagética nos apresenta uma relação matrimonial estruturada na prática cultural do casamento com disparidade etária. Na parte central da *Imagem* encontramos sentado o esposo, pai, provedor e zelador desse grupo familiar, ao seu lado estar sua esposa - companheira e responsável por gerar seus frutos, ou seja, seus filhos. Observemos o rosto de ambos e concluiremos que existe uma diferença de idade entre eles, vemos um homem que aparenta ter uma idade superior à de sua esposa, uma representação comum ao casamento inserido na sociedade patriarcal.

Compondo essa imagem vislumbramos a presença dos 5 (*cinco*) filhos do casal, algo comum a esse recorte temporal, como vimos anteriormente aqui, essas crianças agora eram parte essencial do seio familiar, sendo fundamental a presença dos mesmos no registro fotográfico, todas as crianças estão bem vestidas, nos seus pés repousam os sapatos - algo importante dada a representação simbólica e social²⁵ que este item detêm na sociedade, as

²⁵ De acordo com a historiadora Lília Moritz Schwarcz no Brasil, os sapatos foram sempre uma maneira de distinguir escravizados e escravizadas de pessoas livres. O impedimento nunca constou de qualquer lei escrita, mas sobreviveu a partir da força incontestável do costume. Na realidade, os sapatos eram vedados aos cativos e cativas que, por mais vestidos que estivessem, fossem eles escravos domésticos, mineradores ou urbanos, eram sempre representados com seus pés na terra, no cimento das cidades, ao rés do chão. Símbolo forte, os sapatos também se converteram em sinônimo de liberdade. Mesmo antes da abolição da escravidão, para aqueles que encontravam

meninas trajavam vestidos em tonalidades claras, algo comum - as vestimentas claras estavam relacionadas com a pureza e delicadeza das meninas, uma das *petyzes* repousa no colo do seu pai atitude essa que nos demonstra uma certa amorosidade do pai perante a filha, o que em outrora era praticamente inexistente, na sociedade medieval a figura paterna mantinha-se afastado dos seus filhos, não havia essas demonstrações de sentimentos, o que muda totalmente no decorrer do tempo e que testemunhamos nessa imagem, veremos a seguir que para o bom desenvolvimento dos filhos era necessário que seus pais lhe dessem carinhos. Na parte esquerda da fotografia vislumbramos um *petyze* aparentemente ao lado de sua avó, algo nele prendeu minha atenção, ao observarmos as suas vestimentas percebemos que o mesmo está vestido como uma “miniatura de adulto” mesmo essa prática sendo modificada há séculos na Europa, encontramos ainda presente no Brasil nas primeiras décadas do Século XX, essas indumentárias ajudavam a criar na criança uma espécie de representação do seu progenitor, no rosto encontramos em ambos os meninos uma feição serena, mas ao mesmo tempo uma feição fechada, austera.

A *Imagem 19* nos fornece dados para ademais das questões de faixa etária, nela percebemos que apesar da pouca idade da genitora, os mesmos têm uma prole extensa são 5 (*cinco*) filhos e que provavelmente iriam aumentar ainda mais essa prole, algo comum no Brasil quando nos referimos às áreas rurais, em contrapartida a família urbana em meados do início do século XX começa a reduzir o número de filhos, a diminuição da fecundidade é um sinal de mudança estrutural e cultural na sociedade brasileira, essa redução está relacionada ao processo de modernização e urbanização, as transformações sociais, a difusão da educação, dos ideais higienistas alinhados ao Estado, na mudança dos papéis das mulheres principalmente quando nos referimos às mulheres pobres da sociedade as quais precisavam ir trabalhar, é disseminado o pensamento que ter uma grande prole requeria bastante trabalho, essas crianças não poderiam ser geradas e “esquecidas” pelo contrário, a elas deveriam ser destinadas todas as atenções e preocupações, uma grande prole significava um aumento nos cuidados e nas despesas, afinal se a classe hegemônica da sociedade e o Estado viam meninos e meninas como o futuro da Pátria, era necessário que os mesmos tivessem uma excelente saúde e educação, além de desfrutarem os espaços e dos itens símbolos da modernização. Essa redução da fecundidade fica evidente no decorrer da pesquisa, onde passamos a perceber por meio das

espaços nas pequenas frestas do sistema, fazer-se fotografar com veste completa, e trazendo os pés calçados, era sinal de enriquecimento, mas, ainda mais, de autonomia e emancipação. Se para uma parte da sociedade os sapatos eram símbolo de poder aquisitivo, para os negros os sapatos eram o símbolo de sua libertação e de seu nivelamento aos brancos. Tanto que, quando um escravo era alforriado, sua primeira preocupação era comprar um par de sapatos.

fotografias que muitas famílias optaram por ter 2 (*dois*) ou 3 (*três*) filhos, estamos diante de uma soma de mudanças nas bases estruturais do casamento.

Anteriormente a difusão dos pensamentos higienistas o casamento era uma prática cultural arraigada aos desejos econômicos e políticos principalmente da figura paterna tanto da noiva como do noivo, entretanto, no casamento idealmente concebido sob as estruturas da higiene, o casal estava compromissado com os seus filhos e não com seus pais. Como apresentei anteriormente, tudo era moldado em função das crianças, do futuro do país, e a instituição familiar era a base fundamental para o desenvolvimento dos *petyzes*, por isso o casamento será centro de atenção dos agentes normatizadores da sociedade, os conjugues ajustados com o higienismo defendiam e contribuía para o progresso da infância. De acordo com Freire, “as razões higiênicas desarticularam as razões familiares e impuseram novas regras ao contrato conjugal. O compromisso essencial do casal era com os filhos. Não se tratava mais de amar o pai sobre todas as coisas, e sim a raça e o Estado como a si mesmo” (FREIRE, 1989, p. 218). A defesa da raça encontra-se condicionada justamente na proteção à criança, protegê-las significava impedir a degeneração e a miscigenação da espécie, contribuindo com o pensamento de que a sociedade em breve seria unicamente de indivíduos brancos.

Em uma sociedade moderna os enlaces matrimoniais serão tidos como uma *Instituição Higiênica*, por esta razão:

A seleção do parceiro conjugal tornou-se uma questão capital para a higiene. A saúde do filho não dependia apenas do trato que lhe fosse dado após o nascimento. Ela estava condicionada a saúde dos pais: < O futuro dos filhos está ligado à vida anterior dos pais, a condição física dos mesmos. Os pais dotados de uma constituição forte e de uma saúde vigorosa adquirida por sábios preceitos engendram filhos robustos e vigorosos>. (FREIRE, 1989, p.219).

A escolha dos cônjuges estava condicionada a esses novos paradigmas, práticas do matrimônio colonial foram pouco a pouco sendo erradicadas pelos paradigmas disseminados por médicos higienistas e pelo Estado. Os pais zelosos com o Estado, a nação e com suas filhas, não as coages a casarem com qualquer indivíduo em consequência de interesses próprios, visto que são desses casamentos arranjados na base de interesses principalmente econômicos que nascem os maus filhos, desprovidos de educação e de virtudes sociais, os quais jamais conseguiram contribuir para o progresso do nação, todo mau casamento gerava maus filhos, toda cidade má estrutura gerava maus crianças.

Comprendemos que tudo era pensado em benefício do desenvolvimento das crianças, o progresso fez-se através do campo da higiene, a cidade e os cidadãos foram incorporados no campo do saber médico - como vimos anteriormente, as cidades foram remodeladas em benefício dos *petyzes*, a mesma precisava se adequar as normas médicas para conseguir

desenvolvê-los para o progresso da Pátria, contribuindo para a saúde e a educação dos mesmos, se por um lado, a cidade estava em pleno processo de reestruturação era preciso também reestruturar as práticas culturais e sociais dos indivíduos. Não bastava as vias urbanas serem modernas se os cidadãos continuavam enraizados com condutas arcaicas e anti-higiênicas, por isso a instituição do casamento será tão debatida neste século, porque é da relação conjugal que surge novas gerações.

Os critérios higiênicos forneciam novas regras para o estabelecimento das relações matrimoniais, essas regras tinham como objetivo criar casamentos higiênicos para gerar bons filhos robustos, sem qualquer deformidade, brancos e educados. Uma dessas novas normas diz respeito à desproporção da idade dos conjugues, agora o que era disseminado pelos médicos era que a idade ideal para o casamento era de 24 a 25 anos para os homens, enquanto que para as mulheres era de 18 a 20 anos. A imagem do *velho* nesse momento começa a ser relacionada com filhos degenerados e com um mau casamento, segundo os médicos higienistas os homens com idades avançadas carregavam consigo problemas de saúde que seriam hereditários, dessa forma, não conseguiriam gerar crianças robustas e saudáveis, e sim meninos e meninas com deformidades, outro ponto importante é que os higienistas afirmavam era que as mulheres jovens casadas com homens velhos tendiam a cometer casos de infidelidade destruindo o casamento e dando péssimo exemplo moral para os filhos, além disso, as mulheres podiam se entregarem aos prazeres da masturbação, o que segundo os médicos causavam a esterilidade e o aborto.

As páginas da *Era Nova* corrobora em partes com os novos pensamentos modernizadores e higiênicos da sociedade Parahybana são raros os registros fotográficos de casamentos com disparidade na idade, o que vamos vislumbrar são imagens com homens e mulheres na faixa etária ideal para gerar filhos saudáveis, como podemos perceber acima na *Imagem 18 do Enlace dos Leite-Lucena* ambos são indivíduos jovens, e acrescentando as afirmações aqui colocadas trago a *Imagem 20* que representa a união de dois cidadãos da Parahyba do Norte, que em nada nos remete a representação imagética do casamento com grande diferença de idade como analisamos anteriormente na *Imagem 19 – Typo de Família Sertaneja*. Vejamos:

Imagem 20 – Enlace Matrimonial²⁶



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 24/02/1924, nº 58)

A higiene perseguia um projeto moderno, espezinhando todos os costumes familiares, culturais e sociais que pudessem resistir a modernização das mentalidades e modos de vida, o conservadorismo mental e moral que pusessem em risco o desenvolvimento da nação eram veementemente condenados pelo higienismo. A mulher que anteriormente não tinha direito de escolher com quem desejava se unir matrimonialmente, agora terá voz para decidir sobre seu futuro esposo, como também começa a ser alertada pelos médicos quanto ao modelo de esposo que deveriam selecionar.

A mulher era alertada, [...] quanto ao futuro marido: <<Vosso marido deverá ser um indivíduo sadio e esbelto segundo o melhor tipo do seu sexo... porque um ente mesquinho e doente vós dará filhos caquéticos e fracos (...)>>. Enfatizava-se, do

²⁶ O Pharmaceutico Ovidio Lopes de Mendonça e a srta Alayde Simões Lopes, cujo esponsal se realizou no dia 13 de janeiro próximo passado. (*ERA NOVA*, N°58, 1924, p.17)

Encontramos nesse registro fotográfico justamente uma paridade na idade de ambos, estamos contemplando um modelo de casamento aos moldes das regras higienistas e eugênicas – ambos são brancos, e com idades ideal para o desenvolvimento de filhos robustos. Outro ponto que nos denota atenção é a pose dos fotografados, vejamos que o homem estar sentado elegantemente na cadeira, enquanto sua recém esposa encontra-se em pé, com o corpo recuado um pouco para trás, a mesma não se encontra lado a lado do seu marido, são esses pequenos detalhes alinhados a nossa bagagem de leitura, que nos indica a posição da mulher na sociedade das primeiras décadas do século XX, um posição ainda de submissão ao seu esposo, de companheira do homem, geradora e cuidadora dos seus filhos.

mesmo modo, a força moral do homem, desqualificando a riqueza diante do caráter. O homem bom e inteligente poderia tornar-se rico, enquanto o fraco de caráter acabaria dilapidando os bens herdados. (FREIRE, 1989, p.221).

Percebemos uma reviravolta nos valores matrimoniais, no casamento higiênico as mulheres buscavam casar-se com homens jovens e de caráter, o dinheiro e o *status* social herdados só mereciam mesura quando estavam associados a uma boa saúde física e com a moralidade, antes de tudo os indivíduos deveriam ter caráter, um sujeito sem caráter não tinha compromisso com a instituição familiar e nem com a nação, além disso, essa má personalidade poderia ser herdada pelos seus herdeiros, os mesmos cresceriam descompromissados com o projeto de orgulho, respeito e amor pela sua Pátria – não agregando valores positivos para o progresso do país.

Dessa maneira, o futuro das crianças estava condicionado a índole e a boa saúde dos seus genitores, por isso era imprescindível que seus pais gozassem de uma boa saúde física antes de decidirem ter filhos. Uma esposa trazendo-lhe no seu embrião moléstias contagiosas ou hereditárias, o marido carregando as moléstias venéreas da vida adulta, transformaria o seu lar em uma espécie de enfermaria, seus filhos nasceriam com deformidades, fracos e doentios, os quais em nada serviriam para o projeto de filhos da Pátria criado pelas autoridades médicas e o Estado, os mesmos seriam motivos de vergonha para aquele grupo familiar pertencente. No lar das crianças doentias - disformes o que habitava era a amargura e os problemas, no lugar da felicidade, os filhos gerados de um casamento doentio - herdavam não só os bens materiais (se caso seus pais possuíssem), mas as moléstias dos mesmos, como a sífilis - doença tida pelas autoridades de saúde como o *flagelo da humanidade*, como a própria *Era Nova* informa em suas folhas:

OS HEREDO – SYPLHILIS SYPLHILIS DOS INOCENTES

Os progressos da sciencia médica desvendado, nestes últimos annos, factos da vida humana que, até certo tempo, passavam como verdadeiros mysterios. A origem mórbida dos degenerados e a tradução clara da procedência syphilica hereditária, na maioria dos casos. Muitas deformidades physicas, notadamente, da parte superior do corpo e merecendo especial atenção os estigmas faciaes, destacando-se dentre eles, em primeira linha, os dos maxilares e arcadas dentárias, são flagrantos de indícios de syphilis hereditária. Tudo isto, antigamente, difícil de ser explicado de modo plausível, com dados pequenos recursos [...] hoje francamente acessível aos conhecimentos médicos, graças aos estudos modernos de grandes notabilidades de diversos países.

[...] o terrível flagelo da humanidade, que vem ao mundo de origem avariada são os infelizes herdeiros da syphilis, herdeiros e vítimas dos seus não menos inconscientes progenitores.

Se aquelles [os heredo-syphilis] são dignos de nossos sentimentos de commiserção, outros se nos apresentam ainda mais merecedores: são os innocentes infeccionados, muitas vezes, na distribuição de alimentos indispensáveis à sua vida, feita por almas verdadeiramente caridosas (ERA NOVA, N.º, 1922, p.20).

Uma doença maligna! A sífilis²⁷ que, contaminando as mulheres, deteriorava a sua descendência, fabricando uma infinidade de malformações congênitas nos seus filhos, gerando crianças disformes tão temidas pelos eugênicos e higienistas, as autoridades de saúde acusavam os homens de transmitir a suas esposas essa simbiose maligna, esses contaminados muitas vezes por conta de suas práticas profanas como frequentar prostíbulo antes e depois do enlace matrimonial. Como nos indica Freire, a progenitura do sífilítico era particularmente vulnerável a toda sorte de doenças e contribuía expressivamente para as estatísticas de mortalidade infantil (FREIRE, 1989, p. 241).

A sífilis foi e continua sendo um dos grandes problemas da humanidade, se hoje temos medicamentos e métodos de prevenção para essa enfermidade, no início do Século XX o que teremos além de ações preventivas, congressos de combate à sífilis, é a propagação de medicamentos como os *elixir* usados para o combate e solução dessa doença. Na Parahyba do Norte foi criado o “*Dispensário Eduardo Rabello – Prophylaxia das Doenças Venereas*” para o enfrentamento de doenças como a lepra e a sífilis, o doente diagnosticado com sífilis logo recebia tratamento, como nos informa a *Era Nova* “Nos dispensários os indivíduos matriculados depois do exame clínico, são submetidos a um tratamento completo, obtendo quase sempre uma melhora sensível e a cura das lesões de várias naturezas” (ERA NOVA, N°63, 1924, p. 23). Entretanto, a falta de educação e de conhecimentos da população era sem dúvidas um dos grandes colaboradores para o agravamento e propagação da sífilis. Nas páginas da *Era Nova* inúmeras são as propagandas de um medicamento que prometia erradicar a doença, por exemplo, o “*Elixir 914*”, vejamos:

²⁷ De acordo com a Secretaria de Saúde a sífilis é uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) curável e exclusiva do ser humano, causada pela bactéria *Treponema pallidum*. Pode apresentar várias manifestações clínicas e diferentes estágios (sífilis primária, secundária, latente e terciária): “A infecção por sífilis pode colocar em risco não apenas a saúde do adulto, como também pode ser transmitida para o bebê durante a gestação, podendo evoluir para aborto, graves sequelas ao recém-nascido até mesmo óbito. O acompanhamento das gestantes e parcerias sexuais durante o pré-natal é fundamental pois viabiliza o diagnóstico e tratamento adequado, evitando assim a transmissão para o recém-nascido. *Prevenções* – O uso correto e regular da camisinha feminina e/ou masculina é a medida mais importante de prevenção da sífilis, por se tratar de uma Infecção Sexualmente Transmissível. O diagnóstico precoce através da realização de Testes Rápido disponível em todas as Unidades de Saúde, também é uma forma de prevenção pois quanto mais precoce o tratamento, menor a transmissão para outras pessoas. *Em caso de dúvidas e ajuda busque a unidade de saúde básica mais próxima de você*”.

Imagem 21 –²⁸ Anúncio Publicitário

SYPHILIS!!!
ABORTOS! CHAGAS! INVALIDEZ! RHEUMATISMO! ECZEMAS!
UM HORROR!!!

A Syphilis produz Abortos, enche o corpo de Chagas, destrói as Gerações, faz os filhos Degenerados e Paralyticos. Produz Placas, Queda do cabelo e das unhas, faz as peles Repugnantes. Ataca o Coração, o Baço, o Fígado, os Rins, a Bóca, a Garganta, produz o Rheumatismo, Purgações dos ouvidos, Eczemas, Erupções da pele, Feridas no corpo todo, a Cegueira, a Loucura, enfim, ataca todo o organismo. Elimine a Syphilis de casa porque não havendo Saude não ha Alegria.

ELIXIR 914! O melhor depurativo do sangue. Deve ser usado em qualquer manifestação da Syphilis e da Tóxa.

NÃO FAÇA ISSO!

JÁ EXISTE O ELIXIR 914

LEIAM MAIS!.....

O ELIXIR 914 não é só um grande Depurativo como um energico preparado contra a Syphilis, porque contém Hermophenyl o qual destrói os microbios do sangue. É o unico sal que deve ser usado por via gastrica pela sua acção bactericida e porque não ataca o estomago nem os dentes, não produz erupções, ao contrario, secca e faz desaparecer as feridas. Não contém arsenico nem lodureto, sendo inoffensivo ás crianças.

O que o doente sente com o uso do ELIXIR 914:
 Appetite, regularidade dos intestinos, melhorando os que soffrem de prisão de ventre. Desapparecimento de todas as manifestações syphiliticas especialmente do Rheumatismo e affecções dos Olhos; finalmente a saude em pouco tempo.

ATTENTADOS:
 É o unico Depurativo que tem attestados dos Hospitais, de especialistas dos Olhos e da Dyspepsia Syphilitica.

CASAMENTOS:
 Não se case sem primeiro tomar 6 vidros de ELIXIR 914. É o mais barato de todos os depurativos porque faz effeito desde o 1.º vidro.

Nao deixe para amanha, comece hoje mesmo a tomar o ELIXIR 914.
 Vende-se em todo o Brasil e nas Republicas do Prata.

NOTA: Enviaremos um livrinho scientifico sobre a syphilis e doenças do sangue, GRATIS, a toda a pessoa que o desejar. Pedidos a Caixa 2 C. - Rio de Janeiro.

Fonte (Era Nova, Paraíba. 01/06/1924, nº 63)

Nos anúncios do “Elixir 914”, a sífilis era associada a problemas como invalidez, fraqueza, abortos e doenças devastadoras, essas informações são colocadas de forma expressivas para chocar e ter a atenção do leitor, outro detalhe importante desse anúncio é que recaía sobre a figura masculina, ao marido toda a culpa pela contaminação da sífilis, vemos a representação de um homem cabisbaixo sentado, enquanto outro fala “Não faça isso! Já existe o “Elixir 914”, como se condenasse algo que aquele sujeito fosse cometer, como, por exemplo, casar sem antes passar pela depuração do sangue. Em um momento que ainda não existia antibióticos para essa doença, eram os “elixires” que prometiam e vendiam a cura completa e definitiva para essa enfermidade, o “elixir 914” se auto rotulava como depurador do sangue e que as pessoas não se casassem antes de tomar 6 vidros desse medicamento, assim estariam livres da enfermidade e aptos para o casamento.

Para que doenças como a sífilis fosse evitadas, autoridades médicas juntamente com os ideais eugenistas propagavam a necessidade de os noivos realizarem exames pré-nupciais, esses pensamentos tiveram como grande suporte de divulgação os meios de comunicação e a revista

²⁸ A sífilis produz Abortos, enche o corpo de chagas, destrói as gerações, faz os filhos Degenerativos e Paralíticos.

Era Nova é um deles, no decorrer da sua existência várias eram as publicações sobre a importância do exame pré-nupcial. Vejamos no artigo – “*Necessidade do exame pré-nupcial*”:

Mais tarde, quando se cuidar no Brasil do aperfeiçoamento da nossa raça, uma das questões primeiro a ser resolvidas deve ser, sem dúvida alguma, a da regulamentação do casamento. Grande é o número de doenças transmissíveis por herança, e para que não se propagem de geração em geração, é preciso que se creem leis administrativas, tirando aos doentes a liberdade de se casarem. As civilizações primitivas, a esse ponto, tinham preceitos que mereciam seu limitados, os filhos códigos indús, por evitar os grandes malefícios da hereditariedade mórbida, proibiam o casamento a quem quer que fosse por taras degenerativas.

[...] A Grécia foi o primeiro país a cuidar do assunto, chegando ao ponto de proceder a esterilização a todos os indivíduos tarados, com o fim benéfico de impedir a perpetuação de caracteres degenerativos da espécie.

[...] Outros estados americanos, animados do mesmo ideal eugênico, sem lançar mãos dessas medidas extremas, criaram leis que proibiam o matrimônio aos portadores de doenças tóxicas ou infecciosas, havidas como prejudiciais a descendência. É o que nos cumpria fazer. O congresso devia votar leis salvaguardadoras do futuro da nossa raça. Mas não esperemos que elas apareçam. Antes das providências dos nossos legisladores, que, as mais das vezes, chegam demasiadamente tarde, devíamos trabalhar por implantar em nossos costumes a exigência do exame de sanidade dos conjugues como condição imprescindível à realização do casamento. [...] É preciso convencer os pais dizendo todos os dias que não devem assentir no casamento de suas filhas sem que o pretendente exhiba um atestado médico, assegurando não sofrer de moléstia contagiosa, ou nociva para os descendentes. Evitar-se-ia, assim, que moças sadias e puras casassem com indivíduos no período contagioso da avaria, ou no estado de amolecimento da tuberculose, gerando em vez de crianças risonhas e felizes, seres degenerados e inúteis.

Tornemos necessário o exame pré-nupcial, como indispensável a efetuação do matrimônio, e teremos concorrido, poderosamente, para o aperfeiçoamento moral e physico de nossa raça. *Elpídio de Almeida*. (ERA NOVA, N°03, 1921, p.14).

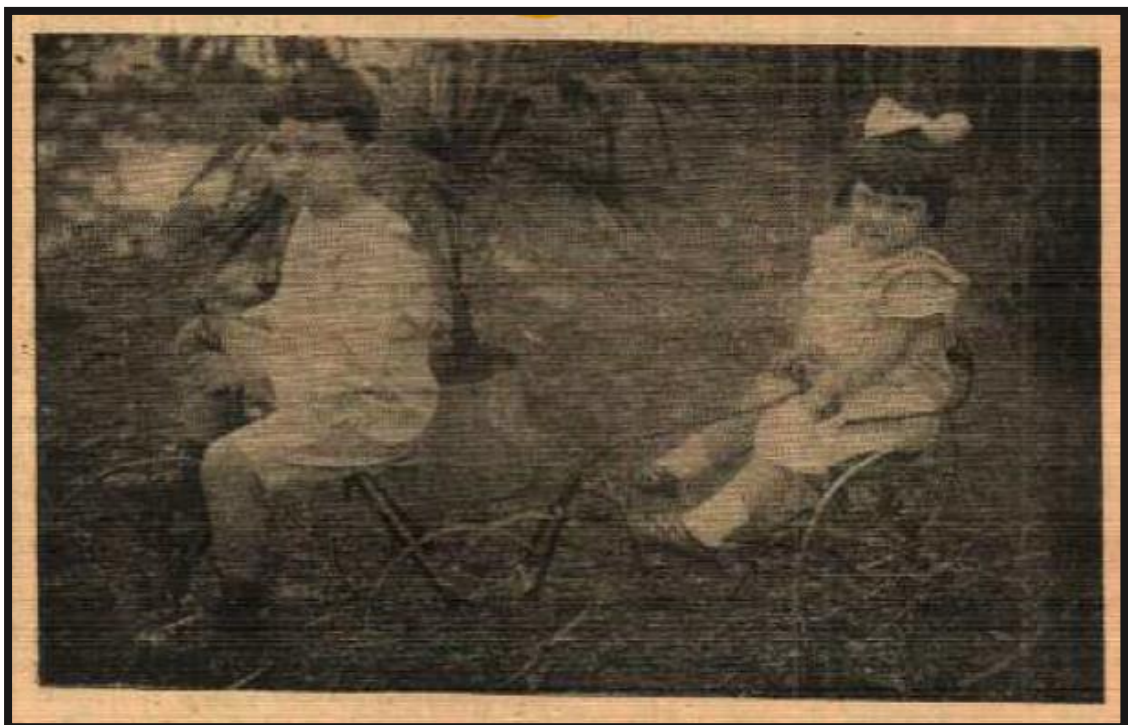
De acordo com as informações aqui apresentadas, o exame pré-nupcial não era uma lei na sociedade, mas começou a ser propagada e defendida como uma espécie de obrigação daqueles que desejavam se unir em matrimônio, tal medida foi amplamente defendida por eugenistas e médicos higienistas brasileiros por ser considerada fundamental e imprescindível para o aprimoramento racial e o progresso da civilização. Por intermédio, do exame pré-nupcial pretendia-se impedir a união e reprodução dos indivíduos classificados como degenerados e inferiores, os mesmos eram tidos como impróprios para a formação eugênica das futuras gerações brasileiras.

Casamentos entre sujeitos considerados doentes, raquíticos, loucos; degenerados, entre outros, originavam, de acordo com esses estudiosos, na constituição de proles prejudiciais e inúteis ao avanço do projeto nacional. Por isso, esse exame médico unia-se tão perfeitamente as concepções dos médicos higienistas e dos eugenistas, pois o mesmo era considerado como uma ação preventiva e necessária para o desenvolvimento de futuras gerações, em outras palavras, essa ação médica procurava impedir a propagação da “má descendência”, para o

pensamento eugenista e higienista da época, de conjugue de maus caracteres, de corpos doentios - como tarados, ou fisicamente disformes, só desencadearia em uma fraca - incompetente e imprestável geração. A concepção eugênica e higienista ensinava que a “boa descendência” a “prole sadia” ideal para o projeto nacional tinha grandes chances de surgir quando indivíduos sãos – saudáveis e de caráter se uniam. Dada a importância que fora atribuída a esse exame médico, o mesmo passou a ser defendido para além da classe médica, tendo como apoiadores dessa medida jornalistas, educadores, autoridades públicas, indivíduos com grande poder aquisitivo, entre outros, na busca pela união higiênica que daria bons frutos para o futuro do Brasil.

E é justamente nas páginas da *Era Nova* que foram divulgadas as fotografias dos “bons frutos” da “boa descendência”, ou seja, dos *petyzes* “gerados” pela união matrimonial higiênica e eugênica, o que veremos é praticamente uma uniformidade de um modelo de crianças – brancas, robustas, risonhas, saudáveis, trajados e usufruindo os símbolos da modernidade. Vejamos a seguir algumas representações fotográficas dessas “crianças higiênicas”:

Imagem 22 – Galeria Infantil



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 25/12/1921, nº 18)

Na *Imagem 22* encontramos os irmãos Milton e Elizabeth, filhos do dr. Seixas Maia, um renomado médico da Parahyba do Norte, dois herdeiros do casamento higiênico, neles não notamos corpos doentios, e sim corpos saudáveis, bem vestidos e desfrutando de objetos usufruídos por poucas crianças na época, ambos estão sentados nos seus brinquedos que são duas

bicicletas. Esses *petyzes* agora podiam brincar com suas bicicletas não só nos jardins de seus lares, mas também nos jardins que se encontravam nas ruas da cidade, e no próprio *Parque Arruda Câmara*, como vimos anteriormente espaços foram criados e outros remodelados tudo para receber os cidadãos modernos, e uma parte desses sujeitos modernos eram os crianças da elite Parahybana, os quais seus pais faziam questão de mostrar para os demais cidadãos que seus herdeiros seguiam e desfrutavam o progresso, nas folhas da *Era Nova* algumas famílias faziam questão de publicar fotografias de seus filhos ao lado de brinquedos, como bicicletas, minicarros modernos já mostrado na *Imagem 16* e bonecas, essas representações imagéticas são testemunhos dessa nova prática social.

Imagem 23 – Galeria Infantil²⁹



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 15/04/1921, nº 2)

²⁹ Alfio, Luiz e Edson, filhinhos do sr. Geovani Ponzi, negociante nesta praça. (ERA NOVA, Nº2, 1921, p.19)

Imagem 24 – Notas Infantis³⁰



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 01/05/1923, n° 44)

Encontramos em ambas as fotografias crianças frutos do casamento higiênico das primeiras décadas do século XX, a *Imagem 23* representa uma nova geração de uma determinada família, nela como a própria legenda nos informa encontra-se 3 (*três*) *petyzes* que são irmãos, é interessante notarmos que todos eles apresentam feições saudáveis – fortes, inclusive o menino de nome *Edson* apresenta um corpo rechonchudo – robusto, e para além disso, são crianças brancas, ou seja, esses meninos eram frutos de uma união matrimonial saudável, onde três filhos foram gerados e aparentemente nasceram sadios, corroborando com os pensamentos e conceitos das autoridades médicas e eugênicas da época, uma geração nascida para o melhoramento da raça, para o desenvolvimento da nação. Notemos na *Imagem 23* que todos eles estão vestidos impecavelmente, na cabeça repousava uma espécie de touca moderna, no corpo roupas dignas de serem usadas em momentos ilustres - e realmente essas crianças estavam vestidos para uma ocasião importantíssima desse recorte temporal - que era o momento do ato fotográfico, tido como um acontecimento social, de acordo com Bertrand Lira (1997),

³⁰ CÊDINHA interessante filhinha do sr. Murillo Lemos. (ERA NOVA, N°44, 1923, p.16)

A tomada de uma fotografia consistia num processo ritualístico, tanto para o profissional quanto para as pessoas fotografadas. Para estas, aliás, significava um acontecimento importante em suas vidas. Em casa ou no estúdio, o retrato exigia todo um ritual de preparação: a escolha do vestuário, o penteado, os adereços e acessórios, a maquiagem para as mulheres e, como não poderia deixar de ser, o cenário. Este dependia das condições da luz. Não era por acaso que os primeiros daguerreótipos foram tomados em cenários abertos com abundante claridade do sol. (LIRA, 1997, p.102).

Esses momentos fotográficos eram revestidos de solenidade, todos os detalhes eram pensados cuidadosamente pelos fotógrafos e pelos seus contratantes, desde a indumentária à pose, tal preocupação com as indumentárias nos denota a existência de um “código do bem-vestir” pautado na utilização de símbolos modernos como elementos de distinção social, tanto a roupa como a pose indicavam as condições dos fotografados. Essas crianças eram apresentadas como verdadeiros nobres, não havia espaço para o erro ou para as dúvidas, o desejo dos fotografados a si mesmo e principalmente aos seus herdeiros era de apresentar a mais digna e honrosa das Imagens, demonstrando o quão eram importantes socialmente.

Meninos e meninas representados nas fotografias muitas vezes demonstravam estarem absortos de seriedade para o *click fotográfico*, como se compreendessem o quão importante era, não havendo sequer espaço para o riso em alguns retratos, como a própria *Imagem 23* nos demonstra, como nos afirma Bertrand Lira “[...] até as crianças, mesmo aquelas de tenra idade, pareciam entrar no clima solene do ritual fotográfico”. Toda essa importância não estar limitada unicamente aos gesto “tomada da fotografia” (LIRA, 1997, p. 103), essa *tomada* inclui também o ato de sua recepção perante os outros, o sujeito retratado iria ser recepcionado pelo o *olhar e concepções* dos outros, aquela representação imagética quando impressa nos álbuns de fotografias ou publicadas nas revistas como a *Era Nova* é mortificada no tempo, para leituras do seu presente e do futuro as quais serão lidas a partir dos próprios conceitos culturais e sociais de quem as leem, por isso antes da tomada fotográfica – adultos e crianças eram “*fabricados*” para que tudo saísse perfeitamente.

De acordo com Roland Barthes, a partir do momento que os indivíduos são olhados pela objetiva³¹ tudo muda: sujeitos passam a pousarem, fabricando instantaneamente corpos - ou sendo levados a fabricarem esses corpos - como podemos analisar no caso dos *petyzes*, das lentes fotográficas uma imagem vai nascer e dessa imagem o que vão fazer do retratado? *Um indivíduo nobre? Distinto? Inteligente? Qual a leitura que terão a respeito desse sujeito?* (BARTHES, 1984, p. 22-23). O retratado não sabe o que a sociedade fará com sua imagem, o que ela lê nela, há tantas leituras de uma mesma face, de uma pose, de uma cena. Conscientes

³¹ A objetiva é o olho da câmera tendo várias funções importantes no ato fotográfico.

que as fotografias impressas no meio de comunicação seriam lidas pelos outros, mortificadas para o futuro, os pais desejavam “congelar” todos os ritos de passagem das crianças, “congelar” a melhor imagem dos seus filhos, como indivíduos pertencentes a elite social, inseridos no progresso da nação, era uma espécie de afirmação que aquelas crianças seguiam os padrões da modernidade e integravam o projeto nacional de infância ideal das primeiras décadas do século XX.

Em contraponto a *Imagem 23* vamos ter a fotografia da *pequenina* Cêdinha representada na *Imagem 24*, nela não encontramos uma menina de feições sérias, e sim uma *garotinha* risonha sentada numa espécie de jardim, a luz do dia, o que era comum para época dada as circunstâncias do modelo de câmera fotográfica, um gesto tão simples: o riso, mas que para esse recorte temporal significava bastante, se nas crianças maiores era comum a seriedade indicando uma determinada personalidade no futuro, nos *petyzes* recém-nascido significava um indício de saúde, os médicos higienistas afirmavam que crianças risonhas desfrutavam de uma boa saúde, enquanto os de olhares tristes e chorões indicavam que não eram saudáveis.

Como podemos observar, tudo era fotografado pelas câmeras, fotografar e possuir retratos dos filhos era um gesto de afetividade, de amor e importância. Novas práticas e costumes surgem com a modernidade, e uma delas é fotografar os grandes momentos da vida das meninas e meninos, ou seja, os ritos de passagem, aniversários, primeira comunhão, batizados tudo isso era registrado e eternizado pela máquina Kodak. Esses grandes eventos como vimos não ficará mais restrito ao ambiente privado – doméstico, ele se torna público, nas páginas da *Era Nova* encontramos várias imagens dos ritos de passagem das crianças, como a primeira comunhão, esse rito de passagem segundo Mauad “marcava a entrada das crianças na comunidade cristã, e transformavam-se em reuniões de família, ocasiões para comprovar sua vitalidade e renovar seus atos” (MAUAD, 2008, p. 127). Esse momento não é apenas receber a hóstia, mas um compromisso com Cristo e com a Igreja, revestido de importância esse acontecimento era fotografado e publicado nas páginas da imprensa periódica. Vejamos:

Imagem 25 – Primeira Comunhão³²

Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 07//1924, nº 66)

Na *Imagem 25* encontramos a representação clássica da Primeira Comunhão das primeiras décadas do século XX, tanto na vestimenta como na idade. Um rito de passagem que ao longo de todo o século XIX era realizado entre os 10 e 12 anos de idade, mas que a partir do dia 08 de agosto de 1910 a Igreja torna obrigatória para essa realização a data dos sete anos de idade, o motivo dessa mudança na idade segundo Martin-Fugier, se deu porque a Igreja tentava garantir mais cedo a pureza da alma, ao mesmo tempo que buscava reduzir o luxo que rodeava tais celebrações. (FUGIER, 1991, p. 250). A *Imagem 25* apresenta os trajes tradicionais da Primeira Comunhão, vemos a menina vestida com roupas brancas e que lembram vestimentas de noivas, os cabelos cobertos por uma espécie de véu, em uma posição de reza, nessa fotografia percebemos uma pose contida de ambos os retratados, como forma de afirmação do momento importante vivenciado, o garoto estar trajado com uma espécie de paletó branco, segurando em uma de suas mãos o terço, constituindo todo um cenário simbolicamente relacionado ao

³² Maria das Neves e Gentil, filhos do Tenente Juvenal Espinola.

sacramento para a tomada fotográfica, essa representação imagética era guardada nos álbuns fotográficos como lembrança – orgulho e herança para seus descendentes, e publicadas nas revistas para a sociedade com esses fins e acrescento como coesão social do grupo familiar.

Pesquisando nesse universo imagético presente na *Era Nova* que tanto nos informa sobre a Infância Parahybana, sobre os ritos de passagem das crianças, sobre o cuidado que elas agora recebiam, vamos encontrar sobretudo a representação ideal de meninos e meninas para essa sociedade. Em um período que os bons costumes e a moral continuavam latentes, apesar das novas práticas modernas, a imagem das novas gerações deveria enaltecer o sobrenome familiar, para isso existia todo um conjunto de códigos normatizadores a serem seguidos, principalmente no que se refere a *pose* dos retratados. Vejamos:

Imagem 26 – Galeria Infantil



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 25/12/1921, nº 18)

A *Imagem 26* apresenta a garotinha *Julinha* filha de um sr. João Batista, notemos a seriedade passada pela retratada, no rosto uma feição fechada e nada de sorrisos, no seu corpo uma pose rígida, o que para sua idade é um tanto quanto estranho, o comum seria a retratada

estar sorrindo, com poses descontraídas, tudo isso se relaciona com a importância da imagem que sua família deseja criar de si, a pose nas fotografias passou a ser tida como um indício de quem aquela retratada seria no futuro. *Esposas obedientes? Recatadas? Boas mães? Ou seriam mulheres assanhadas? Mães desnaturadas?* De acordo com a mentalidade das primeiras décadas do século XX, era de criança que as meninas aprenderiam a ser boa mãe e esposa, para isso deveriam ser ensinadas por suas genitoras como se comportar, como nos fala Bourdieu “[...] numa sociedade que exalta o sentimento da honra, da dignidade e da respeitabilidade [...] sob o olhar dos outros, é importante dar ao o outro a imagem de si mais honrosa, a mais digna, a pose mais rígida”. (BOURDIEU, 1965, p. 119). A pose, neste momento, passou a ser um ritual social, a pose pautada nos códigos normatizadores era sinônimo de uma boa fotografia.

São pequenos gestos e poses que muito têm a nos informar, e *escutando* essas fotografias vamos descobrindo, somos nós os sujeitos que vão ler e recepcionar essas imagens. Todos os registros fotográficos aqui analisados, encontram-se inseridos a uma sociedade, uma temporalidade, e é mergulhando no universo desses retratos apoiados a nossa bagagem cultural, que vamos compreender todo o processo simbólico envolvido nas imagens, e é enveredando nessas fontes imagéticas e textuais que vamos compreender o universo da infância Parahybana.

No Brasil, e aqui particularmente na Parahyba do Norte, veremos que o universo da infância está relacionado integralmente ao o processo de higienização da família, tal universo progrediu juntamente com o desenvolvimento urbano, social e cultural da sociedade. Todo esse progresso serviu para reestruturar o cotidiano, as práticas, a vida dos *petyzes*, tudo era minuciosamente pensado para construir uma infância que contribuísse no futuro para uma Pátria moderna e civilizadora, o que era desejado para essa temporalidade histórica aqui estudada era a formação de uma nação brasileira estruturada com o progresso, com condutas sociais e culturais europeias, e para isso era fundamental investir naqueles *pequenos seres* tidos como o futuro da Pátria, ou seja, meninos e meninas, de modo que tudo deveria se dar no momento da infância.

Era na fase da infância que as crianças deveriam adquirir hábitos que seriam decisivos para o seu próprio bem-estar e para o desenvolvimento do Brasil, esses hábitos abrangiam práticas educativas, higiênicas, comportamentais entre outras, os higienistas juntamente com os meios de comunicação divulgavam que na fase adulta eram praticamente nulas as possibilidades dos sujeitos obter hábitos civilizatórios, com ressalva para os comportamentos impostos pela lei, pois os maus hábitos já se encontrariam consolidados nos sujeitos, o projeto de crianças higiênicas não se restringia unicamente ao casamento higiênico daqueles que seriam seus pais, era um projeto que se encontrava sempre em estruturação, as crianças necessitavam de

vigilância para não adquirirem práticas indolentes, era preciso uma boa educação e cuidados com seus corpos, sua saúde física e mental.

É justamente inseridas nesse universo de cuidados com a família e as crianças, que as revistas ilustradas obtiveram grande notoriedade, elas serão aliadas dos médicos higienistas e eugênicos contra os males que ameaçavam a vida das crianças e da estrutura familiar, nelas serão disseminadas saberes médicos, informações de como os pais deveriam *cuidar e criar* os filhos, o periódico *Era Nova* é uma dessas revistas com bastante atuação na Parahyba do Norte na década de 1920, interessante notarmos nesse quinzenal que o mesmo informa e “apresenta” o resultado dos bons cuidados com as crianças, nele era mostrado informações escritas de como *cuidar e criar* os *petyzes*, e no decorrer das páginas era apresentada fotografias de crianças saudáveis - robustas - modernas e felizes, não como instrumento meramente ilustrativo, mas como um instrumento informativo, uma representação social, uma forma de comprovar para a sociedade que se seguissem e adquirissem as práticas, costumes e produtos indicados seus futuros herdeiros teriam uma infância e posteriormente uma vida adulta honrosa, saudável e inserida ao projeto nacional de indivíduos da Pátria, nessas fotografias impressas a classe da elite se fez reconhecer, buscou se auto apresentar para as sociedades do seu próprio presente e do seu futuro, criou mecanismo de perpetuar sua imagem e seu mundo “perfeito” para gerações futuras.

As revistas ilustradas compuseram o catálogo de valores, emblemas, comportamentos e representações sociais, por meio do qual a burguesia se imaginou e se fez reconhecer, criando a utopia de um mundo digno, porque civilizado, empreendedor, e livre, porque acessível e transparente aos olhos de todos. A imagem publicada torna-se o ícone, por excelência, de um modo de vida vitorioso, que prescinde da própria realização para existir, bastando para tanto que as imagens fotográficas o refletissem. (MAUAD, 2008, p.170)

Fontes privilegiadas para apreensão de práticas sociais e culturais, do cotidiano dos indivíduos, do imaginário social, as revistas ilustradas não representam apenas um produto significativo da cultura na qual ele está inserido, ele é também um produtor dessa cultura, dos valores e comportamentos a serem seguidos pela sociedade, nelas estão contidas as formas corretas de ser e agir, tudo que fugisse dos modelos indicados por elas eram marginalizados, condenados, por isso funcionavam também como uma espécie de cartilhas para as mães, onde as ensinavam a cuidar da sua gestação, e a gerir seus *petyzes*, seguir suas indicações e ter rostos impressos nas páginas desses periódicos, como a *Era Nova* representava sobretudo um estilo de vida moderno, vitorioso e nobre, “provava” para aqueles que as liam o quão aqueles indivíduos eram importante socialmente. Ter o rosto vinculado a essas revistas como Mauad nos informa já era suficiente para afirmar um determinado modelo de vida, ou seja, da elite

social. Essa afirmação se dar principalmente por conta dos altos valores que eram cobrados pelas revistas para terem as fotografias dos seus leitores impressas, como vimos anteriormente onde a *Era Nova* cobrava entre 100\$000 (cem mil réis) à 15\$000 (quinze mil réis), essas altas quantias cobradas não impediam homens e mulheres de terem seus rostos impressos e, principalmente, de suas crianças, pelo contrário ajudava na disseminação da ideia de que eram sujeitos afortunados, pertencentes a mais alta classe social.

Perante a importância que fora atribuída às revistas ilustradas, observaremos neste momento uma modificação em torno da significação dos álbuns fotográficos para essa sociedade, até então o álbum de fotografia era um objeto de grande valia como nos informa Bourdieu (1965):

O álbum de fotografia se tornou um objeto de grande valor simbólico, onde estão registrados momentos importantes da vida familiar. É o espelho onde a família encontra refletida a imagem que pretende ver e mostrar de si: a imagem ideal. As imagens que o álbum armazena são objetos de contemplação coletiva e quase cerimonial, cuja função é entesourar a herança familiar. (BORDIEU, 1965, P.51)

Todos os rituais de sociabilização eram guardados nos álbuns de fotografias, casamentos, formaturas, nascimentos; primeira comunhão, batizados, aniversários, entre outros, nele estava contido as *melhores fotografias* - a imagem ideal dos sujeitos, do seu grupo familiar. Entretanto, esse instrumento simbólico ficava resguardado no âmbito privado, os demais sujeitos que não integravam aquele meio familiar ou um grupo de amigos mais próximos não poderiam contemplar e testemunhar nessas fotografias toda opulência daquela família, e as revistas ilustradas, aqui a *Era Nova*, vão serem o mecanismo perfeito para os *outros* assistirem a opulência, a modernidade, os momentos sublimes dos grandes grupos familiares da Parahyba do Norte. Isso não significa dizer que o álbum de fotografia vai deixar de ser um objeto de cuidado, veneração, emoção e contemplação, na verdade ele irá se “abrir” aos encantos e possibilidades da modernidade – como ter faces estampadas em páginas de revistas mundo afora, mortificando aquela imagem para gerações futuras, esses álbuns rompem com os limites do privado – domésticos, tornando-se públicos quando suas fotografias não são unicamente guardadas neles, mas também nos periódicos ilustradas, entretanto uma coisa é certa, tanto os álbuns fotográficos como as revistas ilustradas são de acordo com Mauad “[...] recuperar os códigos de representações sociais e programações de comportamento de uma certa classe social, num dado período histórico” (MAUAD, 2008, p. 38).

Os espaços urbanos progrediam dia a dia com a modernidade, os indivíduos pouco a pouco se adequavam aos padrões eugênicos e higiênicos, ou seja, tudo estava pronto para gerar os futuros herdeiros da Pátria, entretanto, para que os mesmos caminhassem juntamente com o

progresso do Brasil, era necessário toda uma série de cuidados e vigilância com eles pós-nascimento, e para se ter crianças “perfeitas” na Parahyba do Norte era imprescindível seguir às indicações da *Era Nova*, nas suas páginas foram criadas uma espécie de universo infantil o qual informações se uniam as fotografias, entretanto é importante ressaltarmos, que de acordo com Barthes, que antes de serem publicadas nas revistas ou nos álbuns as fotografias foram avaliadas, apreciadas e escolhidas, e que assim passaram pelo filtro da cultura (BARTHES, 1984, p. 31). Ou seja, aquelas que fugiam dos padrões essenciais logo eram descartadas, representações imagéticas de crianças raquíticas, com corpos disformes não eram aprovadas pelo filtro cultural dessa época histórica.

Vejamos algumas regras a serem seguidas para que os “*bons frutos*”, a “*boa descendência*” tivessem um excelente desenvolvimento pós-nascimento:

SONO E BERÇO

A criança deve sempre dormir no berço. Nunca com a mãe ou com a ama, porque isto é prejudicial à sua saúde e até pode morrer esmagado. Também é nocivo que durmas nos braços e ainda mais sendo embalada. A posição mais conveniente é de lado, de preferência do lado direito. Nunca de costas porque o mais pequeno vômito a pode asfixiar. O berço não deve ter movimento algum. Será munido de lados para evitar quedas. A travessia deve ser pouco alta e não muito branda e o seu conteúdo do mesmo modo que o colchão, não deve ser de lã, mas de crina. Quanto mais pequena é a criança, mais deve dormir não só de noite, mas também de dia. Se dorme pouco é porque não está bem.

PASSEIOS E ANDAR

Até terem passados 10 a 20 dias (segundo a estação) do nascimento, a criança não deve sair de casa. Depois, convem sair com ela todos os dias, sendo possível, porque as crianças necessitam muito ar puro. Nunca deve sair à noite, nem tampouco em dias de umidade ou de vento violento.

A partir dos 7 ou 8 meses, a criança necessita fazer algum exercício. Para este fim, é melhor coloca-la no chão, sobre um tapete ou manta, onde brinca e termina por andar de gatas e ao fim de um ano ou mais, começará a andar só. O uso dos carrinhos em que se introduz a criança para aprender a andar é prejudicial, assim como as correias que se usam para o mesmo fim, porque podem ser origem de posições defeituosas.

LAVAGEM E BANHOS

É muito útil tomar banhar a criança todos os dias, desde o seu nascimento e, não sendo possível, fazer-lhe uma lavagem geral com uma esponja. A temperatura da água será de 35 graus durante o primeiro mês e nos meses seguintes, de 32 graus no inverno e 30 no verão.

Para evitar resfriamentos, ao se dar banho é preciso:

1° - Que a temperatura da habitação seja de 18 a 20 graus.

2° - Que estejam fechadas as portas e janelas.

3° - Secar bem a criança e envolvê-la num chale, até ter a reação.

A duração do banho deverá ser de 4 a 5 minutos e a melhor hora é a do meio dia. A lavagem da cabeça deve fazer-se diariamente, com água temperada e sabão de cozinha, utilizando-se uma esponja fina ou algodão hydrophilo. Assim, evitar-se-ão as crostas repugnantes e que testemunham a falta de limpeza das mães. (ERA NOVA, N°06, 1921, p.12).

Esses eram alguns dos cuidados com as crianças publicados na *Era Nova*, funcionando como uma espécie de *cartilhas educativa para as mães*, esses discursos estavam alinhados com os pensamentos médicos e eugenistas da época, segundo eles as mães que seguissem essas indicações teriam como resultados filhos saudáveis, aptos para contribuir com sua inteligência e força para o desenvolvimento econômico e social da Pátria, veremos todo um cuidado com os primeiros dias e meses dos *petyzes*, isso se dar também ao fato do desejo de diminuir as taxas de mortalidade infantil - a morte da criança que anteriormente era tida como um acontecimento corriqueiro, sem importância, ela agora é visto como sério problema, tanto para família como para as autoridades públicas da sociedade, as doenças não elegiam quais crianças atacar, sejam elas pobres ou ricas, é certo que as abandonadas e em condições de miséria estavam mais expostas as mazelas, mas as crianças da elite se não fossem bem cuidadas também sofreriam com doenças graves que poderiam levá-las à morte, vimos no capítulo I que os lares foram reestruturado tornando-se espaços saudáveis e aptos para receber as mulheres grávidas e atender as necessidades das crianças. As mães precisavam ter toda uma atenção consigo mesmas, no período gestacional e, posteriormente ao nascimento com a higiene e a alimentação dos *petyzes*, sendo incumbido a elas toda a obrigação de cuidar da saúde e da moral dos futuros herdeiros da nação.

Vejamos o que a *Era Nova* alerta a respeito da mortalidade e dos problemas de saúde infantil:

Consagra a Maternidade seus cuidados a vida endo-uterina. Essa é a phase mais delicada que o menino atravessa. A mil vicissitude está elle sujeito: traumatismo, compressões, e deformidades de toda a sorte, distúrbios pryschicos e nervosos e vícios falta de hygiene que lhe podem acarretar graves irregularidades no desenvolvimento orgânico. Entre as causas de assombrosa mortalidade dos primeiros dias de vida e ainda podemos acrescentar, dos dois primeiros annos, figura o abandono a que se deixa a mulher no período da gravidez. Que o repouso, a hygiene o trato cuidadoso da mulher momento nos últimos meses que precedem ao parto, muito influem para a vitalidade e resistência orgânica do filho que traz ao seio é coisa sobre o que se não discute (ERA NOVA, N°13, 1921, p.13).

Todas essas orientações aqui mencionadas estavam em concordância com o pensamento dos médicos, cientistas e intelectuais do início do século XX que buscavam *construir um projeto civilizador e moderno para o Brasil* e para conseguir tal finalidade, mulheres e crianças eram instrumentos obrigatórios. Na *Era Nova* a figura feminina é tida como que nascera para a família, para o casamento e a maternidade, e com o surgimento dos ideais eugenistas e higienistas as mulheres serão elevadas à categoria de mediadora entre os filhos e o Estado, serão elas juntamente com as Instituições de Poderes que vão construir o futuro adulto patriótico. Como o próprio Freire nos fala, “A mãe devotada e a criança bem-amada vão ser o adubo e a

semente do adolescente, futuro adulto patriótico. “[...] ô mães, perante a natureza e a sociedade, vós que podeis transmitir com vosso leite nobres e excelentes virtudes e dar a sociedade homens fortes.” (FREIRE, 1989, p. 73). Por isso, era criado para as mulheres novas práticas socioculturais, como o cuidado com o cotidiano das crianças, o banho, a alimentação; eram novas formas de agir que surgiam com a modernidade e o discurso médico, agregadas a imprensa periódica.

A *Era Nova* não só apresentava as novas condutas perante as crianças e a sociedade, como também divulgava os produtos modernos e que iam contribuir para o bem-estar e o desenvolvimento dos futuros herdeiros da nação. Como é o caso do anúncio do produto “*Farinha Láctea*”, vejamos:

Imagem 27 – Anúncio Publicitário



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 24/12/1922, nº 38)

Podemos identificar uma aliança mediante esse anúncio, entre médicos, imprensa, Estado e indústrias alimentícias, um jogo de relação de interesses, um momento propício para divulgação de novos produtos legitimados pela ordem médica, esses novos alimentos eram apresentados como um complemento para a saúde e o desenvolvimento das crianças, estimulando o consumo de uma parte da sociedade, ou seja, dos cidadãos da elite. No anúncio vemos uma criança um tanto quanto que “desesperada” para consumir a *farinha láctea Nestlé*,

o mesmo ainda reforça que esse alimento dar vigor e fortalece os *petyzes* fracos, essas propagandas contribuíam significativamente para construir no imaginário da sociedade o modelo de criança saudável e robusta, em outras palavras, aquelas meninas e meninos que consumissem esse produto, e tantos outros divulgados é que seriam fortes e sadios. Tudo isso passava pelo aval médico, como afirma o jornal *A União*:

FARINHA LACTEA NESTLÉ Atesto que tenho empregado em larga escala, na minha clínica, com resultados satisfatórios, Tanto em crianças como em adultos de avançada idade e também nos convalescente em geral sempre que não há contra indicação a Farinha Láctea Nestlé, considerando-a por isso um produto saudável, digestivo, assimilável e de primeira ordem, do qual o clínico deve lançar mão com a máxima confiança e sem o menor receio sempre que se lhe ofereça indicação. (A UNIÃO, 04/11/1922 p.8).

É um “novo olhar” que nasce sobre a criança no Brasil republicano, uma nova mentalidade, onde as crianças são incorporadas, pensadas e construídas, e para esse projeto civilizador ter êxito era primordial ir além dos cuidados com o corpo, alimentação, vestuário, entre outros dos *petyzes*, era necessário investir na sua educação. Na busca para sanar os problemas do atraso brasileiro, os eugenistas e higienistas afirmavam que o impedimento para o progresso não era unicamente a miscigenação da raça, mas também o analfabetismo, a falta de conhecimentos, de moral e de educação. Como podemos observar nas próprias afirmações colocadas por eles durante o *Primeiro Congresso Nacional dos Práticos*³³ em 1922. Naquela oportunidade, foi levantada a luta contra o analfabetismo, a ele se referindo como a um “[...] fantástico inimigo que embrutece a alma, compromete a saúde, nulifica a espécie, avilta os ideais, enfraquece o país” (VASCONCELLOS, 1923, p. 483).

Crianças que não sabiam ler, escrever, ou que não sabiam se comportar de acordo com as condutas vigentes da época, era sinônimo de empobrecimento do país. Para isso, o colégio e a figura do professor serão importantíssimos, ir à escola e aprender a ler, escrever e contar não era suficiente, era necessário aprender a ter bons valores, costumes e condutas socioculturais. De acordo com Freire “Dizia um higienista: o colégio não deve ser unicamente o jardim da inteligência: os bons costumes devem ser nele cultivados ao mesmo tempo que as ciências e as

³³ O Primeiro Congresso Nacional dos Práticos, foi realizado por médicos brasileiros em 1922 no Rio de Janeiro, onde se estabeleceu diretrizes a serem adotadas em defesa da categoria pela primeira vez, para ademais das temáticas que foram abordadas nesse congresso, destaco principalmente a questão eugênica e higienista. Para grande maioria desses médicos a pobreza, o analfabetismo e a miscigenação das raças que assolava o país eram responsáveis pelo seu atraso no progresso. Era necessário formar cidadãos intelectuais para pôr o Brasil nos trilhos do progresso, e criar indivíduos aptos para o “trabalho braçal”, alfabetizá-los, mas colocando-os cada um em seu devido lugar social, sob a égide do progresso da nação. Todos esses cuidados deveriam ser iniciados no período da infância de meninos e meninas, uma ação conjunta entre Instituições de Poderes Públicas e a Instituição Familiar.

artes” (FREIRE, 1989, p. 197). Corroborando com esse pensamento, a *Era Nova* apresentava toda uma atenção nos estudos das crianças. Vejamos no artigo “*O Estudo da Criação*”:

O ESTUDO DA CRIANÇA

Em nossos dias, a maior preocupação do professor é o conhecimento do sujeito da educação. A criança não é mais considerada uma encantadora redução do adulto, como queria Malebranche. Do homem ela se distingue pela qualidade e quantidade dos elementos orgânicos e mentais. É um tipo especial à parte da humanidade. Mesmo entre si, os meninos se diferenciam, assim de corpo como de espírito, constituindo individualidades distintas. Antes do cultivo da inteligência, deve o mestre examinar, cuidadosamente, as forças físicas dos seus discípulos, protegendo-as e estimulando-as, de acordo com os princípios da higiene infantil [...]. Sua principal tarefa é desenvolver inteligências e formar caracteres.

Divorciados os dois meios educacionais – o lar e a escola – o trabalho do professor se tornaria quase improfícuo. Combinando uma mesma finalidade, precisam viver num como estado de simbiose moral. Diz Perez: o primeiro banco da escola são os joelhos das mães, porque ainda na puerícia recebem os meninos os primeiros ensinamentos, cuja influência, por vezes, se projecta através dos anos porvindouros. (*Era Nova*, Nº80, 1925, p. 17).

Todo esse cuidado para ensinar os “bons valores” às crianças era para que as mesmas não se corrompessem nem se inclinassem para as práticas profanas e perversas da vida, o que evidentemente seria um grande problema para o futuro da sociedade e do país. Entretanto, como podemos observar mediante afirmações aqui elencadas, e por meio desse artigo acima, essa educação consistia em dois mediadores: a mãe e o professor, o educador só conseguiria desenvolver a moralidade, os bons costumes e os valores nas crianças se as mesmas iniciassem essa aprendizagem no seio de seus lares, e da família, se caso tivessem maus exemplos dos seus genitores, obviamente que o tarefa do professor não seria concretizada, por isso a importância dos seus pais serem sujeitos comprometidos com a moral, a honra, os bons costumes; com o progresso da civilização. Tudo para desenvolver aqueles considerados como *esperanças da Pátria*, e que no futuro iam tornar-se adultos patrióticos, providos de moralidade, bons costumes e de educação.

Complementando o conjunto de Fotografias aqui colocadas, apresento a fotografia das crianças consideradas como a “*Esperança da Pátria*”, pela revista *Era Nova*:

Imagem 28 – A Esperança da Pátria



Fonte (Era Nova, Paraíba. 15/07/1925, nº 83)

Sem aprofundar o cenário e as crianças, para não sermos repetitivos, haja vista que, analisamos anteriormente esse modelo de fotografia, encontramos na *Imagem 28* a representação perfeita do modelo de infância que viriam a torna-se os adultos ideias para o projeto civilizador da nação Parahybana e brasileira, o qual era pensado por parte das autoridades e divulgado com frequência na *Era Nova*. Na busca pela construção dessa infância ideal, das crianças “perfeitas” essas revistas eram aliadas essenciais, percebemos que nas suas páginas eram divulgados discursos eugênicos, higienistas, educativos; e como artefato da modernidade, as mesmas divulgavam os novos ideais, costumes, valores, e comportamentos para a figura masculina, para a mulher-mãe, mulher-esposa, mulher-urbana, e para as crianças, se constituindo como um referencial para as práticas socioculturais e educativas, e pedagogização do corpo infantil e da sociedade Parahybana, se adequando as novas demandas da vida urbana do início do Século XX, a partir de seus anúncios publicitários, seus artigos de opinião e suas representações fotográficas.

Em suas páginas o que consiste é um determinado modelo de criança, de infância – meninos e meninas com corpos pedagogizados, vestindo e usufruindo dos símbolos da modernidade, o que era fotografado e publicado na *Era Nova* eram crianças providas de saúde, fortes, robustas e sobretudo brancas, essas representações provavam o quão esses *petyzes* eram

bem cuidados por seus genitores, pelas autoridades médicas e eugenistas, e pelo o Estado. Crianças essas que eram tidas como o a esperança da pátria, futuro da nação.

CAPÍTULO III – INFÂNCIAS DESVALIDAS: EXCLUSÃO SOCIAL, ESQUECIMENTO E ABANDONO

PARAHYBA DE HOJE



Encontramos no decorrer da pesquisa uma Parahyba do Norte inserida no processo de urbanização e modernização, passando por mudanças significativas para atender os sonhos do progresso e construir a “verdadeira civilização” e uma “Pátria Honrosa”. Passando por uma série de transformações que influenciaram na arquitetura da cidade, nos costumes, nos hábitos de higiene e no cotidiano dos cidadãos. Esse projeto tão desejado pela elite econômica local, autoridades políticas - médicas - jurídicas e por parte dos intelectuais Parahybanos fez com que a Parahyba do Norte passasse por uma verdadeira reestruturação física e de mentalidades, onde a infância passa a ser debatida, cuidada e protegida por esses cidadãos para que o projeto de Pátria fosse efetivado.

Vimos na *Era Nova* uma infância branca e rica, desfrutando dos símbolos da modernidade e do progresso, onde seus corpos eram espaços marcados de representações e simbolismos, um modelo de infância a qual era construída e preparada para comandar a nação brasileira. Percebemos assim uma intenção da *Era Nova* em construir um tipo ideal de infância, uma única representação dessa fase da vida dos *petyzes*. Logo analisando as páginas desse periódico indagações e dúvidas foram surgindo, seria impossível que só existisse crianças brancas e ricas na região Parahybana, conscientes do processo de miscigenação do povo brasileiro e que a Parahyba do Norte ainda era uma região com uma economia “tímida” proveniente de recursos agrários e que começou a desenvolver o setor industriário e comerciário a pouco tempo, uma grande parcela da população vivia na miséria esquecidos pelas autoridades públicas esses cidadãos mau tinham recursos para o básico de sua sobrevivência, quem dirá para desfrutar ou seguir as tendências da modernidade.

Havia um forjamento sobre a infância Parahybana nas páginas da *Era Nova*. Onde estavam os *petyzes* pobres, negros e abandonados? Essa representação de infância era praticamente “esquecida” nas páginas da revista. No decorrer da análise finalmente encontrei uma parte desses meninos e meninas que fugiam as regras do modelo de infância criado para a Pátria, nas publicações de instituições de abandono e caridade. Os únicos momentos que a *Era Nova* concedia voz para essas crianças era quando apresentava artigos sobre essas instituições existentes na época, ou para anunciar eventos de caridades realizados pela classe da elite do Estado.

A pobreza e o feio eram retirados de cena, dessa maneira crianças desnutridas, malcuidadas, pobres, anti-higiênicas, espaços primitivos e feios raramente eram mostrados a não ser para fazer um contraponto com a modernidade e a infância ideal, ou para apresentar a sociedade as medidas públicas tomadas para o cuidado dessas crianças através das Instituições de Abandono.

De acordo com Bertrand Lira,

A Era Nova [...] quando tratava fotograficamente a pobreza e seus espaços o fazia em pequena proporção em relação as imagens indiciárias de uma civilização moderna. Os bairros pobres, vistos como “primitivos” ou “pitorescos” (algo ultrapassado, indícios de uma ordem anterior, contraponto de uma nova ordem), aparecem associados aos espaços ainda não integrados ao processo de urbanização em marcha. [...] O pobre quando aparece é como puro acidente da paisagem. [...] A pobreza se faz presente na fotografia para contrastá-la com a modernidade em curso: para negá-la, remetendo a um passado que, se ainda persiste, é por simples contingência de uma situação que tende, em breve, a desaparecer. (LIRA, 1997, p.147-148).

O discurso modernizador engendrado pelas elites políticas e econômicas da cidade não permitia a continuidade do “feio e da pobreza” na Parahyba do Norte, se a estrutura arquitetônica da cidade pouco a pouco ia sendo reestruturada e modernizada, obras símbolos de progresso eram construídas dando forma ao projeto de nação modernizadora, e um modelo de infância ideal já havia sido criado, o que restava então a ser feito? E é justamente o próprio Bertrand Lira que nos afirma na citação acima: desaparecer com tudo aquilo que contrasta com a modernidade. Ou seja, com aqueles *petyzes* (pobres, negros e anti-higiênicos) que “maculavam” com o projeto de pátria brasileira, era fundamental o surgimento de medidas jurídicas e médicas para solucionar o problema de crianças abandonadas, pedintes e marginais nas ruas da cidade, as mesmas impendiam a “veracidade” do discurso de modernidade, para além disso, os mesmos impossibilitavam o desenvolvimento da nação moderna e progressista que se desejava construir no Brasil, e aqui particularmente na Parahyba do Norte nas primeiras décadas do século XX, esses *petyzes* constituíam outra forma de infância.

Destaco o uso do termo “infâncias” colocado no plural aqui no presente capítulo, para atribuir sentido a um outro modelo de infância Parahybana, a infância abandonada, pobre, esquecida e desvalida. No Brasil, com a Proclamação da República o que se esperava era um governo democrático direcionado para dar garantias a todos os indivíduos, o novo século anunciava uma nova nação cheio de esperanças e modernidade, desejos pelo bem-estar e por uma vida digna, um período histórico onde crianças e adultos conquistaram direitos, mas sofreram e experimentaram muitas crueldades.

Veio um século no qual muitas crianças e jovens experimentaram crueldades inimagináveis. Crueldades geradas no próprio núcleo familiar, nas escolas, nas fábricas e escritórios, nos confrontos entre gangues, nos internatos ou nas ruas entre traficantes e policiais. A dureza da vida levou os pais a abandonarem cada vez mais os filhos e com isso surgiu uma nova ordem de prioridades no atendimento social que ultrapassou o nível da filantropia privada e seus orfanatos, para elevá-la as dimensões de problema de Estado com políticas sociais e legislação específicas. (DEL PRIORI, 2010, p.420).

Sobreviver no Brasil sempre foi e continua sendo uma tarefa difícil para grande parte da população, aqui vamos nos referirmos as crianças, tanto no Império como na República esses *petyzes* encontraram inúmeras dificuldades para conseguir sobreviver, quando abandonados encontravam todas as mazelas das ruas, aqueles que eram recolhidos para as casas de caridade vivenciavam as dificuldades do esquecimento, a maioria eram vistos apenas como números e futuramente força de trabalho nesses orfanatos, outros que continuavam no seio de seus lares e de sua família enfrentavam as dores da fome, das doenças e da miséria. Sabemos que o conceito de Infância não é estático ou inalterado, o mesmo se transforma de acordo com o tempo histórico, o lugar, o social e cultural no qual encontra-se inserido, a vida dos *petyzes* passa por mudanças, e nesse processo de mudanças se encontra presente o abandono e os métodos de internações dessas crianças, por séculos abandonadas nas rodas dos expostos e posteriormente “esquecidas” nas Instituições públicas ou privadas.

Remeter ao processo de abandono das crianças brasileiras é dialogarmos com a roda dos expostos, esse mecanismo que por muitos anos serviu como forma de recolhimento para aqueles que foram abandonados, a roda dos expostos³⁴ foi inventada na Europa medieval por volta do Século XII, elas surgiram com a aparição das confrarias de caridade e logo se espalharam por vários países do continente europeu e mundo afora. Essa tradição europeia passou para o Brasil quando, no Século XVIII, se reivindicou à Coroa Portuguesa a instalação da primeira roda dos expostos em terras brasileiras. Veremos a partir do Século XVIII que autoridades de várias regiões passaram a solicitar a instalação da roda dos enjeitados, alarmados com o grande número de abandonos pelas ruas da cidade, era o início de uma nova fase na história da infância brasileira, onde por muito tempo foi a roda dos expostos a única assistência para essas crianças abandonadas.

A roda de expostos foi uma das instituições brasileiras de mais longa vida, sobrevivendo aos três grandes regimes de nossa História. Criada na Colônia, perpassou e multiplicou-se no período imperial, conseguiu manter-se durante a República e só foi extinta definitivamente na recente década de 1950! Sendo o Brasil o último país a abolir a chaga da escravidão, foi ele igualmente o último a acabar com o triste sistema da roda dos enjeitados. (MARCILIO, 2001, p. 53).

A roda dos enjeitados revelavam as dificuldades de muitas famílias para garantir a sobrevivência dos seus filhos, famílias que viviam na miséria e esquecidas pelo governo

³⁴ O nome da roda provém do dispositivo onde se colocavam os bebês que se queriam abandonar. Sua forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória, era fixada no muro ou na janela da instituição. No tabuleiro inferior e em sua abertura externa, o expositor depositava a criancinha que enjeitava. A seguir, ele girava a roda e a criança já estava do outro lado do muro. Puxava-se uma cordinha com uma sineta, para avisar a vigilante ou rodeira que um bebê acabava de ser abandonado e o expositor furtivamente retirava-se do local, sem ser identificado. (MARCILIO, 2001, p. 57).

republicano, crianças órfãs de mãe ou de pais, entretanto, nessas rodas não eram abandonados apenas os filhos dos pobres, mas também os filhos das elites locais que por algum motivo desonravam ou desestruturavam a coesão do grupo familiar, como meninos e meninas frutos de uma traição, deficientes, ou gerados antes ou fora do casamento, ou seja, os ilegítimos, na grande maioria os filhos indesejados eram abandonados nas rodas, sobre esse ponto a obra *Fidalgos e filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*, do historiador Wood Russel nos apresenta importantes considerações sobre o abandono de determinadas crianças nas rodas dos expostos, vejamos:

A criança ilegítima nem sempre era produto de pais de classe baixa, e nem a mulher era sempre de cor.[...] A honra das moças brancas tinha de ser preservada a qualquer custo. O estigma de desonra ligado à mãe solteira era infinitamente mais forte do que o estigma de ilegitimidade que o filho teria de suportar. Se as ameaças paternas e os “remédios” de ervas não dessem resultados, o nascimento da criança era mantido em segredo. Os registros de enjeitados contêm numerosos casos de crianças brancas deixadas na roda. (RUSSEL, 1981, p.245)

Podemos observar inúmeras preocupações em torno da figura feminina e do grupo familiar que a mesma pertencia, tudo era válido nesse período para que a honra e a dignidade da família não fosse manchada, o filho ilegítimo nessa sociedade era um fardo demasiadamente pesado para ser carregado principalmente para aquelas famílias que se encontravam bem posicionadas socialmente, havia uma pressão social muito forte para o cumprimento das condutas morais, esse fardo que era o filho ilegítimo impedia o “[...] arranjo do casamento” de sua mãe, e sabemos que o casamento arranjado agregava uma soma de interesses entre ambas as famílias dos noivos, mesmo com o surgimento dos ideais higiênicos, com o processo de modernização o filho ilegítimo era motivo de desonra e de vergonha familiar, continuando a ser abandonado nas rodas dos expostos e posteriormente nas instituições de caridade e recolhimento, mediante tais mentalidades a roda dos enjeitados surgiu como uma “*chave perfeita*” para esconder as desonras que os filhos indesejados causavam socialmente, tudo isso porque ela proporcionava o anonimato dos expositores.

Esse mecanismo servia tanto para o abandono da criança como para manter o anonimato do expositor, toda sua estrutura fora pensada e criada para garantir que o expositor não fosse descoberto, esse anonimato era fundamental no processo de abandono do recém-nascido nesse período, o mesmo servia para estimular o expositor a não abandonar a criança nas ruas, no lixo, nas florestas, na porta da Igreja ou na porta de casas de família, como era o costume, agora todos aqueles que não pudessem ou não quisessem criar seus filhos, teriam a opção de abandoná-lo na roda dos expostos, anteriormente essas *criancinhas* quando deixadas nas ruas morriam de fome, frio ou devoradas por animais, no Brasil havia um grande número de

abandono de crianças pelas ruas ou nas matas o que resultava em uma alta taxa de mortalidade infantil, mas com o surgimento das rodas dos enjeitados esses meninos e meninas passaram a ser encontrados e recolhidos por almas caridosas nas Santas Casas de Misericórdia, livrando-os da morte, muitas vezes por culpa dos seus próprios pais.

O encargo com os expostos era uma tarefa árdua, pesada e complicada para as Santas Casas de Misericórdia, principalmente, no que se refere ao financeiro, o grande número de abandonados requeria grandes quantias de dinheiro, entretanto, esses abrigos eram frequentemente ajudados por uma parcela da população, homens preocupados com a salvação de suas almas, muitos deles destinavam uma parte de seus bens materiais para as Casas de Caridade para ajudar na criação daqueles *petyzes*, interessante que essa prática de “salvação” persistira durante todo o período colonial, mas ela não vai deixar de existir com a instauração da República, na verdade ela se modifica e veremos a seguir que ao invés de fazer doações nos seus testamentos para esses espaços de caridades, parte da população rica vai promover e divulgar eventos de caridade voltados para o criação e o desenvolvimento dessa *Infância Esquecida e Abandonada*, por intermédio principalmente dos meios de comunicação e na Parahyba do Norte por meio do quinzenal *Era Nova*.

Na cidade de Salvador foi aberta a primeira roda dos enjeitados, no ano de 1726, o objetivo dessa roda como nos informa Maria Marcilio era de:

[...] evitar-se o horror a desumanidade que até então praticavam com alguns recém-nascidos, as ingratas e desamorosas mães, desassistindo-os de si, e considerando-as a expor as crianças em vários lugares imundos com a sombra da noite, e de quando amanhecia o dia se achavam mortas, e algumas devoradas pelos cães e outros animais, com lastimoso sentimento de piedade católica, por se perderem aquelas almas pela falta do Sacramento do batismo”. (MARCILIO, 2001, p. 60).

Esse mesmo horror mencionado sobre o abandono das crianças na cidade de Salvador/BA era compartilhado por autoridades de outras localidades como Rio de Janeiro e Recife que clamavam pela instalação da roda dos enjeitados em suas respectivas regiões, essas duas regiões juntamente com Salvador serão os únicos lugares durante o período colonial brasileiro que conseguiram ter a instalação da roda, Rio de Janeiro em 1738 e Recife em finais do século XVIII. O número de abandono era alarmante e preocupante segundo fontes documentais³⁵ de 1738 quando foi implantada a roda no Rio de Janeiro até o ano de 1821, a roda dos enjeitados recebeu 8.713 crianças, ressalvo que para compreendermos esse número tão expressivo de abandono infantil é necessário enveredarmos pelo campo social - cultural - econômico e, sobretudo, das mentalidades da sociedade em questão, esse número não é

³⁵ Aprofundar em ZARUR, Dahas. Educandário Romão Mattos Duarte. 3º ed. Rio de Janeiro, 1992. P.9

resultado de apenas um fato, e sim de vários fatores os quais não iremos abarcar na presente pesquisa, um dado para ser estudado em pesquisas futuras, o que pretendo apresentar é que a história da Infância traz consigo inúmeros campos a serem estudados e analisados, estudar esses *petyzes* é mergulharmos em sorrisos e alegrias como nos mostra a revista *Era Nova*, mas também em lágrimas e tragédias escondidas muitas vezes.

Na Parahyba do Norte encontramos a Santa Casa da Misericórdia fundada pelo rico senhor de engenho Duarte Gomes da Silveira³⁶ em meados do século XVI, localizada na então Rua Direita, hoje chamada Rua Duque de Caxias, no centro histórico de João Pessoa, essa Casa da Misericórdia desde o princípio foi destinada não apenas aos ofícios religiosos como também aos cuidados dos enfermos, dos pobres, de prisioneiros pobres e dos órfãos. Com o surgimento da roda dos enjeitados era ela que ficou a cargo do cuidado daquelas crianças abandonadas, tornando-se sobretudo um espaço de assistência infantil, nela foi construído um espaço para que essas crianças fossem colocadas pelos seus expositores, um tanto quanto diferente do modelo tradicional da roda como colocado pela autora Maria Marcilio, mas que seguia a função de receber as crianças enjeitadas. Vejamos a seguir a fotografia desse espaço tão importante na historiografia paraibana:

³⁶ Duarte da Silveira foi administrador colonial e rico senhor de engenho luso-brasileiro da capitania da Paraíba no século XVI, responsável pela construção da Igreja da Misericórdia, construindo-a com seus próprios recursos financeiros, após sua morte seus restos mortais juntamente com os da sua esposa foram depositados na referida Igreja.

Imagem 29 – Santa Casa da Misericórdia



Fonte (Projeto Memória João Pessoa)

Encontramos uma obra com características de simplicidade, uma certa rusticidade na sua arquitetura, nada de grandes símbolos arquitetônicos, mas tão importante na história da Infância, na historiografia paraibana. Na *parte esquerda da Igreja da Misericórdia*³⁷ encontramos o elemento que por muitos anos fora usado para abandonar crianças, a roda dos expostos, a qual podemos vislumbrar na referida *Imagem 29* nela continua preservado esse marco da história, um rastro do passado que não nos permite mentir, que na Paraíba do Norte crianças eram expostas, abandonadas e esquecidas, um rastro que graças as autoridades de preservação do patrimônio histórico continua vivo, contribuindo para enriquecimento do nosso conhecimento histórico.

Segundo Luíza Oliveira (2014), inúmeras foram as crianças abandonadas na Parahyba do Norte, de acordo com os relatórios documentais da Santa Casa de Misericórdia apresentados pela mesma, percebemos que muitas crianças eram abandonadas na região, segundo essas

³⁷ Inscrita no livro de Belas Artes do IPHAN desde 25 de abril de 1938, nº 041, foi o primeiro monumento tombado na Capital. Situado na Avenida Duque de Caxias, o prédio passou por uma restauração promovida pela Oficina-Escola de João Pessoa em parceria com a cooperativa Bilateral Brasil/ Espanha e o Projeto de revitalização do Centro Histórico de João Pessoa.

fontes no ano de 1879 foram abandonados 42 crianças, tal acontecimento, para alguns estudiosos, pode ser compreendido como um reflexo da grande seca que acometeu o Nordeste e a Parahyba, onde milhares de retirantes se deslocaram para a Parahyba do Norte.

Todos os dados sobre essas crianças expostas eram registradas logo que abandonadas, de acordo com Maria Marcílio (2001), fazia-se um inventário de todos os eventuais pertences que trazia consigo, transcreviam eventuais bilhetes que foram deixados juntamente com o exposto, a cada criança reservava-se uma página do livro de registros, pois todas as eventualidades de sua vida seriam ali registradas, como datas da morte e as causas, saídas para as casas das amas-de-leite, ou prestação de serviços, até mesmo seu casamento. Toda essa documentação nos proporciona hoje pesquisarmos sobre o passado dessa infância que um dia foi abandonada e esquecida nessas Santas Casas. Mesmo essas referências não compondo o recorte temporal aqui elencado, acreditamos ser de grande relevância na pesquisa, para compreendermos o percurso da Infância Abandonada que estava em pleno desenvolvimento na capital paraibana.

A criança exposta na roda, ficava sob os cuidados da Santa Casa de Misericórdia, quando recolhida pela rodeira passava por uma espécie de normas, a primeira delas é que essa criança era imediatamente batizada, os altos índices de mortalidade infantil faziam com que a Igreja e a família apressasse essa cerimônia, os mesmo temiam que aqueles *petyzes* morressem pagãs, tal preocupação perdurou fortemente até as primeiras décadas do Século XX. No batismo buscava-se um nome para o abandonado, normalmente esses nomes eram extraídos de calendários dos santos da Igreja, personagens bíblicos, ou inspirados em nomes do Império Romano ou da Grécia Antiga, fato este que percebemos quando analisados os registros da Santa Casa da Misericórdia na Parahyba, nele encontramos crianças batizadas com nomes como: Alexandrino, José, Antônio; João, Maria, entre outros nomes. A prática do batismo foi e continua sendo um ritual importantíssimo na vida do ser humano, todos os nascidos deveriam ser batizados segundo a fé cristã, por isso aqueles *petyzes* abandonados logo eram submetidos a essa cerimônia, se houvesse alguma dúvida que a criança foi ou não batizada antes de ser deixada, a mesma seria batizada novamente.

O batismo é uma cerimônia secular, sejam elas pobres ou ricas, escravas ou filhas de escravos, brancas ou pretas, abandonadas ou órfãs, filhos legítimos ou ilegítimos, deficientes ou não, é indiscutível a preocupação e o desejo para a cerimônia do batizado desse *petyzes*. Esse cuidado estava relacionado ao pensamento que as crianças que morressem sem serem batizadas estavam impossibilitadas para sempre da visão de Deus, relegadas ao paganismo, sem possibilidade de purificação e condenados à morte eterna.

Logo buscava-se também uma ama de leite para o bebê recém-chegado, no período escravista eram na grande maioria escravas, entretanto, no pós escravidão essas amas vão ser mulheres na grande maioria extremamente pobres e solteiras, algumas poucas eram casadas, as mesmas recebiam uma determinada quantia de dinheiro para tal serviço. Muitas dessas crianças ficavam sob os cuidados dessas amas de leite, pois a Casa de Misericórdia não conseguia abrigar todos esses abandonados, em troca pagavam a essas mulheres uma espécie de salário. A vida dessas crianças expostas eram marcadas em sua grande maioria por dificuldades, melancolias e desesperanças, carregavam consigo o estigma de terem sido abandonados e viam uma sociedade regida sobre o prisma da exclusão, onde todos aqueles que não se adequavam às normas sociais eram excluídos e colocados a margem, essas pobres crianças eram tidas como um grande problema para o futuro, às quais corrompidas pelas indecências iam atrapalhar a vida urbana, social e cultural dos cidadãos, quando chegassem a fase adulta sem alguma profissão ou trabalho iam perambular pelas ruas das cidades cometendo crimes, pedindo esmolas ou se prostituindo, impedindo um projeto de nação que começava a ser desenvolvido no Brasil e na Parahyba do Norte.

Preocupadas com essa situação que se desenhava as rodas buscavam muitas vezes algumas famílias para ensinar um profissão para esses *petyzes*, como de ferreiros, pedreiros, marceneiros, tecelões entre outros, os meninos em alguns casos eram enviados para Companhia de Marinheiros (dentro de uma dura disciplina militar) ou para trabalhos agrícolas dependendo da região onde moravam, muitos desses meninos entravam robustos e bem nutridos nesses trabalhos e pouco a pouco começavam a definhar devido a pouca idade e as péssimas condições de trabalho e a má alimentação, fora os castigos físicos que muitos eram submetidos. No que se refere às meninas, a maioria eram enviadas para casas de famílias como empregadas domésticas, em troca de moradia e alimentação, a elas era destinada uma preocupação maior por parte da Santa Casa da Misericórdia devido a preservação da honra e da castidade, sabemos que para essas futuras mulheres já seria complicado conseguir um bom casamento dado as suas condições financeiras e seria bem pior se as mesmas estivessem desonradas, não fossem mais virgens. Meninos e meninas precisavam adquirir o hábito ao trabalho para tornarem-se úteis a si, à sociedade e ao Estado.

As casas da misericórdia passaram por inúmeras dificuldades para manter seu caráter assistencialistas, sobrecarregadas de crianças abandonadas as mesmas não conseguia tratar todos com a devida atenção que precisavam, esses espaços muitas vezes eram negligenciados pelo Estado não concedendo meios para o desenvolvimento físico e intelectual dos expostos, muitos deles tinham instalações antigas e precárias concedendo zero conforto para os que ali

residiam, outro grande problema era a falta de profissionais preparados e aptos para lidar com essas crianças, o serviço educacional ofertado nas santas casas eram mínimos, vários eram os casos de meninos e meninas que saíam delas sem saber ler e escrever, a pouca educação ofertada ainda seguia os moldes da educação jesuíta pautada na moralidade e nos valores cristãos, criando e formando crianças alheias ao mundo, aos processo de evolução e ao próprio contexto histórico que estão inseridas, principalmente porque o sistema da roda dos expostos sobreviveu durante aos três períodos da história brasileira: colonial, imperial e republicano. As rodas dos expostos foram muito poucas, em questão de quantidade, insuficientes para atender à grande demanda da época, vimos que durante muitas décadas só existiam três rodas no Brasil, centralizadas em regiões urbanas, o tardamente para a criação desses espaços agravou bastante a vida das crianças órfãs e abandonadas.

Todos esses problemas enfrentados pelas santas casas da misericórdia vão se transformar em sérias críticas em torno de como cuidavam e desenvolviam os enjeitados, esses espaços assistencialistas e caridosos vão ser alvos de autoridades jurídicas, médicas, políticas e intelectuais da sociedade como ambientes que não contribuem para o pleno desenvolvimento das crianças e que não contribuía integralmente para o projeto de nação civilizada e modernizada tendo a criança como elemento primordial para conseguir tal projeto. Ainda em meados do Século XIX chega ao Brasil a influência da filosofia das luzes, o iluminismo, a medicina higienista, o liberalismo; novas maneiras de exercer a caridade e a solidariedade para os mais pobres, abandonados, órfãos e desvalidos, eram as novas formas de filantropia brasileira.

É ainda no Século XIX que começou uma forte campanha para a abolição da roda dos expostos, seguindo os rumos e a influência da Europa, esse mecanismo passou a ser considerado imoral e contra os interesses do Estado. Aqui no Brasil o movimento de extinção das rodas partiu inicialmente dos médicos higienistas, perplexos com os elevados índices de mortalidade infantil dentro das casas dos expostos, um grande problema para o Estado, afinal seria impossível haver uma civilização moderna se as taxas de mortalidade fossem altas, vimos que uma nação civilizada, moderna e progressista significava em grosso modo crianças saudáveis, higiênicas, educadas e prontas para contribuir com o desenvolvimento da pátria, crianças mortas mesmo que fossem pobres, órfãos ou abandonadas significava uma mancha para o país. Higienistas e eugenistas se uniram nesse movimento de extinção da roda como uma forma de melhoria da raça humana, segundo eles a maneira como esses *petyzes* viviam e desenvolviam nesses ambientes impediriam a evolução da raça humana. Outras autoridades que aderiram a esse movimento foram os juristas que começaram a criar e impor novas leis para proteger a

criança órfã e abandonada, e para corrigir a questão social que começava a ser motivo de grande preocupação e temor da sociedade brasileira: a criança, futuro adolescente e adultos infratores.

As ruas das cidades que até então estavam em pleno processo de modernização e urbanização nas primeiras décadas do Século XX vão ser “manchadas” pela presença dessas meninas e meninos que a luz do dia cometia pequenos furtos e praticavam a mendicância, trabalhavam como engraxastes de sapato, à noite muitas garotas vendiam seus corpos para conseguir se alimentar, era necessário solucionar esse problema. O embelezamento da cidade seria corrompido por esses “enjeitados”, as ruas eram para serem frequentadas por cidadãos e grupos familiares, nelas as crianças iriam passear acompanhadas de seus genitores, desfrutando dos bens que a modernidade proporcionava, o que era para ser visto nas cidades modernas eram *petyzes* segurando brinquedos ou brincando com seus automóveis modernos nas inúmeras praças da cidade, e não meninos com instrumentos para engraxar sapatos.

A imagem da cidade “manchada” pela presença de crianças órfãs, pedintes ou abandonadas nas ruas da Parahyba do Norte é uma realidade que não se faz presente nas páginas da *Era Nova*, o que vimos até aqui são ruas modernas e higienizadas, cidadãos desfrutando de espaços públicos e comerciais, o que era feio não era captado pelas lentes dos fotógrafos, reafirmo o conceito de Barthes sobre o *filtro cultural* que a fotografia perpassa, esse registro imagético se relaciona com o contexto histórico do momento do click, com as próprias intenções do solicitante, e com os leitores que irão recepcionar essa fotografia, vemos nesse quinquenal um corpus de fotografia que constrói um retrato de uma sociedade que se moderniza e urbaniza pela exclusão social, pelo afastamento daqueles que não se enquadrava com o novo modelo de sociedade, uma modernização que não condiz com a realidade dos cidadãos e da cidade.

Mesmo com todos os esforços por parte da sociedade para extinguir as rodas dos expostos, não foram suficientes. Muitas delas permaneceram vivas até a metade do Século XX mesmo com o surgimento de novas formas de assistencialismo público e privado, como nos afirma Maria Marcílio, “As rodas mais importantes sobreviveram até o século XX. A do Rio de Janeiro foi fechada em 1938, a de Porto Alegre em 1940, as de São Paulo e Salvador sobreviveram até a década de 1950” (MARCÍLIO, 2001, p. 68). Era o encerramento de um modelo assistencialista secular, um mecanismo essencialmente urbano que durante toda sua existência vimos sua dualidade, benéfica e maléfica para o desenvolvimento daqueles que ali foram expostos.

Os novos pensamentos, valores e virtudes, o processo de modernização e urbanização, as influências europeias e o projeto de nação que se desejava criar no país somou para um novo

contexto histórico brasileiro nas primeiras décadas do Século XX, para se conseguir alcançar objetivos-metas era necessário surgirem novos elementos e mudanças profundas na sociedade, veremos que é nesse momento de tantas rupturas que foram consolidadas as novas formas de assistencialismo, formas essas que já vinham sendo criadas nos países europeus e que apenas no Século XIX e, principalmente, no Século XX é que despontavam no Brasil. A partir dos anos de 1860 surgiram outros modelos de instituições de proteção à infância desamparada, como o Instituto dos Menores Artesões (1861) e o Asilo de Infância Desvalida (1882), ambos fundados no Estado do Rio de Janeiro. Outra medida foram as *colônias agrícolas orphanologicas*³⁸ criadas na Bahia, Ceará e Pernambuco, essas instituições foram criadas com o objetivo de receber crianças órfãs, abandonadas, desvalidas e libertas. Ordens religiosas fundaram orfanatos, asilos e hospitais por toda parte, como a Conferência de São Vicente de Paulo - cujo membros são denominados vicentinos. Orfanatos de iniciativa pública ou privada pouco a pouco foram sendo criados pelos estados brasileiros, como também policlínicas infantis.

Este fenômeno era o início da nova fase do assistencialismo filantrópico brasileiro, particular e pública que começou a imperar principalmente no Brasil Republicano, uma filantropia fundamentada na ciência e no progresso, para substituir o modelo de caridade, com a inserção de novos agentes cuidadores, agregadas à realidade histórica vigente, a ela foi atribuída a tarefa de organizar “a assistência dentro das novas exigências sociais, políticas, econômicas e morais, que nascem com o início do século XX no Brasil” (MARCÍLIO, 2001, p.78). Esses novos espaços de assistência aos desvalidos, pobres e abandonados foram constituídos inicialmente sob o prisma do movimento eugenistas, higiênico e jurídico, os quais passaram a delimitar as formas de atendimento – desenvolvimento e criação daquelas crianças que ali residiam, preocupados com a formação física e moral desses abandonados e órfãos ditavam regras e normas para o preparo desses futuros adultos. O ensinamento e a formação desses futuros cidadãos deveriam ser regidos pela disciplina, ordem e controle, só assim esses petyzes seriam úteis para si e para o Estado.

No decorrer da pesquisa percebemos o quão importante foi a atuação dos médicos higienistas no desenvolvimento dos centros urbanos e na formação dos cidadãos - iniciando

³⁸ Acolher órfãos desvalidos e os filhos libertos dos escravos para torná-los cidadãos pacíficos e moralizados úteis a si e à sua pátria, amestrando-os nos mais proveitosos conhecimentos das artes e indústrias e principalmente nos melhoramentos das artes e lavoura, pelo estudo theorico e pratico dos instrumentos e melhores processos do plantio, colheita e manufacturas dos productos agricolas e da fertilisação do sólo. PERNAMBUCO, Diretoria da Instrução Pública. Regulamento da Colônia Orphanologica Isabel de 1887. Recife, 1887. (Documentação avulsa-IP 46)

com foco integral no período infantil, o discurso médico-higienista para além do que já foi dito, também terá como alvo as crianças pobres, abandonadas e órfãos dentro e fora dos espaços de assistência. As cidades que se modernizavam com obras e costumes higiênicos como saneamento básico; reformas das casas para impedir propagação de doenças e diminuir a taxa de mortalidade infantil; também agora vão se modernizar com a construção de orfanatos – polyclínicas infantis para atender essas crianças desvalidas. E se as páginas da *Era Nova* omitiam a realidade das ruas - das crianças pobres e abandonadas, ela fazia questão de enaltecer as obras modernas que agora abrigariam esses *petyzes*, constituindo dessa maneira uma linha tênue entre a realidade e a omissão.

A Parahyba do Norte segue os padrões das novas formas de assistencialismo filantrópico, obras e medidas anunciadas pelos meios de comunicação, e aqui principalmente pela revista *Era Nova*. Foi criado na cidade o Instituto de Proteção e Assistência à Infância - (IPAI), uma filantropia científica focada para a assistência médica à infância pobre, órfã, abandonada e desvalida - a *Era Nova* fez questão de apresentar em suas folhas informações e enaltecimentos sobre esse Instituto. Vejamos a seguir:

Instituto de Proteção e Assistência à Infância

No próximo dia 3 de maio será eleita a nova diretoria do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, para o anno social de 1921 a 1922, realizando-se a posse no dia 13. O Instituto, mantido pelo auxilio público e subvenção do Estado, completa a nova tríade de instituições caritativas que estão prestando incalculáveis benefícios.

Fundado em fins de 1912, inaugurou sua primeira secção – a Polyclínica Infantil – em 7 de janeiro de 1913 e no ano passado instalou a maternidade, único abrigo existente nesta Parahyba aonde se podem recolher a indigente em véspera de ser mãe. [...] O Instituto conta um certo número de sócios abnegados, cheios de serviço, especialmente entre as associadas do departamento de damas protetoras; mas nos seja permitido destacar o nome do seu atual diretor o estimado facultativo e operoso prefeito desta capital, dr. Walfredo Guedes Pereira.

Aos seus esforços a associação se instalou, iniciou os trabalhos caritativos, desenvolveu-se, prosperou. Cheio daquela fé profunda, comum aos abnegados, ergueu-se contra a descrença, reagiu contra o pessimismo e venceu. Hoje o Instituto soma perto de oito mil matrículas, conta pharmacia, corpo médico e pessoal necessário à secretaria, ao aviamento de receitas, à enfermaria. Como a Santa Casa, como o Asylo de Mendicidade, é uma instituição de crédito firmado, utilíssima, que não pode mais extinguir-se. (ERA NOVA, N°03, 1921, p.15-16).

Este instituto surgiu na Parahyba do Norte com propósitos voltados para a criança e a mulher, como podemos perceber mediante a criação de uma *maternidade*; a *Polyclínica infantil* e apesar da citação não informar esse instituto também contava com a *Escola dos Menores Abandonados*, os cuidados com esses sujeitos estavam relacionados, principalmente, com o intuito de diminuir os alarmantes índices de mortalidade infantil. Para evitar esse mal vimos que era preciso destinar cuidados à criança antes mesmo do seu nascimento, é certo que as mulheres de classe média e alta da sociedade Parahybana podiam contar com todos os

benefícios que o dinheiro poderia pagar, as mesmas não precisavam trabalhar duro em fábricas ou em plantações, suas casas cada dia se adequavam às normas higiênicas impostas pelos médicos-higienistas, assim como sua alimentação seguia as regras médicas, essas mulheres, provavelmente, teriam uma gestação saudável e, conseqüentemente, seus filhos teriam uma grande chance de nascerem com saúde, reduzindo a taxa de mortalidade infantil.

E quanto às mulheres grávidas que eram pobres? Essas vão receber ajuda do próprio Instituto de Proteção e Assistência à Infância como o serviço de pré-natal, outro ponto importantíssimo é que este instituto realizava uma intensa campanha de higiene infantil junto a essas mães pobres e leigas, com indicações de como alimentar - banhar - medicar, entre outros cuidados com os filhos, uma espécie de cartilha como vimos anteriormente para as mães com condições financeiras, claro que com algumas medidas diferentes, afinal sabemos que essas mães pobres, muitas delas mães solteiras não gozavam de dinheiro para comprar alimentos recomendados como a farinha láctea ou o leite moça tanto anunciados e recomendados pelos médicos e as revistas, essas mães viviam com pouco, muitas delas com praticamente nada, uma vida de pobreza.

Para frear os abortos espontâneos e a mortalidade infantil no Estado, a *Era Nova* dedicava em suas páginas artigos com cuidados e críticas sobre essa preocupação, e um dos alvos dessas críticas eram os locais de trabalhos das mulheres pobres:

Entre as causas de assombrosa mortalidade [...] as mães que se dão aos duros trabalhos do campo e da agricultura, as penosas fadigas das fábricas e oficinas, como as que jazem em penúria extrema e devem assim, ir de pé, sem interrupção alguma, até o parto, ou não conduzem a bom termo os seus frutos ou nol-os dão sem aquela beleza, força e vigor que era de desejar (ERA NOVA, N°13, 1921, p.13).

As péssimas condições de trabalho impostas às mulheres pobres na Parahyba contribuíam fortemente para problemas gestacionais, entretanto, essas mulheres não tinham escolhas, se submetiam à precariedade e insegurança desses trabalhos para conseguir sobreviverem financeiramente, a maioria moças ainda com pouca idade e pouquíssima instrução, muitas delas oriundas de instituições de assistência. Essa realidade está relacionada ao contexto histórico vivenciado no Brasil entre o fim do Século XIX e às primeiras décadas do Século XX, marcado pelo fim do sistema escravocrata e da monarquia, bem como pelo processo de modernização, urbanização e industrialização das cidades brasileiras, provocando mudanças econômicas, sociais e culturais, migrações e imigrações internas, gerando um novo modelo populacional, todas essas transformações agregados a pobreza são parte dos motivos para a presença feminina e também infantil nos trabalhos fabris e rurais. A exploração do trabalho feminino era vista como um problema de saúde infantil e da mulher, toda essa

exploração unida com a precariedade dos locais de trabalho prejudicavam a saúde dos filhos gerados por essas mulheres, resultando em crianças não inseridas nos padrões de saúde, beleza, higiene e força tanto propagado e defendido pelos médicos higienistas, eugenistas e o Estado. Portanto, veremos todo um conjunto de críticas direta ou indiretamente baseada nos conceitos médicos proferidos, principalmente, pelo o instituto de proteção e assistência à infância a esses locais de trabalhos.

O Instituto de Proteção e Assistência à Infância gozava de grande prestígio e confiança na sociedade Parahybana e no quinzenal *Era Nova*, vejamos:

Não é muito consagrarmos mais estas páginas de nossa revista ao Instituto de Proteção e Assistência à Infância. Este é, com efeito, o mais belo padrão de glória que a alma christã da Parahyba Moderna erigiu a causa da civilização. Só agora nos lembrou desobrigar-nos para com a criança, reconhecendo seu valor efetivamente no mundo, a sua função social no futuro, reabilitando à vida e integrando-a na sociedade como elemento consciente e força apta. A Parahyba [...] mostrou-se digna e generosa com a infância desvalida. Graças a tenacidade e aos esforços de seus filhos ilustres, pode orgulhar-se de possuir hoje os seus institutos de proteção e assistência à infância – com suas três seções: a Polyclinica, a Maternidade e a Escola dos menores abandonados. Cada qual com sua função mais nobre e alevantada. (ERA NOVA, Nº13, 1921, p.13).

Vislumbramos nesses dizeres toda uma série de elogios e agradecimentos aqueles que contribuíam para o desenvolvimento deste instituto, um discurso de enaltecimento à Parahyba do Norte para com a infância abandonada levando os leitores a pensar numa espécie de “perfeição” com essas pobres crianças, vimos anteriormente na *Era Nova* uma criação de cidade moderna e infância ideal para o futuro da Pátria, e agora estamos vendo a construção de uma sociedade e um Estado que se “preocupava” “nutria” sentimentos pelos abandonados, praticando inúmeras medidas caritativas, uma região se modernizando e urbanizando também para o cuidado dessas crianças, mas até que ponto isso de fato era verdade? É um questionamento bastante pertinente que se faz presente ao analisarmos essa revista e seus discursos e que buscaremos no decorrer dessa pesquisa esmiuçá-lo.

Encontramos na *Era Nova* todo um discurso escrito e imagético para com o cuidado das mulheres e da infância, como para noticiar a existência da maternidade do Instituto de Assistência, para aquelas pobres mulheres gestantes que não possuíam recursos, sem proteção e sem lar.

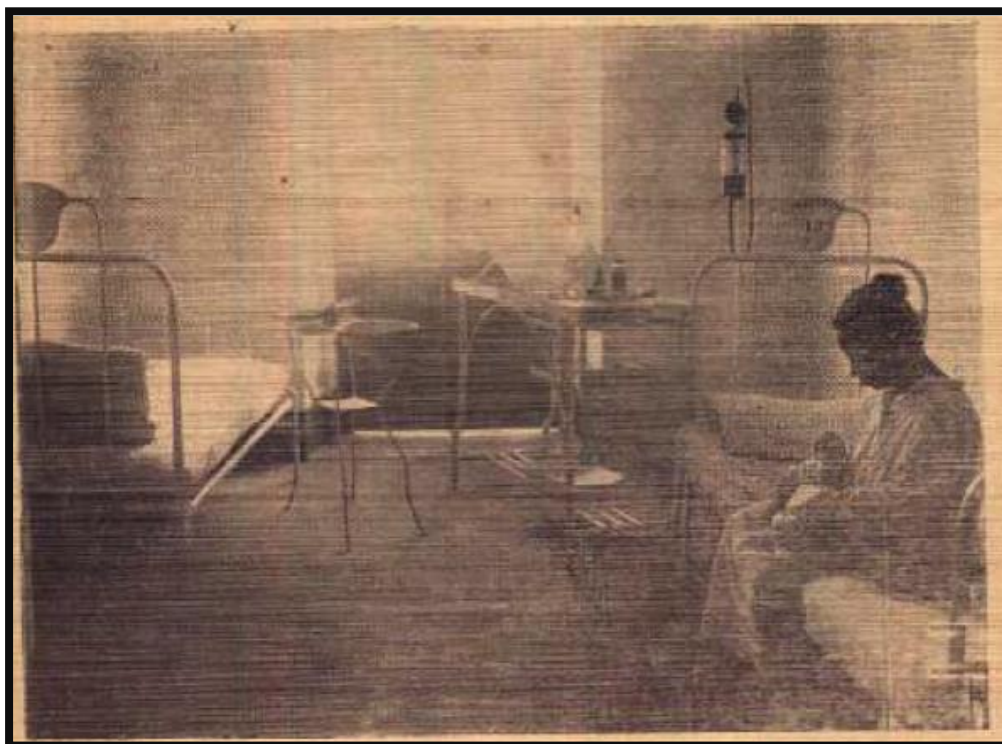
A MATERNIDADE, que representa um importantíssimo departamento do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, completou quinze dias, o primeiro aniversário de sua fundação. [...] De todos os serviços compreendidos no vasto domínio da assistência pública, nenhum se avanta, pelos seus efeitos de ordem moral e social, a esse, prestado à mulher gestante, quando sem recursos, sem proteção e sem lar. É preciso que se conheça da desgraçada situação de muitas dessas infelizes, para se

avaliar do grau de felicidade que lhes raiou naquele dia memorável de 1º de agosto de 1920. (ERA NOVA, N°10, 1921, p.14).

A *Era Nova* fez questão de apresentar um artigo sobre a fundação desse espaço tão importante para a sociedade e como ele próprio nos informa para as mulheres que viviam em situações miseráveis. Essas mulheres recebiam toda atenção e cuidado apropriado durante o período gestacional (pré-natal) e pós-parto, essas mulheres passavam por uma bateria de avaliações e exames para identificar detectar/prever problemas de saúde tanto nelas como nas crianças, por exemplo, a sífilis doença com altos índices nesse período e que preocupava seriamente os médicos principalmente por transmitir de mãe para filho durante a gestão ou no parto, mesmo com o nascimento dos *petyzes* o cuidado da maternidade com eles continuavam sobretudo porque os médicos afirmavam que os primeiros três meses das crianças eram fundamentais para sua sobrevivência, por isso a maternidade avaliava com certa frequência o desenvolvimento daquele recém-nascido. Todos esses cuidados estavam relacionados com a busca pela redução das taxas de mortalidade infantil e geração de crianças saudáveis, pois são pontos como esses que refletem as condições socioculturais, econômicas, políticas e ambientais de uma região e da nação.

Vejamos a seguir fotografias desse espaço tão importante para a Parahyba do Norte e para o projeto de civilização criado no início do século XX:

Imagem 30 – Gabinete de Operação da Maternidade



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 01/10/1921, nº 13)

Imagem 31 – Um dos dormitórios da Maternidade



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 01/10/1921, nº 13)

Encontramos em ambas as fotografias dormitórios da maternidade pertencente ao Instituto de Proteção e Assistência à Infância, um espaço amplo para o cuidado e acolhimento daquelas mulheres e suas crianças, como podemos observar mediante a *Imagem 30*, além disso, nela vislumbramos um recém-nascido nos braços de sua genitora, as *mamães* e seus *filhinhos* recebiam todos os cuidados necessários pós-parto, toda uma estrutura era pensada e montada para recebê-los e cuidá-los, uma maternidade realmente integrada ao projeto de desenvolvimento da infância e diminuição da mortalidade infantil na Parahyba do Norte. Escrutando as imagens como nos diz Barthes, encontramos na *Imagem 31* um detalhe bastante importante, vejamos na parede do dormitório o que está escrito: “*A MÃE QUE NÃO AMAMENTA SEU FILHO NA [.....] É MEIO MÃE*”, mesmo um pouco rasurada conseguimos ler uma parte da frase, infelizmente a outra não ficou explícita na fotografia, entretanto, as nossas leituras e o conhecimento histórico sobre esse momento da tomada fotográfica nos ajudam a compreendermos essa frase.

Essas palavras impressas na parede da maternidade constituem uma parte do projeto de estímulo ao aleitamento materno muito característico dos discursos médicos higienistas e eugenistas que tinham como objetivo fortalecer o organismo dos bebês através do aleitamento materno, a partir disso a frase começa a fazer sentido para nós - a mesma estimula o aleitamento e crítica as mães que não amamentavam seus filhos. Falar sobre o aleitamento materno nas primeiras décadas do Século XX no Brasil, e aqui na Parahyba do Norte, é falarmos sobre uma prática cultural, é compreendermos as representações socioculturais criadas para a figura feminina, é enveredarmos em um campo de discurso, disciplina e de poderes ao redor das mulheres. Nesse recorte temporal o que temos agora é a mãe - higiênica, vimos no primeiro momento que os discursos higienistas acompanhando o processo de modernização e urbanização das cidades, retiraram as mulheres do confinamento de seus lares, liberando-as para o convívio social e o consumo, e foram esses discursos que criaram hábitos e costumes para essas mulheres como a prática ao aleitamento materno.

Nesse ideário de maternidade os discursos médicos vão criticar duramente as mães que não amamentavam seus *petyzes*, tanto a mãe pobre como a mãe da elite, o não aleitamento por parte da mãe biológica era uma prática até então frequente na sociedade brasileira, principalmente, durante o período escravista, onde muitas mulheres entregavam a amamentação de seus filhos para as escravas da própria família ou em outros momentos alugavam-nas, as quais ficaram conhecidas como *amas de leite*. As mães brasileiras usavam como motivos para o não aleitamento “insuficiência do leite”, “deformação dos seios”, algumas afirmavam que o seu “leite era fraco ou aguado”, outras mães pertencentes às classes pobres alegavam “o

trabalho”. Entretanto de acordo com os higienistas, todos esses motivos não eram suficientes para o não aleitamento, afirmando que os filhos da elite só caíam nos seios das escravas relapsas, viciadas, indolentes; preguiçosas, sujas, entre outras acusações, porque suas mães recusavam-se a amamentá-las para desfrutarem de momentos mundanos, para esses médicos as amas de leite eram parte das mais baixas camadas sociais e mesmo rigorosamente analisadas antes de iniciar o aleitamento, elas eram um perigo para o desenvolvimento e o bem-estar das crianças podendo transmitir doenças contagiosas para os bebês, além disso, alegavam que pelo leite materno era possível transmitir comportamentos imorais e vícios, ou seja, aquela ama de leite negra, pertencente à classe pobre e com o seu sangue impuro iria “*prejudicar e impedir*” o bom desenvolvimento da vida daquele recém-nascido, importante ressaltarmos que esse discurso estava em sintonia com os pressupostos eugenistas.

Mesmo com a ruptura do sistema de escravidão, muitas mães brasileiras continuaram entregando a amamentação de seus filhos a outras mulheres, entretanto, naquele momento, por motivos diferentes, com o processo de modernização e urbanização os discursos médicos acusavam as mulheres de preferirem se adequar aos novos hábitos e costumes modernos, como saírem a noite para dançar nos clubes, bailes e tantos outros divertimentos, bebendo, fumando e mal alimentadas, essas mulheres se entregavam a uma vida anti-higiênica gastando todas suas energias ficando sem forças para amamentar futuramente seus filhos.

Cientes dos problemas que o não aleitamento materno podia causar nas crianças, os médicos higienistas e eugenistas vão culpabilizar as mulheres por todos os males acometidos nas crianças, a “*culpabilização da mulher*” foi um importantíssimo aliado dessas autoridades nesse momento, sem o leite materno ou entregues a outras mulheres para serem amamentados, as crianças teriam grandes chances de adoecerem e até mesmo morrerem, contribuindo para o aumento da mortalidade infantil, as mães que, por alguma razão, recusasse a tarefa sublime de amamentar seus petyzes eram apontadas como mulheres sem sentimentos, mundanas, sem preocupação com o seio familiar e com a nação. “Sem amamentação, diziam os higienistas, não havia amor. A mãe que não amamentava era uma mãe desnaturada, comparável às feras”. (FREIRE, 1989, p. 258). Era necessário criar todo um sentimento de culpabilização na figura feminina, para além do que já lhe foi acusado, aquela que não amamentava ainda era acusada de provocar a desunião e dissolver a estrutura familiar, provocando nos dizeres médicos, como nos informa Freire o “[...] afrouxamento dos laços familiares, dos laços que prendem pais aos filhos, e vice-versa, esposo à esposa, e vice-versa, e, enfim, irmãos uns aos outros”. (FREIRE, 1989, p. 261). Estes discursos buscavam incutir nas mulheres a responsabilidade pela unidade familiar, revelando sua função essencial à vida das crianças, aquelas que eram o futuro da Pátria.

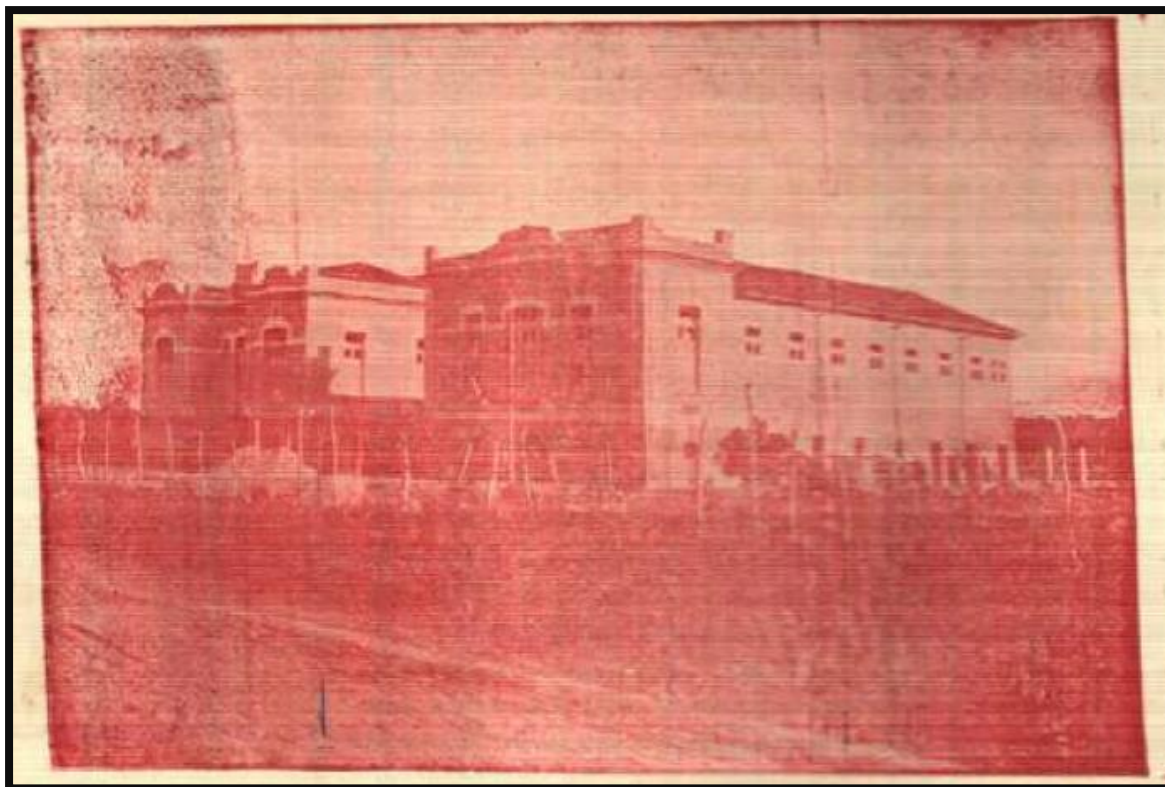
O processo de aleitamento ia muito além da prática de amamentar e cuidar das crianças, autoridades médicas e o Estado buscaram nesses discursos regular as condutas, a sexualidade das mulheres, colocando restrições durante a fase de amamentação, alguns higienistas radicais defendiam que as relações sexuais deveriam ser banidas durante todo o período de amamentação, outros menos radicais falavam para o casal terem o menor número possível de relações sexuais, embora conscientes que o sexo não prejudicava o leite materno, eles afirmavam que novos filhos poderiam ser gerados o que ia atrapalhar e causar problemas para o aleitamento do recém-nascido. Vejamos a importância de aprofundarmos *nossos olhares* pelo campo das práticas culturais, um ato simbólico pensado por muitos como meramente um gesto de cuidado ao filho traz consigo tantas informações, apresentando as mentalidades de uma sociedade. Todos esses discursos higienistas e eugenistas foram fundamentais para a “construção” de um modelo de mulher, esposa e mãe ideal das primeiras décadas do século XX, modelo esse que foi tão divulgado e defendido nos meios de comunicação, como na revista *Era Nova*, a própria *Imagem 31* é um resquício documental sobre esse padrão de mulher desejado, nela vemos claramente uma crítica aquelas mulheres que não dão a seus filhos o leite materno, afirmando que não são mães por completo e sim “*meio mãe*”.

O discurso sobre a amamentação era destinado para todas as mulheres da sociedade, não importando sua classe social, afinal a tarefa sublime de ser mãe ia além das fronteiras sociais, culturais e econômicas, autoridades médicas e o Estado ansiavam por crianças robustas, saudáveis e higiênicas para contribuírem no progresso do país, e o leite materno era um dos elementos que iria conceder as crianças a força e a vitalidade para concretizar tal projeto, os *petyzes* pobres eram peças importantíssimas nesse projeto, sendo destinadas a eles as tarefas árduas, braçais e consideradas inferiores, dando continuidade a uma sociedade estruturada sob a ótica do colonialismo, ou seja, os pobres eram criados e disciplinados para servirem e obedecerem aos ricos, para isso era necessário impedir que essas crianças viesse a óbito.

O ideário da maternidade foi fundamental no desenvolvimento da infância do recorte temporal aqui trabalhado, toda a busca pela construção de uma infância ideal alinhada ao progresso e o desenvolvimento fez com que surgisse uma rede de proteção e cuidados a esses *petyzes*, aqui na Parahyba do Norte o Instituto de Assistência e Proteção à Infância da Parahyba formará uma tríade assistencialista com: maternidade, Escola dos Menores Abandonados e a Polyclínica infantil, todos esses espaços foram essenciais para essa infância desvalida, pobre e abandonada. Com a reestruturação acerca das práticas e dos espaços assistencialistas, veremos que as ruas Parahybanas também eram “modernizadas” com a presença de edifícios opulentos

para o cuidado das crianças, os quais a *Era Nova* fazia questão de nos apresentar tanto em forma imagética como escrito. Vejamos a seguir:

Imagem 32 – Edifício da Polyclínica Infantil



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 01/05/1921, nº 03)

A Polyclínica da Parahyba foi fundada em 1 de novembro de 1912, inaugurando sua primeira seção em 7 de janeiro de 1913, esse espaço tinha como finalidade atender e amparar a infância pobre, abandonada, órfã e desvalida da cidade. Essa polyclínica atendia diariamente dezenas de meninos e meninas, na faixa de idade de até (10 *dez anos*), fornecendo-lhes inúmeros serviços como consultas médicas e muitas vezes medicamentos para curar suas enfermidades, como a *Era Nova* nos informa: “[...] Ociosos seria referir o que a Polyclínica tem, pelas crianças pobres, feito ininterruptamente durante oito anos, fornecendo-lhes gratuitamente conselhos, remédios e não raras vezes, brinquedos e roupas”. (ERA NOVA, Nº03, 1921, p. 15). Podemos observar mediante a *Imagem 32* a grandiosidade desse edifício tão importante no amparo das crianças, apesar da mesma se encontrar um pouco apagada, ainda conseguimos ver um prédio espaçoso dividido em duas partes levando-nos a compreender que essa polyclínica, de fato, atendia uma grande quantidade de crianças, além disso, encontramos nesse registro fotográfico uma enorme quantidade de janelas no prédio, toda essa abundância de janelas está alinhada ao projeto de modernização dos lares e dos edifícios, com o intuito de criar ambientes salubres para o bom desenvolvimento do ser humano.

A polyclínica Parahybana realizava um grande serviço com esses petyzes, tanto na questão de saúde, no seu bom desenvolvimento para o futuro da nação, como também em doações de roupas e brinquedos para as crianças desvalidas e abandonadas da sociedade. Novas maneiras caritativas surgem nesse período, juntamente com a filantropia e o assistencialismo, anteriormente vimos que homens afortunados faziam grandes doações ou deixavam parte de seus bens destinados às Santas Casas de misericórdia para as crianças expostas, tão importante quanto a fé do ser humano, a caridade era a base da misericórdia por ela era permitida a salvação da alma, além disso, essas formas caritativas contribuíam para o engrandecimento dos sujeitos perante a sociedade. Mas se a sociedade cada dia é reestruturada, a aquisição de novos hábitos e costumes, essa forma de caridade logicamente não continuaria tão presente, o que veremos, sobretudo, nas primeiras décadas do Século XX e o surgimento de eventos de caridade, essa nova conduta de se fazer caridade será amplamente divulgada nas páginas dos jornais brasileiros, e sendo a *Era Nova* um quinzenal moderno que buscava caminhar junto com o progresso e os novos costumes essa forma de fazer caridade não ficará de fora de suas páginas, vejamos:

Constituiu nota chic na semana última o festival de caridade promovido pelas “Damas Protetoras”, em benefício do Instituto de Proteção e Assistência à Infância. Em a noite de 21 do expirante o Santa Rosa, não obstante as chuvas torrenciais, encheu-se de famílias distintas e cavalheiros que foram assistir à função. Esta constou de dois atos de variedades da fantasia dramática “Serão Sertanejo” e da revista-jornal “A Camélia” ambas da pena do nosso colaborador Coriolano Medeiros, música original do capitão Camillo Ribeiro. A Assistência não poupou aplausos, sendo bisados vários números. Da parte distribuída as crianças causou ruidoso sucesso o bailado “Flores sertanejas”. [...] No salão um seletto grupo de senhoritas serviu um dedicado *nine o clock tea*. A fotografia que estampamos mostra as crianças encarregadas da parte Teatral. O festival foi repetido no dia 25 em benefício das obras da igreja de N.S. do Rosário tendo ainda boa assistência. (ERA NOVA, N°05, 1921, p.15).

Os eventos de caridade foram se propagando pelas regiões brasileiras no decorrer do século XX, aqui na Parahyba do Norte, esses eventos vão ser usados para angariar fundos as Instituições de Caridade beneficiando crianças pobres e abandonados, outros eram realizados com o intuito de reformas das igrejas ou socorro aos flagelados³⁹ atingidos pelas secas, entre outras causas. As publicações sobre os eventos de caridade nos jornais estavam imbricadas de significados e intenções, primeiro que funcionavam como um mecanismo para atrair outros membros da sociedade a contribuir com doações para as instituições, buscando evocar nos

³⁹ **Pellos Flagelados** – A loja Maçonica Regeneração do Norte vai promover nestes breves dias uma festa de arte, numa das casas de diversão, com o fim de socorrer os nossos desventurados patrícios, torturados pelos efeitos da seca. Ontem a noite, esteve nesta redação uma comissão de membros da referida Loja que nos veio comunicar isso mesmo, adiantando-nos que será solicitado o apoio do comércio, para melhor êxito dessa louvável iniciativa. (*A União*, 1920, N.º31, p.02)

cidadãos um espírito caridoso, outro ponto importantíssimo é que os Jornais serviam para enaltecer esses sujeitos caridosos, conferindo a eles o *status* de cidadão bondoso, ilustre e consequentemente reafirmando para a sociedade o quão rico era, por isso os eventos quando divulgados muitas vezes traziam consigo o nome de alguns sujeitos, como vimos acima do sr. *Coriolano Medeiros*. Essa nova forma de se fazer caridade era uma vitrine para a benevolência e para o engrandecimento socialmente do doador e de seu sobrenome, inclusive quanto maior fosse a doação, maior seria o prestígio do caridoso na sociedade Parahybana.

Geralmente esses eventos caritativos eram organizados pelas mulheres, principalmente quando nos referimos aos realizados pelo Instituto de Proteção e Assistência à Infância, como vimos acima quando a *Era Nova* deixa bem claro que a festividade em questão foi promovida pelas “Damas Protetoras”, a essas mulheres eram encarregadas a função de promover e arrecadar fundos por meio de festividades benevolentes, a elas também eram destinada a tarefa de distribuir as roupas, brinquedos e outros objetos doados para as crianças atendidas pela Instituição, é importante ressaltamos que a filantropia e a assistência aos desvalidos contava fortemente com a colaboração da figura feminina.

As Damas Protetoras organizavam as festividades impecavelmente, tudo era pensado para transmitir a imagem que as crianças estavam recebendo um excelente atendimento por parte do Instituto, os benfeitores e a sociedade em geral precisavam ter “provas” que o dinheiro doado estava realmente contribuindo para o desenvolvimento daqueles petyzes e consequentemente para o bom futuro da pátria, por isso durante essas festividades as crianças pobres se apresentavam através de peças teatrais, musicais, entre outras formas para os presentes no evento, mostrando as habilidades adquiridas graças as doações recebidas, além disso, as mesmas mostravam o quão bem de saúde se encontravam, entretanto se mostrar apenas para os convidados do evento não era suficiente, era preciso documentar aquelas crianças para todos os que não estivessem presentes, documentar para o futuro como uma “prova” da benevolência, da filantropia e do assistencialismo praticado pela sociedade Parahybana. Para isso a *Era Nova* nos apresenta uma fotografia das crianças participantes do festival de caridade realizado pelo Instituto. Vejamos:

Imagem 33 – Grupo de senhorinhas e crianças que tomaram parte do festival realizado no dia 21 no Santa Rosa



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 01/06/1921, nº 05)

A *Imagem 33* é um documento sobre as ações do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, nela encontramos uma parte das meninas beneficiadas pela benevolência dos cidadãos que compunham e contribuía com o Instituto, vislumbramos algumas meninas bem vestidas com seus vestidos, outras aparecem com roupas mais simples, nos pés repousavam os sapatos e as meias, na cabeça uma única menina tinha a presença de um laço, algo bem diferente quando contemplamos as fotografias das meninas pertencentes às classes afortunadas da sociedade, as quais a maioria delas apareciam com laços nos cabelos ou joias nos corpos e roupas da moda. As mesmas ainda eram “sortudas” de terem roupas e calçados, oriundas de famílias pobres, na grande maioria das vezes seus pais não lhes podiam comprar roupas ou sapatos, muito menos joias, suas melhores vestimentas eram graças à caridade de homens e mulheres.

Outro ponto de grande relevância na respectiva fotografia, é que nela encontramos crianças negras até então “escondidas” pela *Era Nova*, vimos aqui nessa pesquisa um periódico agregado aos pilares da eugenia, sendo assim essas crianças negras não deveriam aparecer, as mesmas segundo os preceitos médicos e cientistas logo iam desaparecer, a *Era Nova* tratou de “sumir” com esses petyzes, e quando nos aparece com elas é em uma condição de inferiores, como nos diz Boris Kossoy são as “[...] intencionalidades da fotografia”, imbricadas com um tempo e uma sociedade, em função de um desejo particular ou de um grupo, uma intenção

guiada pelos costumes e hábitos dos outros, principalmente das autoridades jurídicas, médicas e religiosas. Conscientes disso, é evidente o desejo da *Era Nova* ocultar as crianças das suas folhas todas as crianças que fugissem a regra da eugenia e da higiene das primeiras décadas do século XX, e só se referir a elas de uma maneira inferior ou para enaltecer as ações benevolentes de cidadãos Parahybanos, essas crianças para além do que já foi dito, servia de escada para aumentar o prestígio dos benfeitores.

Todo esse espírito caritativo e o cuidado com a saúde das crianças fez com que surgisse na Parahyba do Norte a Clínica de assistência dentária, idealizada e fundada no dia 20 de outubro de 1924 por um grupo de cirurgiões dentistas.

A Assistência Dentária Infantil, que tão bons serviços vêm prestando a infância pobre desta capital representa o fruto de um bem orientado esforço, digno dos mais altos elogios. A ideia da sua fundação nasceu no seio da Associação Parahybana de Cirurgiões Dentistas, e graças ao amparo moral que logo mereceu, por parte de quase todos os membros daquele sodalício, foi a Assistência Dentária Infantil fundada em 20 de outubro do ano passado. A iniciativa contou com os aplausos mais espontâneos por parte da nossa sociedade. E assim é que se organizaram diversas festas de beneficência cujo produto reverteu em seu favor. O governo do Estado, por sua vez, veio ao encontro do elevado desejo da Associação dos Cirurgiões Dentistas. A Assistência Dentária Infantil, veem os distintos profissionais que estão à frente dos seus destinos, com uma solicitude acima de qualquer louvor, se esforçando no sentido de darem cabal desempenho as suas humanidades flagelantes. [...] já foram registrados por essa Instituição 330 crianças, tendo prestado, somente nesses últimos dois meses 742 serviços. (ERA NOVA, N° 90, 1925, p. 21).

A Clínica de assistência dentária às crianças eram divulgadas nas páginas da *Era Nova* com bastante entusiasmo e louvor, os profissionais responsáveis por essa ação eram vistos como cidadãos benevolentes verdadeiras “almas caridosas” dispostos a cuidar e zelar pela saúde da infância pobre e desvalida. Com o surgimento das novas condutas e regras de higiene a dentição dos *petyzes* passaram a ser foco dos cuidados médicos, a mesma não poderia ser negligenciada, conscientes que o período da dentição era/é um momento perigoso na vida de meninos e meninas, dentes mal cuidados é uma espécie de “porta aberta” para o aparecimento de enfermidades, além disso, cuidar dos dentes também tinha um sentido estético crianças higiênicas deveriam possuir um dentição perfeita, toda essa importância fica evidente quando a citação acima nos informa o número de crianças atendidas na respectiva clínica dentária e ainda reforça a informação com a publicação de uma imagem das crianças beneficiadas por esses dentistas, vejamos:

Imagem 34 – Clínica de Assistência Dentária



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 15/11/1925, nº 90)

A *Imagem 34* nos mostra o tão importante prédio da Assistência Dentária, nela estão presentes dois cirurgiões dentistas que compunham essa ação assistencialista e dezenas de crianças beneficiadas por essa ação, novamente encontramos crianças na grande maioria negras, são raros os *petyzes* brancos que vimos nessa imagem, reforçando o ideal eugênico existente da época. A iniciativa desses dentistas representava uma importante contribuição social, nela os dentes das crianças carentes eram cuidados e protegidos, representava também uma mudança de hábitos e costumes, um processo educativo de higiene e cuidados com a dentição dos *petyzes*, afinal os dentes mal cuidados comprometiam a saúde e a estética dos *pequeninos*. Uma dentição precária poderia comprometer o projeto de pátria desejado nesse período, essas crianças, mesmo sendo pobres precisavam ser sadios para conseguirem assumir futuramente os seus postos de trabalho, por exemplo, não era interessante uma madame da alta sociedade ter em sua casa uma empregada com dentes estragados, cuidar da saúde bucal dos *petyzes* sejam eles pobres ou ricos era um gesto também de prevenir doenças futuras que podiam comprometê-los de assumir seus respectivos trabalhos.

Todas essas ações caritativas são louváveis, dignas de aplausos e reconhecimento, gestos que amenizavam um pouco o sofrimento dessas pobres crianças, entretanto, esse assistencialismo não encerrava com a infância desvalida, não sanava esse problema social que continuou e continua presente na sociedade. Percebam que a *Era Nova* não aprofunda a realidade das crianças pobres, órfãos e abandonadas, não apresenta em suas folhas como essas meninas e meninos viviam excluídos da sociedade, recebendo instruções suficientes apenas para saberem ler e escrever e conseguirem trabalhar nas fábricas, em alguns comércios, serviços domésticos, uma instrução com propósitos de formar sujeitos para assumir serviços braçais no futuro e impedi-los de entrar nos caminhos da imoralidade e marginalidade, a mentalidade da época era que a marginalidade e a indisciplina seriam corrigidas por meio do trabalho. Vemos um discurso de elogios, agradecimentos e generosidades, um discurso que escondia a realidade dessas pobres crianças que eram instruídas ao conformismo e qual o seu lugar social. Nesse discurso propagado na *Era Nova* não lemos as proibições incutidos aos cidadãos pobres, aos *petyzes* que em breve seriam adolescentes e adultos, não encontramos um discurso afirmando que essas crianças eram tratadas como seres inferiores, esquecidos dentro de espaços como o Orfanato Dom Ulrico, excluídas de gozarem o processo de modernização e urbanização da cidade, e sim um discurso de uma sociedade, de um Estado que protege, educa e cuida da infância desvalida.

Como dito anteriormente, a história da infância principalmente pobre é marcada de dores e lágrimas, de punições e exclusão, a história nos revela que crianças órfãs ou em situação de abandono, tinham um destino quase certo no Brasil das primeiras décadas do Século XX: o orfanato. O Brasil tem uma longa tradição de internação de crianças nas instituições, vimos anteriormente o quão forte foram as rodas dos expostos e as Santas Casas de Misericórdia, ao mudar o regime político para a então República, logo surgiram outras formas de assistência à infância desvalida e abandonada, são os chamados orfanatos ou internatos, considerados como um mecanismo capaz de “salvar” a infância brasileira do Século XX. Essas Instituições vão se destacarem como mecanismos para viabilizar os ideais de civilização, tão almejados pelas elites políticas e econômicas, e pelo o Estado, para colocar em prática o projeto de civilização e pátria, neles meninos e meninas iam passar por todo o processo necessário para se tornarem sujeitos leais a pátria.

Os Orfanatos, sejam eles de iniciativa pública ou privada, disciplinavam e instruíam meninos e meninas para uma “profissionalização” seguindo a lógica do capitalismo, da elite e do projeto de nação brasileira. Essas Instituições surgem como uma forma de recolher, criar e educar todas as crianças abandonadas, órfãs e pobres, vistos como “parasitas sociais” “símbolos

do atraso e da delinquência” que se não recolhidos trariam grandes problemas para a sociedade e para as cidades que cada dia se modernizava e urbanizava, o único caminho para sanar esse problema era “enclausurá-los” e ensinar-lhes ofícios, era necessário adestrá-los para a responsabilidade.

Os orfanatos se alastraram pelas regiões brasileiras no Século XX, em 1922, foi fundado na Parahyba do Norte o orfanato D. Ulrico, a idealização desse orfanato ocorreu em 1913, entretanto, o mesmo só foi posto em funcionamento 9 (*nove*) anos depois. Esse espaço já era noticiado e aplaudido nas páginas da *Era Nova* antes mesmo de sua inauguração, exaltando o projeto e seu idealizador, assim como a Parahyba do Norte, vejamos:

As nossas Instituições de Beneficência

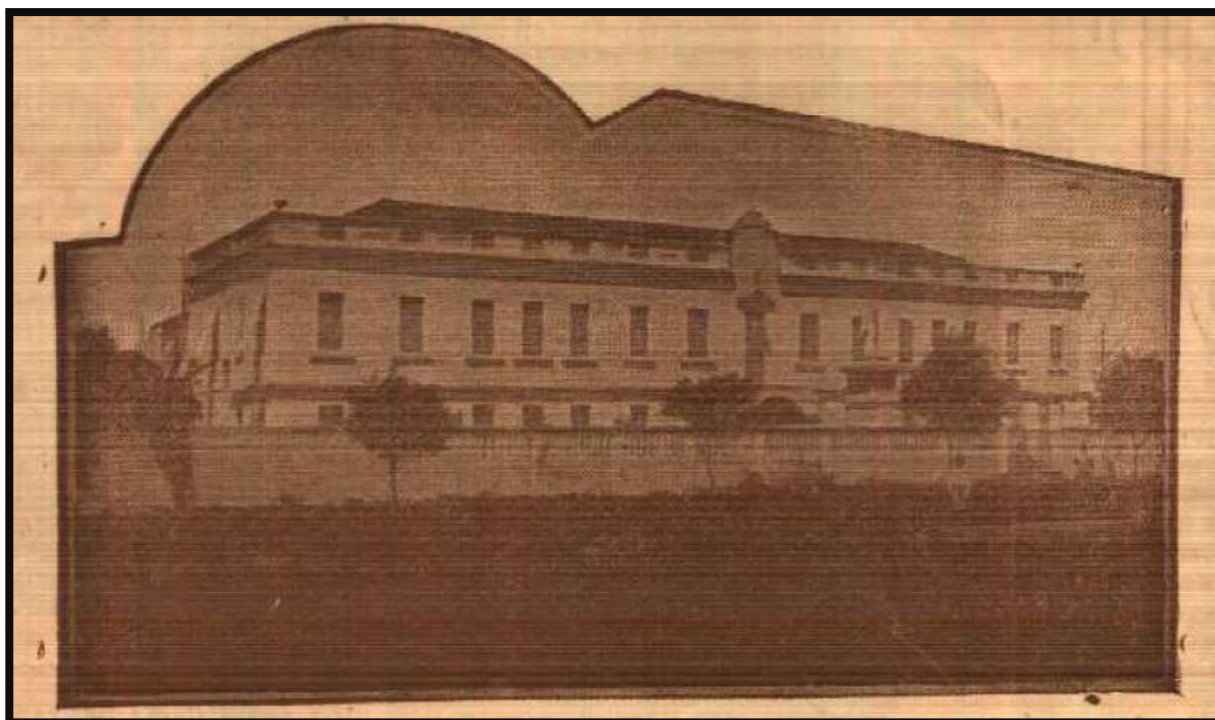
O Orfanato D. Ulrico

[...] Caberá a Parahyba, assim pequena, humilde e quase desconhecida, posto dos mais honoríficos. Fazendo-se alardo das Instituições e fontes de vitalidade, quem não vê que a Parahyba entra com o seu quinhão elevadíssimo para o progresso do mundo? [...] constituem padrão de glória para nossa gleba estes famosos Institutos de beneficência que são a Santa Casa, o Asylo de Mendicidade, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância, o Orfanato D. Ulrico, etc. Cada um deles são mill falas a engrandecer o nome da Parahyba. O Orfanato D. Ulrico [...] um abrigo seguro para os órfãos e os desfavorecidos da sorte. Graças a Heráclito [...] a sua iniciativa, á sua tenacidade e descortino e sabia direção deve a Parahyba este instituto modelo, com seu prédio confortável e higiênico, de tudo provido de água e luz, e modesto imobiliário, e com seu rico e bello pomar – um mimo e encanto, de bem cuidado que é. [...]. Tem, pois, a Parahyba muito de que se orgulhar. Sem posse nem recursos que não os seus, posta ao alto para ser vista de todos. E o Orfanato D. Ulrico lidima glória nossa, e a toda a benemerência faz jus o seu honrado diretor, que está acima de todos os elogios. (ERA NOVA, N° 01, 1921, p. 16-17).

A *Era Nova* apresenta um artigo completo sobre o orfanato D. Ulrico uma instituição que, segundo a mentalidade da época, coloca a Parahyba na glória e na honra, um empreendimento nobilíssimo para o cuidado da infância desvalida, idealizado e fundado pelo Sr. Heráclito Cavalcanti⁴⁰. Foram 9 (*nove*) anos de arrecadação de fundos para que esse empreendimento fosse posto em funcionalidade, a sociedade Parahybana era convidada nas páginas dos Jornais a contribuírem para essa obra tão caritativa, médicos, políticos, comerciantes; a elite da sociedade, foram alguns dos benfeitores que contribuíram significativamente para a construção e a equipagem do prédio. Vejamos a seguir a imagem da instituição:

⁴⁰ Heráclito Cavalcanti Carneiro Monteiro nasceu na cidade de Bananeiras – Parahyba, em 1872. Formou-se em Ciência Jurídica e Sociais na Faculdade de Direito no Recife. Atuou em várias áreas relacionada ao direito, como promotor público, juiz de direito na comarca de Itabaiana, curador de órfãos entre outras funções. Na Parahyba do Norte fundou o Orfanato D. Ulrico ficando na presidência da Instituição até 1930.

Imagem 35 – Edifício do Orfanato D. Ulrico



Fonte (*Era Nova*, Paraíba. 15/05/1921, nº 01)

Na referida *Imagem 35* encontramos o nobilíssimo edifício do Orfanato, vislumbramos um empreendimento grandioso inserido nos padrões de higiene do Século XX, a grandiosidade desse espaço nos leva a imaginar que muitas crianças moravam/eram criadas ali, construído na Avenida João Machado, esse orfanato recebia meninas pobres, órfãs e abandonadas acolhidas pelas irmãs de Santa Catarina de Sena, uma assistência voltada, sobretudo, para o amparo da infância desvalida feminina. Dentro desse espaço, essas pobres meninas aprendiam a ler e escrever, e principalmente aprendiam ofícios relacionados aos serviços domésticos como: culinária, limpeza, costuras; babás entre outros, todos esses ensinamentos estavam imbricados com intenções, logo essas garotas seriam encaminhadas para prestarem serviços nas casas de famílias da elite Parahybana, muitas vezes, sem qualquer remuneração, em troca apenas de moradia e um prato de comida., essas *petyzes* foram domesticadas e disciplinadas dentro dessa instituição, para assim servirem as classes ricas, era esse o projeto de pátria colocado para a infância feminina pobre e abandonada.

O Orfanato D. Ulrico vai se constituir numa linha tênue, em papéis contraditórios, de um lado retira essas meninas das ruas, da fome e da miséria com o discurso de impedir que sigam o caminho da marginalidade e prostituição, entretanto, eles retiram essas crianças das ruas porque maculavam a imagem da modernidade urbana, com seus corpos magros e doentios, suas práticas indolentes e anti-higiênicas, colocam elas no enclausuramento do orfanato e só as

retiram quando estão prontas para servirem a elite, essa “*elite tão generosa*” mostrada nas páginas da *Era Nova*, uma elite que passa a ser vista e se autodenomina como contribuidores pátria e da manutenção da ordem, a *Era Nova* nos diz que a elite Parahybana era generosa e zelosa com a infância desvalida, mas não informa que essa mesma elite era a que colocava regras e imposições para excluir e afastar essas crianças pobres de suas ruas, dos espaços modernos como as praças e jardins da cidade, as quais vão criar regras de vestimentas para assim impedir que essas meninas (empregadas domésticas) não frequentassem esses lugares, evitando de misturá-las às moças ricas e educadas da sociedade.

Essas Instituições Assistencialistas tanto para meninos como para meninas vão se constituir para além de tudo que já foi dito como mecanismos de ordem e disciplinarização da Infância Desvalida, para elas só através do trabalho essas crianças seriam corrigidas e se adequariam ao projeto de nação. Segundo a historiadora Del Priore:

As primeiras décadas do século XX vão ser marcadas pela tentativa de disciplinar as crianças consideradas “perigosas” para a sociedade, tendo em vista a pobreza e a “vadiagem”, o que faziam com que andassem nas ruas causando medo. A educação não era vista como um mecanismo de controle social, apenas o trabalho era visto assim. Acreditava-se de forma generalizada, que o ócio deveria ser combatido com o trabalho. (DEL PRIORI, 2010, p. 37)

Sabemos que as primeiras décadas do regime republicano brasileiro representaram um período importantíssimo no processo de modernização, urbanização e da industrialização das cidades, com isso os centros urbanos cresciam e se dinamizavam, paralelamente veremos que o número de habitantes também vai crescendo com todo esse processo, e as ruas que a cada dia se reorganizava de acordo com a modernidade e os novos hábitos também vai se tornando lugar da mendicância, dos furtos e da pobreza. Crianças pobres ou abandonadas vão ter as ruas como suas casas, causando medo e apreensão na população que temiam serem roubados, mais que isso, essas crianças atrapalhavam o projeto de nação, de progresso e civilidade. Essa infância que fugia dos padrões de infância ideal que analisamos anteriormente, serão retiradas das ruas e colocadas nas instituições assistencialistas como o orfanato D. Ulrico, essa infância seriam alvo de sérias preocupações, em uma sociedade estruturada sob o conceito da eugenia, do progresso e da ordem, essas pobres crianças iriam passar por um processo de disciplinarização e correção para atender às demandas da modernidade, vigiadas por autoridades médicas, jurídicas, políticas; religiosas e, sobretudo, pela sociedade, para impedi-los de cometer erros ou seguirem o caminho da marginalidade e da indecência, manchando a aura republicana brasileira do Século XX, a eles eram incutidos castigos, regras e os hábitos da modernidade, essa infância também era vista como “*semente do futuro*”, mas uma semente para servir às classes ricas da sociedade, uma semente para assumir todas as tarefas consideradas inferiores, a essa infância

era destinado tudo aquilo que não cabia aos *petyzes* da elite, por isso a elas eram destinado tanto cuidado para que logo viessem assumir seus respectivos lugares na sociedade e nas cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa só se fez possível por meio da renovação historiográfica e do alargamento das fontes históricas, o “*novo olhar*” para a história, fez nós historiadores nos debruçarmos por áreas, documentos e sujeitos até então esquecidos, considerados a-históricos, os novos tempos historiográficos trouxeram mudanças, aberturas, possibilidades, questionamentos e retornos a história e as pesquisas históricas, a *Nouvelle Histoire* surgiu como uma reação aos paradigmas tradicionais, a uma história “acabada” e “inquestionável”.

Em meio aos retornos historiográficos, há uma retomada da narrativa, da cultura, do político; o social, as mentalidades, da biografia, de abordagens consolidadas que pareciam até o momento, incontestáveis, aspectos que haviam sido, de alguma forma, ignorados ou reprimidos pela escrita tradicional, reemergiram para os historiadores e sua escrita, a *Nouvelle Histoire* se atenta para qualquer detalhe, para o micro - esse que era tão esquecido pela visão macro da história tradicional, com isso surge uma nova prática de fazer/escrever a história, novas preocupações e novos redirecionamentos.

As novas abordagens historiográficas nos apresentam uma visão importantíssima para tecermos nossas pesquisas, e que tanto fiz uso dela aqui nessa escrita, a visão que “tudo é discurso”, guiados por essa visão, nós historiadores passamos a compreendermos os discursos como mecanismos que partilham uma ideologia e a cultura de uma determinada sociedade, estão imbricados com o tempo e o lugar, são sistemas ou regimes geradores de opiniões e reguladores sociais.

O discurso constrói um conhecimento, define o sujeito, moldando-o e quem ele é e o que ele pode ou não fazer, o discurso não estar nem se constrói sozinho, o mesmo se encontra envolvido com instituições de poderes como a igreja, o Estado, os médicos, os meios de comunicação e a própria elite, ele segue os saberes já impostos por essas instituições, e se encontra em todas as partes, como nos hábitos e costumes, nas vestimentas, em práticas culturais, e sem dúvidas, na fotografia.

Inserida nos novos padrões de fazer/escrever história, percebi o quão as fontes imagéticas têm a nos informar, revelar e desconstruir visões tão arraigadas, afinal as mesmas são constituídas de discursos, intenções e desejos. Enveredarmos no campo das fotografias é uma tarefa árdua, um caminho de “silêncios” até então, afinal muitas vezes o que encontramos é apenas a fotografia ali congelada e conservada no papel, e foi isso que encontrei quando decidi analisar o processo de modernização e a infância por meio das fotografias publicadas na revista

Era Nova, imagens congeladas e silenciosas. Por muitos momentos fiquei analisando essas fotos que encontrava no decorrer da pesquisa e me questionava, o que essa *fotografia guarda*? *O que ela pode nos revelar*? Será que realmente estava indo para o caminho correto? Mas o que é o caminho correto? É querermos encontrar as respostas que estávamos buscando, ou é mergulharmos no silêncio e rompermos com ele?

Logo comecei a romper com esse “silêncio” e “congelamento” passando a conceder voz a essas fontes, esmiuçando-as e a compreendendo-as enquanto documentos importantíssimos para a história. As fotografias são campos de significados, de recordações, são discursos culturais e sociais, e como fonte de pesquisa, propiciam a ampliação da visão do historiador colocando em cena novos atores sociais até então considerados a-históricos como as crianças, outras interpretações históricas surgem, essas fotos nos permitem retornos historiográficos, mas para isso é imprescindível sabermos interpretá-las e interrogá-las, tal campo se constitui como uma chance de caminharmos pelo passado, por um contexto histórico-social, por momentos históricos, dar formas ao que era apenas falado, nos concedem a alegria de vermos os nossos antepassados.

Foram nas *Fotografias de Crianças* publicadas na *Era Nova* que encontrei uma maneira de escrever sobre a *Infância Parahybana*, vejamos que essa temática também estar relacionada com o novo fazer historiográfico, assim como a própria fonte histórica aqui usada, é uma dupla relação de novos conceitos históricos, ou seja, fonte e temática. Sabemos que pesquisar sobre a temática da história da infância na sociedade brasileira, é algo relativamente recente, uma abordagem que só se tornou realmente alvo das pesquisas de estudiosos brasileiros na década 1980, até então essas crianças eram tidas como a-históricas, entretanto, a nova realidade histórica nos faz perceber que esses pequenos sujeitos têm história sim, e mais que isso, eles nos guiam para a compreensão da sociedade que estão inseridos.

As crianças estão em todas as partes, nas ruas, nos parques, nas casas; em orfanatos, nas praças e jardins, nas escolas, seus destinos variam de acordo com o seu lugar social e o tempo histórico, uma coisa é certa esses *petyzes* sempre existiram, há aqueles que brincam ou roubam, os que são cuidados ou desprezados, criados ou abandonados, amados ou usados, essa pesquisa nos mostrou bem isso, nela percebemos que o lugar da criança brasileira nem sempre foi o mesmo, aqui nesse recorte temporal foi um lugar que se alterou de acordo com o processo de modernização que o país começava a vivenciar, onde crianças saíram do anonimato para a condição de sujeitos importantes e fundamentais para um projeto de nação desejado.

Vimos a construção da *Infância Parahybana* por intermédio dos discursos escritos e imagéticos presentes nesse periódico, nela encontramos uma Parahyba do Norte que cada dia

se reestruturava seguindo as tendências modernizadoras tanto na aparência arquitetônica, como nos hábitos e costumes dos seus cidadãos, uma Parahyba que construía prédios comerciais, repartições públicas e edifícios para o amparo a saúde, uma cidade que reformava suas casas, as ruas eram calçadas e ampliadas para receber os sujeitos modernos, o saneamento básico já era uma realidade para uma parte dos cidadãos, tudo isso é possível vermos na *Era Nova*, uma cidade que se adequava as regras e aos conceitos dos médicos higienistas, e que se “espelhava” no processo de urbanização e modernização dos grandes centros urbanos, mudanças estruturadas para receber e cuidar da infância essa que agora é pensada como o futuro da nação.

Entretanto, essas mudanças eram destinadas a classe da elite, os pobres quando eram beneficiados por esse processo era para findar um problema social que estava atrapalhando o projeto de nação, vimos dois modelos de infâncias construídos aqui, uma infância que vai desfrutar de todos os benefícios, das construções, dos produtos que surgiram com a modernidade, que são os filhos dos homens ricos da sociedade, são esse público que tiveram lugar de destaque na revista, trajados com roupas finas, seus corpos eram marcados pelas novas regras de higiene e do eugenismo, além disso, traziam consigo os símbolos de poder aquisitivo como joias, chapéus, laços entre outros, essas meninas e meninos vão “desfilar” com seus brinquedos importados pelas praças e jardins construídos na cidade – tudo isso refletia na imagem ideal de criança do Século XX.

Do outro lado, encontramos a infância pobre, essa tão “escondida” nas páginas da revista, uma infância que só é referenciada para enaltecer a própria sociedade rica da Parahyba, nas imagens não encontramos crianças nas ruas ou em situações de miséria, esse fato era apagado da *Era Nova*, na verdade o que é mostrado são os prédios para abrigar a infância *abandonada e desvalida*, e algumas poucas fotografias de crianças bem cuidadas, frutos da benevolência e cuidado da elite e das instituições, nas análises documentais e nos rompimentos com os silêncios percebemos uma infância enfaticamente orientada para o trabalho, para o adestramento físico e moral, para servir à pátria e aos outros.

Devemos deixar claro que estudar a história da infância no Brasil é compreender para além do universo infantil, enveredamos em uma série de distinções sociais e culturais que formam a sociedade brasileira desde a colonização portuguesa, é termos consciência que o conceito de criança não é estático e fechado, e sim que no decorrer do tempo ele se ressignifica de acordo com o contexto histórico, essa criança é um motor-histórico nele estão as marcas de um recorte temporal e espacial, nessa pesquisa vimos que a vida desses *petyzes* vão ser pensadas e reguladas por setores da sociedade, um novo conceito de infância surgiu nas primeiras décadas do século xx, e juntamente com ele novas demandas e regras também vão aparecer, uma

infância que é preciso estar inserida em uma cidade moderna, com pais amorosos, honrosos e higiênicos, um Estado que zelasse pelo bom desenvolvimento dessas crianças e sobretudo amparasse aqueles desvalidos, afinal eles eram partes importantíssimos no projeto de nação, a eles estavam reservados os serviços braçais-domésticos, trabalhos considerados inferiores.

Estamos lidando com a construção de infâncias disciplinas e orientadas a contribuir com a sociedade e a pátria, construída de acordo com os pilares do eugenismo e do higienismo, é exatamente essa mentalidade que encontramos impressas na *Era Nova* quando dela nos apropriamos para debruçarmos sobre a história da infância. Aqui chegamos ao fim dessa pesquisa historiográfica, mas isso não significa dizer que as inquietações e as interpretações sobre essa temática foram encerradas, ou a famosa ideia “tudo foi já dito” longe disso, a história nos permite aos “retornos historiográficos” aos “novos olhares” dessa maneira, a história sobre a *Infância Parahybana*, assim como o universo das temáticas, podem passar por constantes reformulações e ressignificações possibilitadas pelas *delícias* do arquivo e da história.

REFERÊNCIAS

FONTES CONSULTADAS

Jornal A União. Parahyba do Norte.

Gazeta da Parahyba.

Revista Era Nova. Parahyba do Norte.

BIBLIOGRAFIA

ABRANTES, Alômia; NETO, Martinho Guedes dos Santos. **Outras Histórias. Cultura e Poder na Paraíba [1889 – 1930]**. João Pessoa: Editora Universitária as UFPB, 2010.

ALMEIDA, M. C. F. **Espaços públicos em João Pessoa (1889-1940): formas, usos e nomes**. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, W. **A Obra de arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica** (Org. e Prefácio – Márcio Seligmann-Silva), Tradução: Gabriel Valladão Silva, 1ª Edição, Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 79.

BOURDIEU, Pierre. **Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe**. In: A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. **Um art Moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie**. Paris: Minuit, 1965.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; FILIPPI, Patrícia; LIMA, Solange Ferraz de. **Como tratar coleções de fotografias**. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **As singularidades da modernização da Cidade da Parahyba, nas décadas de 1910 a 1930**. Tese. Recife: UFPE/PPGH, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Instituto de Cultura Portuguesa, 1985.

COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (org.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DUBY, George. **História da vida privada 1: do Império Romano ao ano mil**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FREIRE DA COSTA, J. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal. 1989.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996. LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1990.

KOSSOY, Boris. **Hercules Florence 1833: a descoberta isolada da Fotografia no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

_____. (2001). **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial.

LEOPOLDI, José Savio. **Escola de Samba, Ritual e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

LIRA, Bertrand de Souza. **Fotografia na Paraíba: um Inventário dos fotógrafos através do retrato (1850 a 1950)**. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

MARCILLIO, M. L., (2001). **A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil**. In: FREITAS, M. C. de, (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez.

MARIZ, Celso. **Evolução Econômica da Paraíba**. João Pessoa, A União Cia. Editora, 1978.

MARTIN-FUGIER, Anne. **Ritos da vida privada burguesa**. In: PERROT, M. (Org.). *História da vida privada*. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº.2, 1996, p. 73-98.

_____. **Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Niterói: Eduff, 2008.

NEGREIROS, Carmem. **Belle époque [livro eletrônico]: debates críticos do IV fórum de estudantes Labelle / organização Carmem Negreiros, Fátima Oliveira, Rosa Gens. – 1. ed.–** Rio de Janeiro: Corrêa Editor, 2021.

NEWHALL, Beaumont. **História de la fotografia**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

OLIVEIRA, Luiza Pegado Cortez de. **Entre casas, ruas e igrejas: crianças abandonadas na cidade da Paraíba oitocentista**. Dissertação (Mestrado em História). João Pessoa: UFPB, 2014.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PRIORE, M. D. **História das crianças no Brasil**. Mary Del Priore organizadora 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

REINALDO, Gabriela. **Rosto na mídia e rosto como mídia: as contribuições de Hans Belting para o estudo do rosto**. Revista Famecos. Porto Alegre - RS, volume 26, número 2, maio/agosto, 2019.

ROCHA, Amara S. de S. **A sedução da luz: Eletrificação e imaginário no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Revista de História Regional. Vol. 2. n. 2. 1997.

ROCHA, Martinho da. **Cartilha das Mães: cuidados, educação e alimentos do bebê**. Civilização Brasileira S/A- Rio de Janeiro, 1935.

SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VASCONCELLOS, A. de. **Luta contra o analfabetismo**. In: CONGRESSO NACIONAL DOS PRÁTICOS, 1., 1922, Rio de Janeiro. Actas e Trabalhos. Rio de Janeiro: Publicações Científicas, 1923, p. 475-486, p. 482.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Fon-Fon! em Paris: passaporte para o mundo**. In: **FonFon! Buzinando a modernidade**. Rio de Janeiro: Cadernos de Comunicação – Prefeitura do Rio de Janeiro, out. 2008.

WEINSTEIN, Robert A. & BOOTH, Larry. **Collection, Use and Care of Historical Photographs**. Nashville, American Association for State and Local History) 1977.

WOOD, Russel, A. J R. **Fidalgos e filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755**. Brasília. Universidade de Brasília, 1981.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA - UAHis
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH**

Termo de depósito final de Dissertação

Encaminho a matriz final, em meio impresso e magnético (arquivo PDF), do trabalho **FOTOGRAFIA, MODERNIDADE E INFÂNCIA NAS PÁGINAS DA REVISTA PARAIBANA ERA NOVA (1921-1926)** elaborado pelo (a) pós-graduando (a) **MARÍLIA CRISTINA DE QUEIROZ**, sob minha orientação, no Programa de pós-graduação em história da UFCG.

Atesto, ainda, que foram efetuadas todas as correções determinadas pela Banca Examinadora, estando o mesmo tecnicamente correto em sua forma e estrutura de apresentação.

Solicito as providências cabíveis para sua inclusão no acervo físico da Biblioteca Central e a Biblioteca do Programa de Pós-Graduação de Historia.

Aluno (a) depositante: MARÍLIA CRISTINA DE QUEIROZ Data: 25/05/2023

Prof. Orientador. Dr. JOACHIN DE MELO AZEVEDO SOBRINHO Data: 25/05/2023

Recebido

por: _____ Data: ____/____/____

Responsável da Secretaria de Pós-Graduação

Rua: Aprígio Veloso, 882-Bairro Universidade - CEP: 58429-140 – Telefone: 2101-1495 Campina Grande - PB